

este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil conto

Diário de Lisboa

edição
da
noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
TERÇA-FEIRA, 2 DE MARÇO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 310 ANO 50.º PREÇO 1\$50

1x2

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana?
Na pág. 16 pode encontrar uma ajuda...

totoBOLA



A EXPLOSÃO NO CAPITÓLIO PROVOCOU NOS EUA UMA ONDA DE FÚRIA

WASHINGTON, 2 — (R.) — A Polícia e o F. B. I. investigam hoje a hipótese de que a bomba colocada ontem numa sala do Senado tivesse sido obra de elementos contra a guerra.

Cerca de meia hora antes da explosão foi recebido um telefonema anónimo indicando que se tratava de uma vingança por causa da incursão no Laos, apoiada pelos americanos. Além disso, dois telefonemas misteriosos logo a seguir á explosão, e portanto antes que a notícia tivesse tido tempo de se espalhar, perguntavam se tinha havido estragos. Um dos telefonemas veio de Chicago e o outro de Spokane, no outro extremo do país.

A explosão, que causou importantes estragos na ala onde funciona o Senado, provocou uma onda de fúria em todos os Estados Unidos e.

(Continua na 15.ª página)



Absolvido um sargento no Vietnam do Sul

SAIGÃO, 2 — (F. P.) — Um tribunal marcial vietnamita absolveu um sargento pára-quedista americano acusado de ter morido com uma granada três dos seus homens que não considerava bastante combativos.

Em Março do ano passado, o sargento David Going, de 21 anos, lançou uma granada para o interior de uma casamata onde três homens do

seu esquadrão estavam a fumar marijuana, causando-lhes morte imediata.

«Eles fumavam marijuana durante todo o dia e desapareciam durante horas. Não trabalhavam.» — disse uma das testemunhas.

O sargento Going, embora negando ter agido com premeditação, admitiu que os seus três homens constituíam um «problema» para ele.

COMBATE NO DIA 8

Enquanto Cassius Clay treina com afinco para o embate do próximo dia 8 (o título mundial de «pesados» está em jogo) Joe Frazier, seu adversário, ataca com palavras duras: «Clay é um palhaço» — afirma. A publicidade que activa o combate do Madison Square Garden não perde tempo...

(Ler na pág. 17)

«RAINHAS» DE BELEZA

Contrariando todos os «protocolos», a Rainha (do Turismo) foi esperar a Vice-Rainha (do Ar), hoje regressada de Punta del Este. Aqui as vemos — a Rainha, à esquerda, a «Vice», à direita — no seu «reino», quer dizer, no aeroporto da Portela. Ambas são hospedeiras da TAP (Ler na pág. 8)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (LER NA PÁG. 15)

HOJE 32 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA

LEITOR DO DIÁRIO DE LISBOA

SÓ VANTAGENS EM PARTICIPAR

FALTA MENOS de um mês para terminar o prazo de recepção dos cupões-duplos que habilitam a participar na iniciativa «LEITOR DO

DIÁRIO DE LISBOA», com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso jornal. Conforme temos divulgado, foram ins-

tituídos muitos e valiosos prémios, o 1.º dos quais — um andar em Miraflores e um luxuoso Mercedes-Benz 220 — tornará milionário um leitor do «Diário de Lisboa». Esta possibilidade está, efectivamente, ao alcance de qualquer um da maneira mais simples e prática. Duas coisas são precisas apenas: enviar-nos o cupão-duplo (uma só vez) que temos vindo a publicar,

(Continua na página seguinte)

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

CORRESPONDÊNCIA

Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões) deve ser dirigida a «LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», Rua Castilho, 185. 1.º — Lisboa 1

(Continuação da pág. anterior)

e coleccionar os cabeçalhos das publicações do «Diário de Lisboa» correspondentes ao período de 2 de Janeiro a 25 de Março. Nestas colecções é per-

mitida a falta de cinco exemplares em cada mês.

Qualquer pessoa está ainda a tempo de participar, e, mesmo que não possua os exemplares atrasados do «Diário de Lisboa», basta pedi-los aos nossos Serviços Comerciais (Rua Castilho,

185-1.º) e ser-lhe-ão enviados os jornais em falta. Lembremos, no entanto, que não devem guardar para os últimos dias o envio dos cupões e os eventuais pedidos.

Temos recebido, por vezes, mais do que um cupão de cada leitor. Alguns

leitores fazem-no por recearem que o primeiro se tenha extraviado; outros por não terem lido com atenção o regulamento desta iniciativa na parte em que especifica que cada leitor só pode participar uma vez, ou seja, com um único cupão-duplo. A razão desta cláusula justifica-se pelo facto de pretendermos, conforme

temos por diversas vezes salientado, que os leitores do «Diário de Lisboa» tenham todos as mesmas possibilidades de serem premiados, o que não

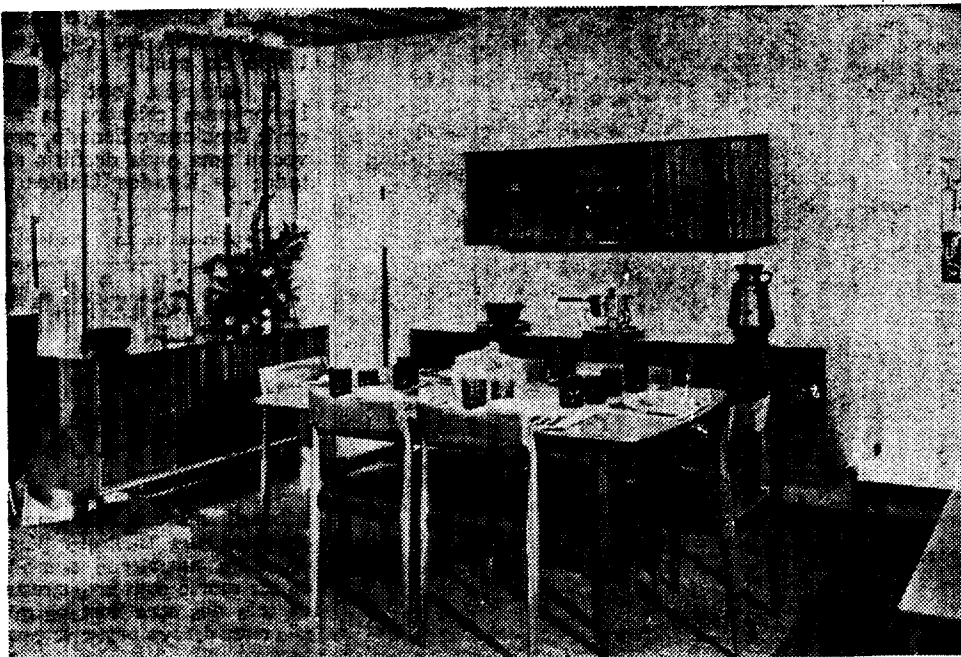
REGULAMENTO

- a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.
- O leitor deverá recortar e preencher o cupão-duplo que estamos a publicar e onde deverá inscrever o seu nome e morada a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda a tabacaria ou o vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»
- preenchido o cupão-duplo este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185-1.º - Lisboa-1 acompanhado de um selo de 1\$00 se pretender que o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja devolvido pelo correio.
- se o leitor pretender que lhe seja entregue, pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identificação não juntará ao cupão-duplo o selo de 1\$00 que se destina logicamente a despesas de correio.
- recebido o cupão-duplo os leitores ficarão classificados por ordem numérica e alfabética. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cartão-duplo.
- o cartão de identidade de leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.
- o leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 2 de Janeiro e 31 de Março de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da 1.ª página do jornal donde consta o nome deste e a data da publicação.

MOBILIÁRIO «OLAIO»

MOBILIÁRIO «OLAIO», NO VALOR DE 18 000\$00 (QUE PODE BEM SER O QUE A GRAVURA REPRODUZ OU OUTRO ESTILO A ESCOLHER PELO CONTEMPLADO) CONSTITUI UM DOS PRÉMIOS DA NOSSA INICIATIVA. A POPULARIDADE DOS MÓVEIS «OLAIO» JUSTIFICA-SE AMPLAMENTE PELA SEGURANÇA E PELA QUALIDADE — QUE DEMONSTRAM O CUIDADO POSTO NA SUA EXECUÇÃO.



ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Assinaturas de, desde já, assinaturas pelo período de da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130\$00
6 " — 250\$00
12 " — 485\$00

Pagamento adiantado, em cheque ou vale de correio

aconteceria se cada um participasse com um número indefinido de cupões.

Mais de mil quinhentos contos de prémios fazem desta iniciativa do nosso jornal a maior de sempre da história da Imprensa portuguesa, justificando o entusiasmo que desde a primeira hora suscitou.

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos, pelo correio o cartão de identidade de «Leitor do «Diário de Lisboa»» deverá juntar ao seu cupão-duplo um selo de correio de 1\$00

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

RECORTE E ENVIE AO «DIÁRIO DE LISBOA»

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

n.º _____ (a)

nome _____

morada _____

localidade _____

telefone (b) _____

profissão (b) _____

(b) Tabacaria, ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

SÃO ESTES OS DOIS CUPÕES IDENTIFICADORES QUE CADA LEITOR DO NOSSO JORNAL TERÁ DE PREENCHER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS. NO CASO DE PRETENDER RECEBER PELO CORREIO O CARTÃO DE IDENTIDADE DE LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA», DEVERÁ JUNTAR UM SELO DE 1\$00

NOTAS DE REGRESSO À PÁTRIA (I)

DE INCOMPETÊNCIA PARA INCOMPETÊNCIA

Passar o Canal da Mancha depois de mais um ano seguido de Inglaterra é entrar noutra mundo. Deixa-se o mundo da incompetência exaltada, da improvisação, do rasgo. O grande colégio interno calvinista fica para trás, lançando ainda para o continente os seus turistas, convictos da sua seriedade e da sua razão e preparados para de frontar as astúcias e logros dos continentais latinos — franceses do sul, espanhóis, italianos a quem Deus deu sol e praias mas não deu vergonha. Os britânicos enfrentam-nos com o fascínio apavorado com que os camponeses alentejanos entram em negócios de mulas com ciranos. No ferry em que atravessei o canal viham vários — o mais notável grupo era um de escuteiros escoceses, cinco, de nove a trinta e cinco anos, o chefe com uma faca na meia. «Grupo de meninos vestidos de tontos com um tonto à frente vestido de menino» (Bernard Shaw). Terra dos prazeres inocentes assumidos sem rébucos — ainda há dias dois ingleses foram presos na Polónia por fotografarem comboios — e deu trabalho explicar às autoridades polacas que não se tratava de espionagem mas de um genuíno «train-spotting holiday» — «férias de ver passar comboios». Homens crescidos, com barba na cara. Passado o canal a dança é outra e quanto mais para o sul mais diferente. Um homem não se todo nas acções que faz e esconde e observações de comboios são actividades para seres a quem falta uma parte da sua consciência social. A função e o funcionário misturam-se e um homem salva-se ou perde-se a cada momento aos olhos dos outros. Em Angoulême das Ilhas Perdas o porteiro do Hotel de France abriu-me a porta da paragem à meia-noite «exceptionnellement, vous savez, exceptionnellement» e o sr. Grazianni, representante da British Leyland não se acanhou para

meter-se na minha vida, declarar o meu carro demasiado baixo e decidir que a pressão da suspensão tinha que ser aumentada. Tinha provavelmente razão — mas nenhum inglês se teria assim de moto próprio envolvido nos meus problemas automobilísticos. «Mais c'est mon devoir, Monsieur» disse o sr. Grazianni.

Em Espanha a impressão é acrescida de intemporalidade — ou de uma consciência do tempo que desafia as noções mais exactas dos povos do norte. O meu carro — que a incompetência dos mecânicos ingleses deixara sair da ilha em mau estado — queimou finalmente a junta da cabeça em Miranda de Ebro, entre Vitoria e Burgos, a dez quilómetros do monumento ao pastor que recorda os tempos mais sensatos em que se viajava a pé e os pastores da

em estilo de Parador pobre com cabedais baratos e cópias do Prado piores que a dos Paradores, e os quartos turísticos, modernos. Simpático todo o pessoal. Como já não fomos a Madrid, em San Sebastian tinha sido domingo e um português tem que fazer compras em Espanha perguntei ao funcionário da recepção qual o melhor centro comercial no caminho, Burgos, Valladolid ou Salamanca? Valladolid Acrescentei que a minha mulher era a principal interessada. «Se es para su mujer mejor parar primero en Burgos, después en Valladolid y después en Salamanca». Psicólogos os espanhóis.

A Península começa a entrar em mim. Fisicamente no tamanho e tempero das refeições, nas horas de sono consequentes, numa espécie de obnubilção onde, ao Norte, se estava vi-

Por JOSÉ CUTILEIRO

Mesta atravessavam a península com os seus rebanhos.

Da estação de serviço fui levado à Garage Nicki «Mecânica — Chapa — Pintura — Serviço permanente de grua» onde o diagnóstico foi feito e, como era domingo, teve que se esperar até segunda-feira de manhã para saber se havia nas redondezas uma junta disponível. «Llame Ud. a las once». Telefonei do hotel às onze mas não sabiam nada. «Daqui a quanto tempo?». «Pues media hora», — «llame Ud. a la una, mejor a las tres». A junta finalmente chegou e no dia seguinte «a la primera hora de la mañana» (dez horas) o carro estava pronto.

Entretanto, no Hostal del Molino, entre colinas pedregosas de estera, ao quilómetro 305 da estrada nacional 1, esperávamos entre a piscina, a sala

de ginásio. Mais subtilmente na maneira de andar e de estar; deu por mim a reassumir a postura do macho latino em permanente competição com todos os outros machos pelos favores de todas as fêmeas.

Tenho ouvido muito português criticar a moralidade inglesa contemporânea. Tenho as suas razões. O perigo moral para mim põe-se ao contrário. Não sei se resistirei às tentações pátrias e se do bacalhau à lisbonense do Belcanto aos serões na província dos ex-católicos e dos ex-marxistas — o espírito e a matéria nacionais conspirarão contra mim fazendo-me rolar devaninho pela rampa da dispênsia e da conversa brilhante em que o trabalho acaba por ser impossível e a gente vai envelhecendo com mais gordura no abdómen e mais livros por escrever.

NOTA

QUE TEMPO É ESTE?

QUANDO SE PERGUNTA que tempo é este, toda a gente parece atálda para desabatar num alarido de exclamações ou interrogações, no género de quem diz que nunca se viu uma coisa destas. O que, para falar a verdade, só chega a ser exagero no sentido catastrófico que se lhe atribui, espécie de preguiza que leva as pessoas a não verem dos fenómenos mais que o aspecto exterior, sem forças nem vontade para deles tentar uma interpretação mais profunda. Como foi o mundo, como foi a vida, como se comportaram os homens, por exemplo, ao tempo em que Fernão de Magalhães planeou a volta ao mundo que, aliás, se concluiu já sob o comando do imediato que lhe sucedeu? De um momento para o outro lá se foram todas as dúvidas, a não ser naqueles iguais aos que, hoje ainda, não acreditam que tenha algum homem chegado à Lua.

Mas há uma diferença, que poderá talvez exprimir-se pelo factor velocidade. Quando nós nos lembramos que só neste século se têm feito mais descobertas científicas do que em toda a longa história da humanidade, não temos dificuldade em entender quanto tudo se transforma rapidamente como nunca, as coisas, os costumes, as relações, claro que as ideias também. Quanto tempo é que leva hoje a dar a volta ao mundo uma ideia nova, uma descoberta que se faça? Praticamente, pode dizer-se que o tempo não existe, pois no mesmo instante se completa o circuito. Que tempo é este, o nosso? É um tempo em que causas e efeitos quase se revelam sobreponíveis, o hoje já é ontem e já está a ser amanhã. A um metro está o futuro e daí a um instante o futuro já é presente e o que julgávamos ser o presente converteu-se breve num passado.

O mundo está cheio de imagens insólitas, situações imprevisíveis, conclusões singulares. Quando é que se havia de pensar ver Ionesco ser reformado em académico? E fica-se sem saber o que mais será de nos surpreender, se a Academia Francesa a escolher Ionesco, se Ionesco a aceitar a escolha da Academia. Mas ele mesmo perguntava e respondia: «Que vou eu fazer no meio de tantos sábios e eruditos? Mas eu sou muito estúpido e muito orgulhoso se não contasse naquelas que confiam em mim». Pensamento este, diga-se, que legitima tudo, mesmo o que pudesse parecer absurdo. Na verdade, a maravilha prodigiosa do pensamento encontra a sua expressão infinita na capacidade de explicar e inexplicável, com o artifício de parecer perfeito e transparente o que não cabe em nenhum sistema de juízos admitidos. E qual é a distância a que a realidade fica da fantasia?

No catálogo dos imprevistos, que todos os dias se podem colecionar, registam-se mais duas notícias: a visita do cardeal Casaroli a Moscovo, comissariado especialmente pelo Vaticano, e o debate em que se entretiveram alguns meninos de cere, numa igreja francesa, sobre a questão do celibato sacerdotal, que se concluiu, segundo o telegrama a que nos reportamos, pelo voto de uma maioria no sentido de se abolir a obrigação do celibato. Até onde vai a dimensão da surpresa ou até onde vai a sua elasticidade? Se toda a vida os jovens de uma geração trataram de «velhos» os da geração anterior, censurando-lhe a sua «incompreensão», a velocidade intervém hoje como um acelerador de paixões. O fenómeno é o mesmo, o ritmo é que é diferente. Será que a juventude tem hoje, mais do que nos outros tempos, o acesso à cultura, o acesso a uma sensação de experiência própria como prerrogativa sua? O que há todos os dias é coisas novas, ideias novas, informação permanente de novas descobertas, um mundo novo que se faz todos os dias. Mesmo nos conhecimentos, principalmente mesmo nas novidades da técnica e da ciência. Onde é que está hoje para as crianças o mistério de ir à Lua? Sabe-se que se vai a cavalo num foguetão.

«A MUNDIAL» COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital: Escudos 40 000 000\$00

Sede: Largo do Chiado, 8 — LISBOA

São convocados os Senhores Accionistas da Companhia de Seguros a MUNDIAL para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária no dia 25 de Março corrente, pelas 18 horas e 30 minutos, na sua sede, Largo do Chiado n.º 8, em Lisboa, a fim de:

- 1.º — Discutir, aprovar ou modificar o Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1970;
- 2.º — Proceder ao preenchimento de uma vaga no Conselho de Administração.

Lisboa, 1 de Março de 1971.

Dr. Tito Castelo Branco Arantes

AGENTES

PRECISAM-SE EM TODAS AS CAPITAIS DE DISTRITO DO CENTRO E SUL DO PAÍS PARA DISTRIBUIÇÃO DE REPUTADA MARCA DE VINHOS VERDES. RESPOSTA AO N.º 904 — OPAL — RUA DO BONJARDIM, 276-2.º — PORTO.



Lubrificante e dissolvente de ferrugem
COFETEL — R. da Boavista n.º 180-1.º
Tel. 69 09 57 LISBOA

UNIÃO ELÉTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

CAPITAL: 450 000 000\$00

Sede: — Rua de Alexandre Herculano, n.º 244 — Porto

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Convido os Senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Extraordinária, na sede da sociedade, Rua de Alexandre Herculano, n.º 244, no Porto, no dia 22 do corrente mês (em seguida à reunião da Assembleia Geral Ordinária da mesma data), a fim de:

- deliberarem sobre a modificação dos artigos 5.º e 12.º dos Estatutos.

Para se tomar parte nesta Assembleia Geral, os títulos ao portador deverão ser depositados, pelo menos oito dias antes da Assembleia, no Banco Pinto & Sotto Mayor ou no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa ou no Banco Português do Atlântico, em Lisboa ou Porto.

Porto, 17 de Fevereiro de 1971.

Dr. Eduardo Furtado

Cofres de aluguel

Av. República, 3

BANCO DO ALENTEJO

TEATRO
• ABC •
Tel. 366745

ADULTOS

VEJA HOJE AS 20 e 45 HORAS
AS 23 HORAS

A FABULOSA REVISTA DO ANO

FRANGAS

NA GRELHA

• UMA PRODUÇÃO DE HUMBERTO CUNHA COM UM ELENCO DE PRIMEIRAS FIGURAS

CAMILO e IVONE

NICOLAU e ANITA

e a participação especial de
TONY DE MATOS

EMPRESA TEATRAL JOSÉ MIGUEL, LDA.

ANITA GUERREIRO

Uma revista bem condimentada, vestida e enquadada e na qual o fante e o bom humor moram porões meias, com a observação crítica ou o comentário oportuno.
(Do «Diário de Notícias»)

Direção de montagem pelo prof. MANUEL LIMA



«TEPEPA»

REALIZAÇÃO — Giulio Petroni, 1970 (Itália)
ESTREIA — Cinema Eden (25-2-971).

Jesus Maria Morán, aliás «Tepepa», é o herói do filme de Giulio Petroni que parte de um bom argumento de Franco Solima e Ivan della Mea. Digase desde já que, para além da participação de Orson Welles e de Tomas Milian (este último excessivamente cabotino, mas mesmo assim compondo uma figura muito curiosa), o mérito desta película resulta essencialmente do seu argumento.

Trata-se, mais uma vez, do México das revoluções, mais uma vez o presidente Maderá. Desta feita, porém, a acção da obra inicia-se onde quase todas as outras terminam. Ou seja: depois do triunfo de Maderá e da ascensão deste ao poder, «Tepepa» irá descrever o que veio depois, Maderá, quando presidente da República, viu-se obrigado a contrair uma série de compromissos que lentamente foram traindo as esperanças nele postas pelo povo que por ele lutou e morreu. «Terra e Liberdade» era o grito dos que conduziram Maderá ao poder (um deles chamara-se Jesus Maria Morán, mais conhecido por «Tepepa»).

As realidades de depois da Revolução foram, porém, diversas. Isso compreendeu Tepepa. Com raiva e também tristeza, vendo o sacrifício de tantos injustamente esqueci-

do e, o que é bem pior, atraído. Este o esquema geral em que se inscrevem as aventuras de Tepepa. Aventuras que são descritas ao nível do Western italiano. O fundo político e social da obra confere-lhe, todavia, um interesse que a realização de Giulio Petroni esteve longe de saber acompanhar (ainda que, aqui e ali, tentasse dar uma outra complexidade à sua escrita, como, por exemplo, quando descreve, através dos olhos de várias testemunhas citadas num processo, a violação de uma mexicana por Tepepa).

Do exposto resulta que as Revoluções têm de ser permanentes e que o filme de Giulio Petroni acaba por ser uma obra extremamente interessante, partindo de um sólido argumento, com uma concepção cinematográfica por vezes medíocre e duas interpretações a não perder. Enfim: um filme a que Orson Welles deu o seu contributo nunca é um filme estúpido.

LAURO ANTONIO

Dez anos de negociações para estrear em Inglaterra uma velha peça de Brecht

LONDRES, 2 — (R.) — «O homem é o homem» («Mann ist Mann»), uma das primeiras peças de Bertolt Brecht, datada de 1926, teve a noite passada a sua estreia em Inglaterra no Royal Court Theatre, após dez anos de negociações com o filho do autor Stefan.

O único interesse britânico aparente desta comédia com canções — agora ouvidas na tradução inglesa de Steve Gooch, com música nova do australiano John Cameron — parece ser a sua acção numa Índia vaga de Rudyard Kipling, sobre a qual a rainha Victória ainda reina em 1925.

Contudo, a despeito desse imaginosa ambiente básico — um artifício querido de Brecht nos anos 20 — a peça não trata nem da Índia victoriana, nem do imperialismo, mas da relatividade da identidade.

A história do estivador Galy Gay, convencido a ocupar o lugar de um soldado desaparecido num grupo do Exército britânico, a fim de res-

ponder a chamada por ele, prova dever muito mais as ideias de Pirandello e ao «music-hall» do que a Kipling. Apesar da encenação inteligente de William



O homem Brecht

Gaskill e da partitura de Cameron, com «pastiches» à maneira de Kurt Weill, é improvável que a peça desperte em Londres mais do que um interesse académico por uma das primeiras tentativas de Brecht no seu teatro «épico».

GRANDE MARCHA DE LISBOA-1971

Até às 16 horas do dia 30 próximo está aberto concurso para a composição da versão da Grande Marcha de Lisboa, 1971.

As obras classificadas em 1.º, 2.º e 3.º lugares serão atribuídos, respectivamente, os prémios de 12000, 8000 e 5000 escudos.

Após classificação das composições abrir-se-á concurso para a parte musical.

O regulamento está à disposição dos interessados na Repartição de Informação, Espectáculos e Turismo de C. M. L., no segundo andar dos Paços do Concelho.

F. N. A. T.

Ópera para Trabalhadores

COLISEU DOS RECREIOS

TEMPORADA POPULAR DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho concede descontos especiais aos seus beneficiários, aos sócios dos Sindicatos Nacionais, dos C. A. T. e dos C. R. F. para as seguintes óperas:

Em estreia, no dia 3 de Março

CARMEN, de G. Bizet

Principais intérpretes: Joy Davidson, Nolan Van Way, Anne-Marie Blanzat, Henri S. Sá, Michèle Péna e Alvaro Makta.

Dia 16 de Março — «Rigoletto», de G. Verdi
Dia 19 de Março — «D. João», de Mozart
Dia 7 de Abril — «O Prisioneiro», de Ballapiccola e «Il Tabarro», de Puccini
De 21 de Abril — «D. Carlos», de G. Verdi

Os bilhetes encontram-se à venda para o primeiro espectáculo e, para os restantes, a partir, respectivamente, dos dias 11 e 17 de Março e 1 e 15 de Abril, na Sede da F. N. A. T., Calçada de Santana, 180, a partir das 9.45 horas.
M/ 12 anos

PALESTRA SOBRE VENEZA

Amanhã, às 18 e 45, a dr.ª Primula de Pina Martins falará sobre a região de Veneza, o Veneto, no Instituto Italiano de Cultura (Rua do Salitre, 146). A palestra será ilustrada com diapositivos e filmes. A entrada é livre.

3K MOVEIS

R. PASCOAL DE MELO 7 e 47 - TEL. 46907

GRUPO 4 TIVOLI

As 18 e 30 (M./17 anos)

ÚLTIMAS DE UM NOTÁVEL ESPECTÁCULO

HOJE • AMANHÃ

as irmãs

DE EDUARDO MANET • ENC. COSTA FERREIRA

DESCONTO 50% ESTUDANTES

TODAS AS NOITES: AS 21 H. E AS 23 HORAS

DEPOIS

Peça de Arthur Miller

TEATRO VITÓRIA

FLORBELA

TEATRO VARIEDADES

HOJE: 2 sessões, 20.45 e 23 h. (ADULTOS)

56 ÀTE DOMINGO

GIUSEPPE BASTOS • VASCO MORGADO APRESENTAM A COLOSSAL SUPER-REVISTA

...E O ZÉ FAZ TUDO!...

com SALVADOR • FLORBELA • CARLOS COELHO

Colaboração especial de MARIEMA À FRENTE DE UM EXCEPCIONAL ELENCO!

Amanhã: Descanso da Comp.

Dia 10, estreia no 56 da Bandedeira, no Forte

Dia 10: estreia no Variedades «O Contrato», com Ribetinho, M. Santana e Simone

FLORBELA

TEATRO CAPITOLIO

TEL. 327493

VASCO MORGADO

LAURA ALVES

QUERIDA MAMA

LA MANNA

HOJE: AS 21.45 H. (M. 17 anos)

DOMINGO: À TARDE, AS 16 H.

TEATRO MONUMENTAL

TEL. 555133

HOJE: AS 21.45 H. (Maiores de 17 anos)

EM ÚLTIMOS DIAS VASCO MORGADO APRESENTA

EM 4.º MÊS

A Casa das Cabras

com MILU na protagonista, Armando Cortes, Mário Jacques, Guida Maria, Luis Pinhão, Oscar Castano, Norberto de Sousa, António Machado, António Smedo

DOMINGO: À TARDE ÀS 16 H.

TEATRO MARIA VITÓRIA

TEL. 161740

HOJE: 2 SESSÕES 20.45 e 23 h. ADULTOS

GIUSEPPE BASTOS • VASCO MORGADO APRESENTAM EM TRIUNFAL 5.º MÊS A SENSACIONAL REVISTA

PIMENTA NA LÍNGUA!...

Prémio da Imprensa como a melhor revista 1970

com JOSÉ VIANA (Prémio de Imprensa 1970) • AIDA BAPTISTA • BARROSO LOPES • DORA LEAL • e as atrações ANA ROSMANINHO • RONY VALY

• OCTAVIO DE MATOS

À frente de uma grande companhia!

Domingo: à tarde às 16 h.

AIDA BAPTISTA

A Makarova casa com o intérprete

SAN FRANCISCO, 2 — (A. N. I.) — A bailarina Natalia Makarova, de 30 anos, que abandonou o «Ballet» Kirov (da União Soviética) no Outono findo, em Londres, disse hoje aos jornalistas que vai casar com o compositor britânico e locutor de rádio, de ascendência russa, Vladimir Rodzianko «no prazo de um ano».

Makarova deixou o seu segundo marido na União Soviética quando abandonou a companhia russa. Rodzianko, que conta 32 anos, está actualmente a divorciar-se de sua mulher.

A pequena bailarina conversou com os jornalistas acerca dos seus planos de casamento antes do primeiro dos três espectáculos que vai

apresentar em San Francisco, durante esta semana, com o Teatro Americano de «Ballet».

Makarova assinou um contrato de um ano com a referida companhia,

que actualmente anda a realizar uma digressão pelos Estados Unidos. Rodzianko, esse, acompanha a bailarina como seu consultor artístico e intérprete.

VIDA MUSICAL

Maurice Suzan
e Maria João Pires
na Gulbenkian

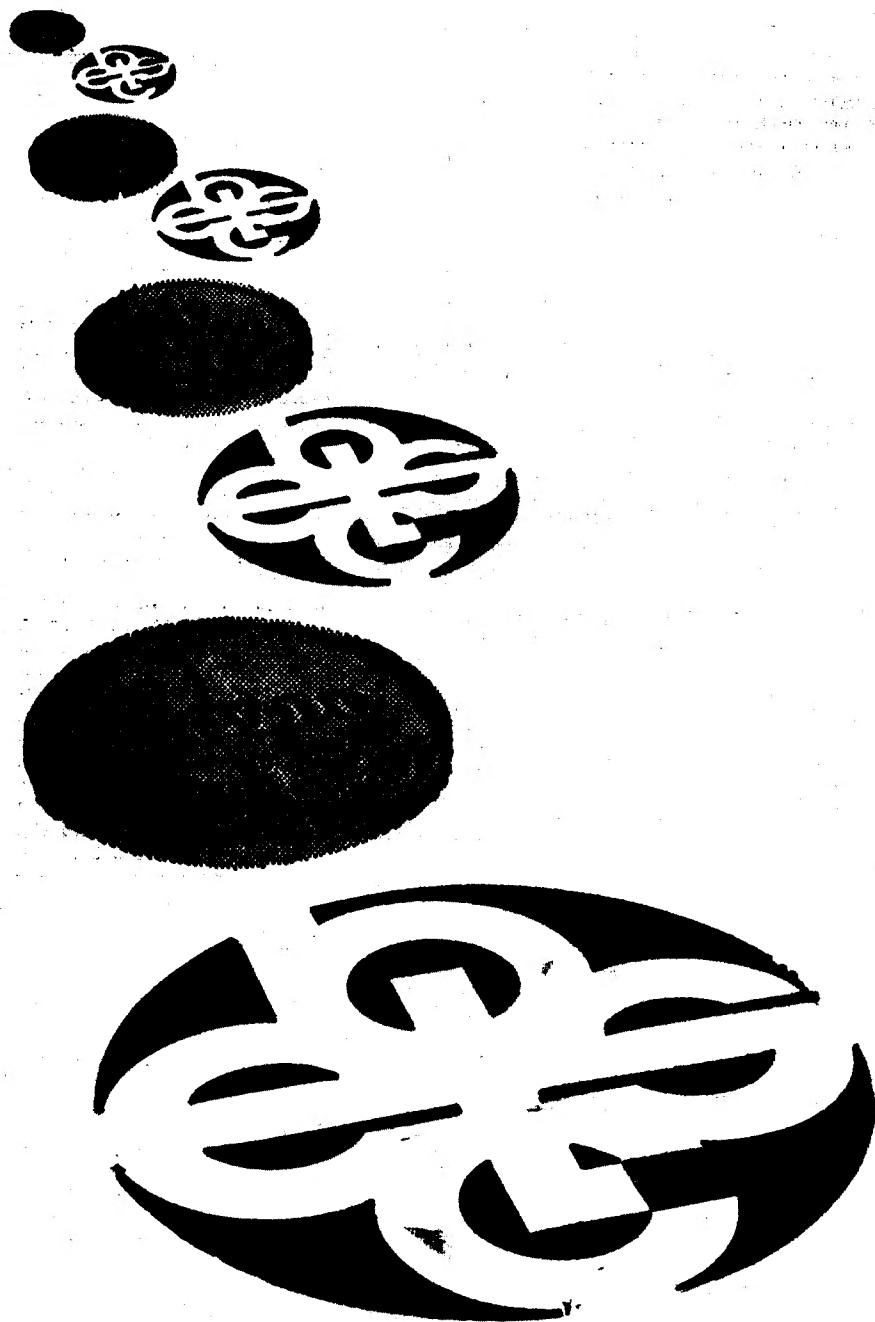
No Grande Auditório da Gulbenkian há amanhã (18 e 30) mais um concerto pela Orquestra de Camara da

Fundação que será dirigida pelo maestro Maurice Suzan, considerado um dos melhores nomes entre os intérpretes franceses e já conhecido do publico português.

No mesmo concerto participa a pianista Maria João

Pires Noth que, recentemente, ganhou, com raro brilho, o Prémio Beethoven instituído pela União Europeia de Radiodifusão, o programa é constituído por obras de Albert Roussel, Mozart, Joly Braga Santos e Honegger.

Caminhe connosco
passo a passo!



Penúltimo dia de «As Irmãzinhas»

O Grupo 4 dá hoje (18 e 30) mais um espectáculo com a peça «As Irmãzinhas», do cubano Eduardo Manet. Entretanto, a carreira deste original encenado por Costa Ferreira, termina amanhã, já que o jovem agrupamento tem compromissos inadiáveis.

Irene Cruz, João Lourenço, Moraes e Castro e Rui Mendes — fundadores do Grupo 4 — formam o elenco homogéneo de «As Irmãzinhas». Os cenários e figurinos são de Octávio Clérigo, a sonoplastia de Dias Agudo. Como habitualmente há descontos de 50 por cento para estudantes.

ADIADO O FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO

Segundo uma informação da Embaixada do Brasil, foi adiado para o próximo dia 17 o início do I Festival do Cinema Brasileiro, anteriormente marcado para amanhã. Razões de ordem técnica obrigaram a representação diplomática brasileira a tomar essa medida — lê-se também na informação.

15.^A

SEMANA
ÚLTIMAS
REPRESENTAÇÕES

DE UM
GRANDE
EXITO
PROMOVIDO
PELO
PÚBLICO



M/17

O Inocente

Aproveite a derradeira série de espectáculos com a divertidíssima comédia onde se brinca com coisas muito sérias. No protagonista

IGREJAS CAEIRO

TODAS AS NOITES, às 21.45

Sábados e Domingos
também às 16 h.

Teatro TELER 717017

Maria João Pires



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

QUATRO CAMINHOS PARA GANHAR NO TOTOBOLA

2132095 SANTA CASA DE MISERICORDIA DE LISBOA

MATRIZ

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

NOME: José Oleiro

MORADA: Rua Alexandre de Gusmão, 10, Lisboa

LOCALIDADE: Lisboa

25

2135696 SANTA CASA DE MISERICORDIA DE LISBOA

MATRIZ

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

NOME: José Oleiro

MORADA: Rua Alexandre de Gusmão, 10, Lisboa

LOCALIDADE: Lisboa

25

3986050 SANTA CASA DE MISERICORDIA DE LISBOA

MATRIZ

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

NOME: Manuel Freire Borges da Cunha

MORADA: Rua Alexandre de Gusmão, 10, Lisboa

LOCALIDADE: Lisboa

25

3968511 SANTA CASA DE MISERICORDIA DE LISBOA

MATRIZ

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

NOME: Manuel Freire Borges da Cunha

MORADA: Rua Alexandre de Gusmão, 10, Lisboa

LOCALIDADE: Lisboa

25

Quatro «trezes» no Totobola desta semana, distribuídos pelo Porto (um apostador anónimo que fez um «treze» e sete «dozes» e vai receber 980 997\$20); S. João da Madeira (sr. José de Almeida Santos, 8 apostas, um «treze», 884 619\$10); Lisboa (10 sócios, 16 apostas, um «treze» e quat. o «dozes», cerca de 94 contos para cada um); e Setúbal (sr. José Oleiro, 2 apostas, um «treze», 884 619\$10).

Como pode verificar-se e tantas outras vezes tem acontecido, foram vários os caminhos para chegar ao mesmo fim.

Acertaram concorrentes de apostas simples e acertaram concorrentes de apostas múltiplas. Cada qual joga de acordo com as suas posses — e, jogando, está automaticamente a candidatar-se ao prémio desejado. É isto que faz do Totobola uma possibilidade para todos, abrindo, de repente, a qualquer um perspectivas inesperadas de um futuro diferente.

O sr. José Oleiro, por exemplo, é um homem de 59 anos, casado, com três filhos, vida modesta — e que vê, de repente,

a possibilidade de concretizar um sonho antigo: comprar uma casinha para viver. Também os dez sócios da matriz lisboeta premiada são pessoas de poucos recursos, a quem a quase centena de contos que vão receber cada um servirá para colmatar muitas brechas e resolver alguns problemas.

Números totais do escrutínio correspondente ao 25.º concurso do Totobola: 4 «trezes» (884 619\$10 cada) e 257 «dozes» (13 768\$30).

SERÁ UMA EPIDEMIA DA NOSSA ÉPOCA?
SERÁ UMA MODA PASSAGEIRA?
DE QUALQUER FORMA... ESTAMOS NA
ERA DA "CONTESTAÇÃO GERAL!"



ROYAL Filmes internacional apresenta

NINO MANFREDI, ALBERTO SORDI
EM

CONTESTAÇÃO GERAL

EU CONTESTO... TU CONTESTAS...
...ELE CONTESTA...

com MICHEL SIMON MARINA VLADY

Com a participação extraordinária de ENRICO MARIA SALERNO

Realização de LUIGI ZAMPA

Produção de ULTRA FILM

ADULTOS

COLOR

amanhã no IMPERIO

«LA DOLCE VITA» NA CLÁSSICA DO IMPÉRIO

«A doce vida» tem doze anos e é um dos filmes que se recentemente foram autorizados a passar nos nossos ecrãs. Mas, é dos que menos acusam os efeitos do tempo. É uma obra-prima que mantém todo o seu poder expressivo, quer no conteúdo temático, quer em matéria cinematográfica. Filme feito com real talento, lucido, penetrante, de uma homogeneidade total.

Obra fundamental para a compreensão da filmografia de Federico Fellini. «La dolce vita» resume, também, um cinema excepcional — Morricone, Macri, Amal, Eklberg, Anouk Aimée, e Ivonne Fumex. Este é o notável programa da 723.ª sessão clássica do Império, quarta-feira, às 18 e 30.

III Salão de Fotografia de Tomar

TIMAR, 2 — A Comissão Municipal de Turismo vai promover, em Outubro próximo, o III Salão de Fotografia de Tomar, que estará patente ao público de 16 a 25 do mesmo mês.

Poderão concorrer todos os fotógrafos, amadores e profissionais. Os interessados deverão solicitar o regulamento àquela Comissão.

CASA DA
COMEDIA

R. S. Francisco
Borja 22

Marcções
t. 677299

Hoje às 22 h. — sábados
e domingos às 16 e 22 h.

FIM DE FESTA
de Samuel Beckett

Pelo elenco do Teatro Experimental do Porto

36 até 7 de Março
(19h00 - 7 anos)

Subsidiado Fundo Teatro

AGUARDENTE VELHA

Niepoort

a prova está na prova

SENSACIONAL INAUGURAÇÃO DO EDIFÍCIO ACRÓPOLE DE LISBOA, QUE SE REALIZA AMANHÃ

Vai ser inaugurado amanhã, em Lisboa, um imóvel que pode ser considerado como o expoente máximo da construção civil, em todos os seus pormenores — o Edifício Acrópole de Lisboa, situado na Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, Lote n.º 1368, junto à Avenida Duarte Pacheco.

De salientar a situação privilegiada do prédio, o mais alto de Lisboa, ao nível da costa do mar, pois que o seu piso térreo está situado mais alto que o Castelo de S. Jorge. Das habitações deste prédio pode-se observar um panorama surpreendente que abrange os arredores de Lisboa, como Sintra, Costa do Sol, margem sul e Ponte sobre o Tejo, Vila Franca de Xira e ainda, de binóculo, é possível atingir os arredores de Santarém.

A 5 minutos do Marquês de Pombal, mesmo a pé, próximo de vários estabelecimentos de ensino e do novo Palácio da Justiça, o Edifício Acrópole de Lisboa localiza-se numa zona de fáceis acessos para sair de Lisboa.

Visitámos, num destes dias, o edifício que se encontra concluído e ficámos verdadeiramente maravilhados com o que se nos deparou, pois a construção é do mais excepcional que se pode encontrar. Cada habitação possui um magnífico «hall» de recepção com duas entradas — principal e serviço —, grande átrio de serviço, inúmeras divisões de áreas bastante grandes, mesmo fora do normal, chão de parquet ultra seleccionado, com pavimentos e paredes isolados à prova de som e de humidades, revestidas no interior com cortiça.

Da vasta cozinha — que fará o encanto de qualquer dona de casa — equipada com inúmeros móveis fornecidos por «LISBOA-2000», da marca Salvarani, poder-se-á dizer que é a melhor cozinha desta marca e ao mesmo tempo uma das melhores da Europa. Os armá-

rios, são revestidos de materiais telaminados de fabrico desconhecido em Portugal e essa cozinha, fora de série, está ainda equipada com máquina de lavar loiça, fogão

A instalação eléctrica do edifício é a mais actualizada de todas quantas recentemente se podem fazer. Está instalado um novo sistema de ar condicionado, quente e frio simultaneamente, uma inovação nesta matéria.

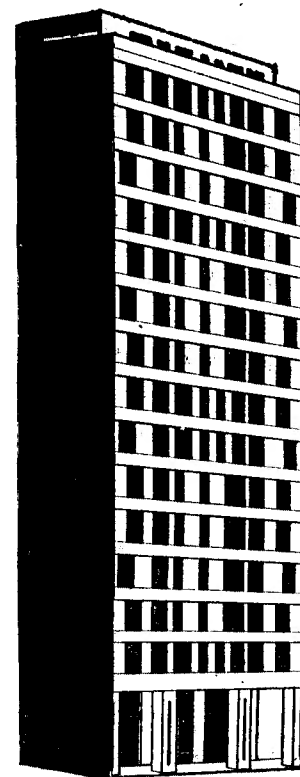
No direito à habitação está incluída uma garagem privativa para todos os adquirentes com uma enorme arrecadação individual. A garagem é servida por elevadores, conduzindo directamente à própria habitação do morador.

O Edifício Acrópole de Lisboa é todo revestido de mármore e como a caixilharia é de alumínio anodizado, representa um alto benefício quanto à conservação futura do prédio, pois esses gastos serão francamente diminutos. Três elevadores da marca «EFACEC» servem os 19 pisos. São máquinas rápidas e da maior segurança, possuindo todas as inovações de fabricação.

A situação do imóvel, a categoria dos materiais, a maravilha do equipamento e todo um conjunto de bom gosto podem ser admirados numa visita ao andar modelo, onde conforto, luxo e bem-estar se reuniram para servir aos lares de determinado estilo de vida.

Um dos factores muito importante desta construção refere-se à poluição atmosférica. Dada a localização altíssima e a proximidade do Parque Florestal de Monsanto, o ar que circula em volta do edifício isentará de poluição os seus moradores. Fará ainda dizer que o Edifício Acrópole de Lisboa foi construído sobre rocha pegada e edificado à prova de sismos.

O seu construtor permite que os interessados possam verificar como foi feita a edificação, analisando os seus materiais pelos técnicos mais conceituados e conhecedores, dando ainda à disposição dos adquirentes plantas, pormenores e indicações que julguem necessário pedir.



eléctrico e a gás, exaustor, triturador, frigorífico, etc.

Além disso, cada habitação possui 3 casas de banho, cinco roupeiros, despensa e arrecadação, separadas, sistema de recepção de lixos com conduta directa e uma magnífica marquise cuja enorme área permitirá utilizá-la como solário.

Esta construção obrigou a madeiramentos de tola, mesmo as que se encontram pintadas, e levou ao revestimento das casas de banho e do chão do «hall» à utilização de azulejos italianos de grande categoria, tal como os artigos sanitários de grande efeito decorativo e funcional.



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

CURTO-CIRCUITO: AS PALAVRAS ANTIPALAVRAS

Sandro Core veio a Portugal com destino ao Entrudo no Algarve. Os responsáveis do *Curto-Circuito* estão sempre atentos aos grandes vultos que. Assim não perderam ocasião de dar o Sandro a todo o telepúblico português. Daqui veio uma desilusão. Porque Sandro Core não seja um bom profissional, com bons conhecimentos platéicos? Porque não tenha a perder com muitos outros camconetista da estirpe de aSurremo? Nada disso. Sandro Core é, comercialmente falando, um subproduto com algum interesse para o mercado a que se destina. Tem aquela arte subtil, executada com descontração, de levar o público predeterminado a ser levado. Sem forçar demasiado a nota, sem a demagogia alvicaireira, põe a plateia a bater palminhas como qualquer bebé-chupeta que se preze.

Até aqui tudo certo. Simplesmente ao anunciar-se o Core como grande atracção do carnaval algarvio, fazia-se prever uma actuação risonha, cômica, graciosa, pícara, etc. Sairam-nos na rifa umas canções românticas, mais ou me-

nos novas, mais ou menos velhas, de qualquer modo demasiado pouco novas para serem já velhas, e demasiado velhas para nunca poderem ser novas.

Bom. Se falo do Sandro Core, logo de entrada, é para aproveitar os restos de memória. A actuação de Sandro é o que melhor recordo, com certeza porque foi a última. Quanto às restantes, o que ficou?

Ficou, principalmente, algo que pode considerar-se como de preparação para um trabalho de qualidade. Refiro-me à intervenção do jornalista Joaquim Benite na conversa sobre a homologação da carteira profissional dos profissionais das telecomunicações. Foi visível o estudo prévio da matéria como convém a um entrevistador responsável. Isso mesmo fora já a nota saliente no trabalho de outro colaborador do *Curto-Circuito*, Rui Pedro. Que pena! Agora que contava com dois bons (ou duas boas promessas de) entrevistadores, é que o programa de Artur Agostinho se vai embora.

Infelizmente, os entrevistados nem sempre correspondem. Logo a abrir, assistimos a uma longa entrevista que se disse ter versado o problema da arbitragem. Digo que se disse porque pessoalmente não digo nada por que nada entendi, não patavinei nada. D. Maria Emaús Leite Ribeiro deverá ser uma excelente enfermeira porque nos ferrou com uma injeção de todo o tamanho. Quer-me no entanto parecer que a sua vocação estará errada: tudo, nas suas palavras, lhe aponta o destino da diplomacia. Os períodos longos, cansativos, rebarbativos dos relatórios pungentes; o exagero de palavras, os circunlóquios para dizer as coisas mais simples; a arte de se furta a uma pergunta incómoda; a habilidade de não se deixar surpreender nos perigos de uma afirmação peremptória de tudo isso houve às carradas. Se tais predicados porém, podem ser muito úteis na diplomacia, em televisão são

em absoluto condenáveis. Falar sem dizer ao nível da linguagem comum, torna-se um tormento explosivo.

O mesmo se deu com a intervenção de Hermógenes de Oliveira no debate sobre a homologação da carteira profissional dos etc., etc., etc. Presidente do Sindicato há 9 anos, foi para a entrevista sem dados concretos. Não se lembrava sequer há quanto tempo existia o Sindicato. E a acusação de Curado Ribeiro, relativa à inoperância, à ineficácia do organismo sindical, respondeu evasivamente com as demoras burocráticas. Que realidades mais houve? A intervenção do saxofonista Victor Santos e do fadista Ada de Castro esta há muito tempo ausente das rubricas de fados e guitarradas. Não nos trouxe nada de novo, quer no domínio da interpretação, quer no do re-

(Continua na 18.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — MF (95,7 mc/s.) — As 16: Noticiário; 17 e 30: «Estante»; Ivanhoe, por Adette de Saint-Maurice; 18 e 30: O Convívio de hoje; João Rodrigues; 18 e 20: Espectáculo — Cinema, por Videir; Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com «The Bee Gees»; 19 e 0: Orquestras e canções; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Interlúdio; 20 e 30: 6.º episódio do Folhetim «Inocência»; 20 e 50: Melodias; 2: Momento; 71; 21 e 20: Que quer ouvir?; 21 e 55: Viagem ao Passado, por Judite Navarro; 22 e 0: Vamos ouvir... Gina Maria; 22 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 23 e 05: A vida e a mulher; 23 e 30: Eles contam para si; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16: Uma obra... Duas interpretações: A Quinta Sinfonia de Beethoven interpretada sucessivamente pelos maestros Bruno Walter e Leonard Bernstein; 7 e 15: Cunkidades musicais; A obra para piano de Rossini (gravações cedidas pela RAI) — Da «Album pour les enfants adolescents», n.º 1 a 6, pelo pianista Sérgio Pericardelli; 17 e 45: Festival de Liège de 1970 (gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Belga); 18 e 13: Variações sobre um tema de Paganini, op. 26 (Boris Blacher), com a Orquestra Sinfónica da RIAS de Berlim, sob a direcção de Ferenc Fricsay; 18 e 30: Gravações Históricas — Arios

de ópera, por René Joly; 19: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Resumo do programa: Solos em viola dedicada; 20 e 30: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Camara, sob a direcção do maestro Silva Pereira, preenchido com obras de Delius e Helma Autenrieth; 2: O Coro Masculino «Brassus», dirigido por André Charlet; 2 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Recital de piano, por Manuela Gouveia, preenchido com obras de Beethoven — Variações op. 34 — Sonata op. 109; 22 e 15: O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 45: A Orquestra Filarmónica de Belgrado, dirigida por G. k. Zdravkovich; 22 e 58: Fecho.

Programa estereofónico — MF 2 — 94,3 mc/s. — As 21: Um conjunto moderno: Chicago Transit Authority; 21 e 15: Melodias Populares Russas pelo guitarrista Franz Löffler; 21 e 25: Cat Stevens, Mona Bone-Jalon; 21 e 40: Instrumentistas; 22: Canções; 22 e 20: Orquestras ligadas; 22 e 40: Música portuguesa; 23: As grandes sinfonias; 0 e 37: Música de fecho; 0 e 50: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira à tarde; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o tele-

fone toca, 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 15: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

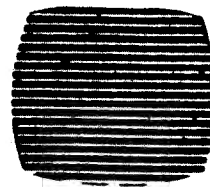
Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em árbitrio; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa 6 G6-G6; 0 e 02: Em árbitrio-dos; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miremar — 383,6 m — 782 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Philips; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Noutro dia a dia; 21 e 06: S6-Rádio; 21 e 40: Vozes do Brasil; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Mensagens bíblicas; 22 e 30: Tirocinio; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: A voz de Richard Anthony; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

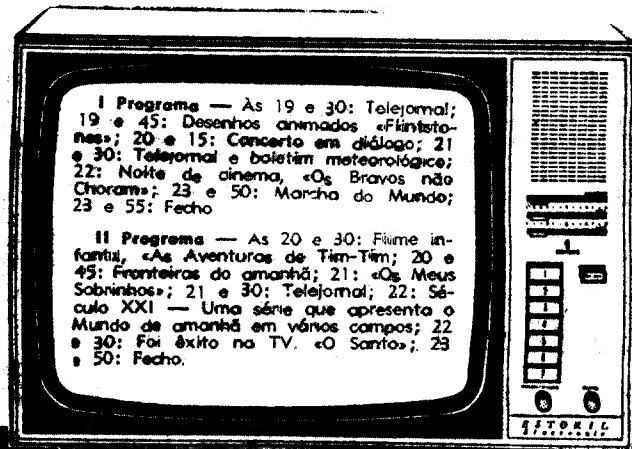
Estação de Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Quanto de hora infantil; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Grande plano; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Modo de ler; 21 e 15: Eventual; 21 e 30: Curso de Língua Alemã; 22: Audiograma; 23: A 23.ª hora.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 19 e 30 ds 22; Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 ds 14 e 30 e das 17 ds 19 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 8 ds 10 e das 14 e 30 ds 17; Rádio Graça — Das 10 e 12 e das 22 ds 2.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



**SIEMENS ESTORIL
electronic**

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Cinematómvel; 13 e 15: Filme de série, «Viver no Campo»; 13 e 46: Telejornal; 14: Feminino singular; 14 e 15: Logo à noite; 14 e 20: Fecho. **2.º período —** As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Conversas diversas — um programa de Maria Alberta Meneses. «Os Jovens e a Música»; 20 e 15: Vamos jogar no Totobola; 20 e 25: Segredos da vida animal; 20 e 55: Convergência; 21 e 30: Telejornal; 22: Dusty Springfield — programa musical; 22 e 30: «A Família Forsythe» — 4.º episódio; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Filme infantil, «As Aventuras de Tim-Tim»; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série, «Viver no Campo»; 21 e 30: Telejornal; 22: Documentário sobre o Japão; 22 e 30: Concerto para jovens, com a Orquestra Filarmónica de Nova York, dirigida por Leonard Bernstein; 23 e 25: Fecho.



TUDOR

pilhas para força motriz

peças **FIAT**

CARLOS EDUARDO TROVÃO, LDA.

Av. João XXI, 68-A-68-C Telex 771014-770265 Lisboa-I

**S.O.S.-TV TEVERÁPIDA
GRÁTIS**

Faça um teste ao seu TV, gratuitamente,
nos nossos laboratórios
Rua António Pedro, 119 — Telex. 5 06 57-53 50 24

ESTUDANTES

IV CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO

CINNE

RECEPCÃO, ATÉ 31 MARÇO 71

EXPOSIÇÃO SOBRE ERASMO NA FACULDADE DE LETRAS

Com a projecção do filme «Erasmus, a Voz da Razão», inaugurou-se esta manhã, na Faculdade de Letras de Lisboa, uma exposição iconográfica e documental sobre «Erasmus e o seu tempo». A iniciativa desta manifestação cultural pertence à Embaixada dos Países Baixos, de colaboração com aquela Faculdade.

A projecção daquele documentário, com a presença do director da Faculdade de Letras, prof. dr. Fernando de Almeida, e do embaixador dos Países Baixos em Lisboa, efectuou-se no anfiteatro II.

Na sala de exposições viam-se painéis reproduzindo o itinerário biográfico e histórico de Erasmus, com reproduções extraídas da vasta documentação da época, ordenadas na Holanda por estudiosos de Erasmus e da cultura europeia do século XVI. A exposição, que estará patente ao público até à próxima semana, inclui, ainda, uma série de livros quincentistas de Erasmus ou com ele relacionados.

CONTRA AS REGRAS DE PROTOCOLO...

A primeira «Rainha do Turismo» foi esperar ao aeroporto a «Vice-Rainha do Ar»

• À recepção também compareceu uma Princesa de outras eras

Uma pulseira de ouro, um troféu e alguns ramos de flores — eis a parte material do prémio que foi atribuído à hospedeira de bordo da TAP, Maria Teresa Monteiro de Oliveira, eleita vice-rainha do Concurso Internacional de Assistentes de Bordo, em Punta del Este.

Organizado pela Camara de Turismo do Uruguai, o concurso realizou-se de 14 a 21 de Janeiro. No entanto, a nova vice-rainha só hoje chegou a Lisboa, vinda do Rio de Janeiro. Antes, passou por Buenos Aires onde a colónia portuguesa a recebeu «com muita simpatia».

A chegada a Lisboa, a primeira vice-rainha da TAP (nos quatro concursos anteriores, as concorrentes portuguesas obtiveram o título de «Princesa do Ar») vinha sorridente (claro!) e era aguardada pela recém-eleita «Rainha do Turismo», Carmela Gouveia, e pela «Princesa-1970», Maria Susana Couto. (Ah! a solidariedade das aristocracias!). Em representação da TAP, estavam o dr.

Maia Malta, chefe dos Serviços de Relações Públicas, o dr. Fezas Vital e a sr.ª D. Maria de Lurdes Castro Gomes.

Hospedeira da TAP há quatro anos (feitos ontem), Maria Teresa Monteiro de Oliveira tem já cerca de 2700 horas de voo. O facto de ser agora vice-rainha não lhe traz quaisquer vantagens profissionais.

— A eleição não me traz vantagens especiais. Continuar a ser assistente de bordo como até aqui. E acho que é tudo.

Recorda-se a propósito: tem 25 anos (nasceu em Alcobaca em 21 de Agosto de 1945), o 2.º ciclo dos liceus, o Curso de modelo e maquiagem Juno Barton e o Curso da Central School of Languages. Foi escolhida para serviços especiais, nomeadamente viagem do sr. Presidente do Conselho ao Brasil, apresentação do avião B-707 «Fernão de Magalhães» e dos novos uniformes e alguns voos inaugurais.

Agora, a TAP escolheu-a (através das Relações Públicas) para sua representação de Punta del Este onde um júri (seis homens e uma mulher) a elegeram vice-rainha tendo dado o título de rainha à representante das Aerolíneas Argentinas.

Segundo Maria Teresa, o concurso «decorreu lindamente». Essencialmente, constou de várias entrevistas, jantares, «cocktails», reuniões, desfiles e recepções. As concorrentes eram sempre acompanhadas pelo júri que «observava em todos os pormenores tudo o que faziam».

A eleição da «Rainha do Turismo»

Por iniciativa do jornal «Públicista», que comemorou o seu terceiro aniversário, foi ontem eleita «Rainha do Turismo» a hospedeira de terra da TAP, Carmela Gouveia, de 29 anos de idade, 11 dos quais de profissão. Para princesas, foram eleitas as jovens Isabel Maria Laje, de 20 anos, da Casa Atlântica de Viagens, e Maria Teresa Couto, de 19 anos, da TAP.

O concurso foi disputado por 28 candidatas. A eleição, assistiram os srs dr. Luís Fontoura, chefe de gabinete do secretário de Estado da Informação e Turismo, que representava o dr. César Moreira Baptista; dr. Ramiro Valadão, presidente da R. T. P. e outras individualidades ligadas ao turismo.

As três eleitas receberam prémios e várias lembranças, tendo agora à sua disposição viagens à Alemanha, à Irlanda e à Grã-Bretanha.

Manhã na praça

QUANDO IRÁ «CAIR» O MERCADO DO MATADOURO?

Quando saímos do Mercado do Matadouro, o motorista (do jornal) disse-nos:

— Então quando é que aquilo...? — e fez o gesto de mão, repentinamente, de cima para baixo.

— Não o deitam abaixo...

— Mas ele caiu! Não vê os barretes todos podres!

Já tínhamos visto, há muito. Como há muito também nos disseram que iria ser construído um novo mercado para substituir o do Matadouro. E nada... Talvez tenhamos de esperar que ele caia!

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da cenoura a 800; das batatas, a 150 e 180; da cebola, a 280; da fava, a 1000; do tomate, a 2400; da ervilha de grão, a 1200; dos pimentos, a 2600; da azeitona, a 800 e 900; do tremço, a 350; e dos alhos, a 3250.

O molho dos espinafres estava a 500; dos grelos, a 250 e 400; dos agriões, a 150 e 250; dos rabanetes, a 250; das nabikas, a 300; e da beterraba, a 500.

A lombarda vendia-se a 500; o alho francês, a 150; a couve portuguesa, a 150, 300 e 400; a alface, a 350; e a couve-flor, a 300, 600 e 700.

PEIXE

Na secção do peixe registámos que o quilo do robalo se vendia a 4200; do pregado, a 4500; do linguado, a 5400 e 560; da pescada, 3600 e 440; do berbigão, a 500; do chicharro, a 550; do pargo mulato, a 790; do peixe-espada, a 2100; das lulas, a 3400; do pargo, a 1680, 2000 e 2380; da pescada congelada, a 1750; do mero, a 1680; das gambas, a 6500; das conquilhas, a 2000; da azevia, a 4600; do cherne, a 3200; do

sável, a 3600; do goraz, a 2400; do tamboril, a 1800; da tainha, a 120; do salmoneite, a 4300; das linguas, a 2700; da lampréia, a 4500; da rainha, a 2700; da mar-mota negra, a 1600; da palma, a 1700; da dourada, a 1600; das carpas, a 2000; da cascadinha, a 2000; do carapau, a 800; dos percebes, a 6600 e 10000; da garoupa, a 3200; da ameijoia, a 4000; das trutas, a 6500 e da sardinha, a 800.

FRUTA

No que respeita a fruta, os preços por quilo eram os seguintes: laranja, 600 e 950; peras, 1300; ananás, 2000 e 2300; banana, 1100; pêro «golden», 1300; maçã reineta, 1400 e 1690; tangerina, 1200; pera, 1170 e 1400; pêro bravo de esmolfe, 1690; e limão, 900.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos estava a 1220, 1300 e 1360. O quilo do frango limpo vendia-se a 2700 e 2800; da galinha saloia viva, a 2600. Limpa, a 3300; e do coelho, a 2600.

Os pombos estavam a 1500 cada.

DONA DE CASA

BOM APETITE

MAIA

O RESTAURANTE PREFERIDO
DE ALGÉS
R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705
Mariscos recebidos
directamente da origem

**restaurante
arameiro**

LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21
PREMIO DO SNI



VIRIATO

SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomé Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 53 07 58

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 ■ TELEFONE 79 02 11

JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(M/15 anos)

Parque automóvel privativo

Premiado pelo SNI

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ



A marca mais vendida
na Europa

Miele
máquina de lavar louça

AGENTE OFICIAL:

ELECTRO EXITO

Bau & Santos, Lda.

(VA AO FERNANDO)

AV. MARQUES DE TOMAR, 94-A
Tel. 77 81 77 LISBOA

Um curso do Centro de Estudos Industriais visita organizações do Grupo CUF

Quarenta e dois elementos de um curso do Centro de Estudos Industriais estão de visita ao nosso País e a algumas das mais importantes empresas portuguesas, particularmente as que se referem ao Grupo CUF, que se encontra também fillado naquela organização.

Os cursos do Centro de Estudos Industriais realizam-se na Universidade de Geneve e constituem período de aperfeiçoamento para dirigentes de empresas. O grupo que agora nos visita inclui representantes do Japão, Grécia,

Suíça, Alemanha, Canadá, Bélgica, Brasil, Suécia, Noruega, Estados Unidos da América, Espanha, Inglaterra, França e Colômbia.

Na organização filiam-se cerca de duzentas das mais importantes organizações internacionais, que têm ensino de especializar gerentes e até administradores com uma formação profissional que envolve estudos de mercados e contactos internacionais. Cada curso realiza visitas periódicas às organizações industriais de vários países. Em Lisboa o programa incluiu visitas ao Banco de Fomento Nacional, Siderurgia Nacional, Sonap, Sacor, Banco Fonsecas & Burnay, Banco Português do Atlântico, TAP, Standard Eléctrica, Companhia de Seguros Império e Lisnave.

Na Companhia de Seguros Império os elementos do Centro de Estudos Industriais foram recebidos pelo sr. dr. Luís Barbosa, administrador-delegado-adjunto e ainda pelos dres. Norberto Pifar, Augusto Murteira e Henrique

de Melo, da direcção da companhia. Foram-lhes fornecidos elementos estatísticos, tendo-se proporcionado animidade colóquio sobre a actividade seguradora em Portugal. No final foi servido um bebereite aos elementos do Centro de Estudos Industriais que hoje visitam os estabelecimentos da Lisnave, onde serão obsequiados com um almoço.

Novo professor do I. S. Técnico

Foi nomeado professor extraordinário do Instituto Superior Técnico o eng.º José Lopes da Silva, bolseiro do Instituto de Alta Cultura e doutorado pela Universidade de Strasbourg.

O novo professor exerce funções docentes no I. S. T. desde 1961 e dedica-se à investigação em Química e Física molecular, tendo diversos trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras.

Alterações ao Regulamento dos Transportes

Amanhã, às 11 e 30, no seu gabinete, o secretário de Estado das Comunicações e Transportes preside a uma cerimónia durante a qual fará alterações ao Regulamento dos Transportes Auto-móveis.

A amizade de João de Barros e João de Deus Ramos evocada por Manuela de Azevedo

No Museu João de Deus foi prestada expressiva homenagem à memória de João de Barros e João de Deus Ramos, durante uma cerimónia a que presidiu o embaixador do Brasil.

O prof. Henrique de Barros, ao fazer a entrega àquele museu dos originais das cartas que figuram no primeiro volume da obra «Cartas a João de Barros», organizado pela escritora, e nosa prezada camarada da Imprensa, Manuela de Azevedo, começou por dizer:

— Diz-me a consciência que não tenho deixado perder as oportunidades que têm surgido para promover ou suscitar homenagens à memória do meu pai, o poeta e educador democrata que se chamou João de Barros e foi grande amigo desta casa e do seu fundador João de Deus Ramos. Refiro-me à nova oportunidade dada pela publicação da obra «Cartas a João de Barros».

Acrescentou que, ao confiar os originais das cartas àquele museu, estava a entregá-las

aos cuidados das finas ilustrações de João de Deus Ramos, que tão abnegada e competentemente têm procurado e sabido manter aceso o culto pelo seu Pai.

Disse depois estar em preparação um segundo volume e, em estudo, a publicação de um terceiro com cartas de intelectuais brasileiros, que poderia intitular-se «Subsídios para a história das relações culturais luso-brasileiras».

O prof. Henrique de Barros deu depois a palavra a Manuela de Azevedo, que iria falar da amizade que uniu João de Barros e João de Deus Ramos, «e que foi mais do que fraterna».

História de uma amizade

Manuela de Azevedo começou por evocar a velha Héliade, Cícero, Aristóteles, Platão e... João de Barros, onde o amor da amizade era, como a sabedoria, a coisa melhor da vida. Com o tempo, este conceito de amizade foi alterado. O homem contemporâneo pode reparar que o tempo que nos devora cada vez nos deixa menos lugar para o culto da amizade.

— Não era assim nos fins do século passado e começo daquele em que vivemos, em que havia tempo para a convivência entre os homens — acentuou Manuela de Azevedo.

Prosseguindo, traçou o quadro em que nasceram as relações de estima entre João de Barros e João de Deus Ramos, quadro em que se sente ainda o eco das «Farpas» e dos «Gatos», e se insere, como ideal do bem comum, a necessidade de cultura e o direito de todos a essa cultura, como base de elevação do nível social das massas populares.

Antes de entrar no tema da amizade entre João de Barros e João de Deus Ramos, a conferencista fez largas referências à correspondência de Fernando Utra Machado, futuro oficial do Exército e paradigma da cultura da juventude dessa época. Descreveu, a seguir, as relações de amizade, não só entre João de Barros e João de Deus Ramos, mas, também, com uma terceira figura, o jornalista e fundador do «Diário de Lisboa», Joaquim Mano.

Evocou a obra do poeta João de Deus, também jornalista e deputado, que, a convite de uma casa editora, concebeu a «Cartilha Maternal», tentando, a favor da cultura popular, libertar a criança do martírio de aprender a ler silabando e soletando. De mãos dadas, João de Barros e João de Deus Ramos continuaram a obra já em marcha, herdada do poeta João de Deus.

Através da correspondência trocada entre os dois amigos — disse Manuela de Azevedo, a terminar — percebe-se toda uma enorme acção educativa a favor das massas populares. Ainda sobre esta correspondência, recordou a acção de João de Barros e de alguns escritores brasileiros no estreitamento das relações culturais luso-brasileiras.

A conferência foi ilustrada por uma canção musicada por João de Deus Ramos, executada por alguns dos Jardins-Escolas João de Deus.

No final da sessão, a sr.^a Maria da Luz Deus Ramos Pontes de Carvalho, neta de João de Deus, agradeceu ao prof. Henrique de Barros a valiosa dádica, e a Manuela de Azevedo a preciosa colaboração prestada à memória de João de Deus Ramos e João de Barros.



No Jardim do Campo Grande há pistas onde é possível andar de bicicleta. Mas não seria de reservar arruamentos noutros jardins para o mesmo efeito?

HOTÉIS HOLIDAY INNS

A Imobiliária Construtora Grão-Pará, S. A. R. L., e a ORTESA - Ordenação de Terrenos, S. A., firmaram um acordo para a instalação de dois hotéis Holiday Inns em Espanha.

Os dres. José Godall e eng. Rafael Calzado, administradores da firma espanhola, e os da Grão-Pará, sr.^a D. Fernanda Pires e dr. Abel Pinheiro, assentaram em Lisboa as tarefas que incumbem a cada uma das partes.

A empresa portuguesa respeitará os projectos de arquitectura e engenharia dos hotéis a serem edificadas em Sines e Barcelona, de acordo com as normas técnicas adoptadas pela cadeia hoteleira americana.

Conferência integrada no seminário «A Nação Portuguesa Contemporânea»

Cinco professores universitários, um bispo, dois oficiais-generais e um sacerdote católico são os autores das nove conferências do seminário dedicado ao tema «A Nação Portuguesa e Contemporânea» promovido pelo Instituto de Altos Estudos Militares e actualmente iniciado.

O seminário é destinado a futuros chefes militares, representantes da alta administração e responsáveis do sector privado — esclareceu o general Câmara Pina, director do Instituto, ao apresentar à Imprensa o programa do seminário.

É o seguinte o programa das restantes conferências, a efectuar à tarde nas instalações do I. A. E. M., em Pedrouços: hoje «A Terra Portuguesa: sua expressão geográfica», pela prof.^a Raquel Socorro Brito; dia 4, «A Nação Portu-

guesa no seu aspecto sociológico», pelo prof. João Pereira Neto; dia 8, «A Nação Portuguesa no seu aspecto religioso», pelo bispo de Cambrão; dia 10, «A Nação Portuguesa no seu aspecto cultural», pelo prof. José Sebastião da Silva Dias; dia 15, «A Nação Portuguesa no seu aspecto militar», pelo general João do Pa-

va; dia 16, «Integração cultural portuguesa», pelo prof. Eduardo Abranhes Soveral. Este último tema será desenvolvido nos dois seguintes subtemas: dia 18, «Contribuição das Forças Armadas», pelo brigadeiro André da Fonseca Pinto Bessa; dia 19, «Alguns problemas culturais», pelo doutor dr. Luís Santos.

Apreensão de publicações pornográficas

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo distribuiu à Imprensa a seguinte informação:

«Para conhecimento público, dá-se conta de que nos últimos meses foram apreendidas pelos serviços da Polícia e em colaboração com outras autoridades competentes, numerosas publicações de carácter pornográfico, entradas

no País. O seguinte quadro de apreensões dá uma ideia do labor desenvolvido na defesa dos costumes: 2598 livros; 6527 revistas; 6155 catálogos; 35 filmes; 1806 brochuras; 720 jornais; 1705 fotografias e 1841 pequenas publicações, ou seja, um total de 21387 exemplares, dos quais cerca de metade remetidos da Suécia».

Calendários

Agradecemos os calendários que nos foram enviados pelas seguintes firmas:

J. O. Atelier Gráfico de Júlio Sancho Quirino, Herd.^{os}, Lda., Rua de Santa Catarina, 34-1.^o, L. M. Eriessson, Porto Barros de Vila Nova de Gaia, Companhia de Seguros Confiança, Manufatura Nacional de Borracha (Mabor), Saeor, Henrique Costa, Lda., Porto Kopke, Lda., Sociedade Leiriese de Combustíveis e Óleos «Petrolis» de Leiria, Fermentos Holandeses, A Alentejana e da Companhia de Aviação SAS.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo 60\$00. R. dos Taipos, 14. Tele. 327256.

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25\$00 (à noite) — Consumo mínimo 40\$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 213259. Encerra às quartas-feiras.

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima da Rosário, Zília Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Compelos. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto. Consumo mínimo 40\$00. Travessa da Espera 8, tel. 35464. Encerra às 5 da madrugada.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Coelho de Jesus Miguel.

Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva. Cons. min. 40\$00. Rua da Rosa, 219. Telef. 368579.

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Cidália Moreira, Ana Rosmarinho e António de Mello-Comê. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mínimo 90\$00. Beco dos Cortumes, 10. Telef. 860816.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda. Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramin. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Cons. min. 50\$00. R. da Barraca, 133. Telef. 369760 e 30532. Encerra às terças-feiras.

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ernida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola).

la) Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha. Travessa da Queimada, 10-16. Telef. 362889-328503.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Aroulos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Cons. min. 70\$00. Rua do Norte, 91. Telef. 30095-328713. Encerra à segunda-feira.

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fer-

nando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvidu Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Cons. min. 61\$50 (taxas incl.) e Rua Gilberto Rolia 24. Telefones 676655-672431.

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Francisco Martinho, Maria Amélia Praença, Alcindo de Carvalho, Tomaz Jaime Santos, António Praença. Rua Diário de Notícias 107. Telefone 328307. Encerra aos domingos.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

Pop—Soul e Underground. Sempre os últimos êxitos em discos, recebidos directamente da Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. Rua Carlos dos Reis 51-A. Telef. 775695.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas. Música constante. Calçada

Marquês de Abrantes, 64-66. Telefone 667264.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante. Av. Marechal Carmona, 2 — Campo Grande. Telef. 790177. Encerra às 3.30 horas.

MAXIME

Conjunto 6. Reacção e Max. Plano. «Show» turístico. Va-

riedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

vá jantar ou cear A FURNA Rua Ferreira Lapa, 380 a duque de Loulé-Lisboa

BARBARELA

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto). Telef. 367136. Encerra às 3 horas.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos.

ARCHOTE CLUBE-BAR

Cocktail-Bar — Salon — Boite — Clube. Últimas novidades em disco, recebidos directamente dos E. U. A. e Inglaterra. Rua D. Filipa de Vilhena, 6-D. Telef. 49960.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telef. 264521-264526-264596-264621-264946.

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384. Concl. Heide Reis. Encerrada aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas. Avenida Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

ESPECULA-SE EM BARRACAS NA ÁREA DE LISBOA

● DEZENAS DE CONTOS POR QUATRO PAREDES DE CAIXOTE

Há um negócio, um negócio rendoso (ressalvadas as proporções, tendo em conta a «mercadoria») a processar-se nas zonas da cidade onde se erguem barracas, que servem de habitação a famílias numerosas. Um negócio em que a miséria explora a miséria, a compra e venda de quatro paredes feitas de tábuas de caixote.

Um negócio em que alguns tentam ficar menos miseráveis, á custa, precisamente, dos que ainda têm menos do que eles. Tudo porque os homens «insistem» em ter um tecto e outros sabem disso e exploram essa «insistência».

Um anúncio aparecido num jornal de Lisboa chamou-nos a atenção: «Urgente almas caridosas que ajudem família pobre na iminência de ser desalojada. Quinta da Musgueira Norte, Rua J, 15. Ana de Jesus da Fonseca». Um apelo (pago á linha, ao estilo sociedade de consumo) aos bons sentimentos de quem percorresse a folha em causa. Mas um apelo desesperado de quem vai ficar sem tecto.

Um quadro triste...

Quando chegámos á moradia referida no anúncio, depois de procurarmos pelas ruas pouco alegres e insalubres da Musgueira, via-se ali um magote de pessoas. Faziam alarido e pediam justiça, aos gritos, todos ao mesmo tempo, os que rodeavam a família de Ana de Jesus da Fonseca Martins, de 30 anos, natural de Viseu. A barraca fora demolida há pouco e a família rodeava os parques haveres.

O chefe do agregado, sr. Joaquim José Martins, de 35

anos, natural de Lamego, servente de pedreiro, disse-nos: — Vivo aqui há oito meses. com a família, tendo o pagamento do aluguer do terreno em dia (mostrou-nos acto contínuo o recibo), não percebo porque me deixaram a barraca abaixo.

Aparentemente, não se percebia. Até porque construções do género não faltam na Musgueira... são a Musgueira.

— Os vizinhos nada têm a dizer. De mim (vozes de apoio), não trato mal ninguém — prosseguiu o sr. Joaquim Martins.

Fazem parte do agregado familiar, além dos dois filhos do casal — António de Jesus, de 9 anos e Maria de Lurdes, de 2 — os pais do servente de pedreiro, sr. António Martins, de 62 anos, doente, e sr. Maria José Pereira Martins, de 61, parálitica. Todos se lamentavam, as duas mulheres choravam pelo abrigo perdido. Um quadro triste, com apenas uma nota de calor humano: a solidariedade dos vizinhos.

Antes de nos retirarmos da Musgueira, fomos ainda informados de que entra a ordem de despejo e a demolição não haviam decorrido 24 horas. Os próprios guardas teriam tido pena da família (o que não custa a crer), mas havia que cumprir as ordens. «Estão muitas outras barra-

cas para ir abaixo. É embirração da Polícia» — murmurou alguém.

«Negociava com a pobreza» — esclareceu o comandante da Polícia Municipal

O caso da família Martins (o chefe do agregado veio para Lisboa, há 16 anos, em busca de melhor sorte) não podia deixar de impressionar, embora fosse semelhante a muitos outros existentes na cidade. Certos aspectos do problema, no entanto, apareciam mal esclarecidos, confusos. A sr.ª Ana de Jesus pagara o aluguer do terreno, onde se erguia a barraca que um senhor viúvo lhe deixara por 360\$00. Não se compreendia, portanto, que tivessem surgido os funcionários da C. M. L., para demolir a habitação, assim sem um motivo qualquer...

A secção do Património da Câmara Municipal de Lisboa confirmou que a renda do terreno fora paga. Entrámos em contacto, então com a Polícia Municipal. E o respectivo comandante esclareceu-nos, amplamente, sobre o que se passava. Havia um auto de averiguações regulamentarmente organizado. O casal Martins, recentemente, e segundo constava desse auto, vendera uma barraca, na Rua J, na Musgueira, por 5700\$00, comprando a que foi demolida por pouco mais de 300 escudos. Segundo parece, o «negócio» já vinha de trás. Na Quinta das Minhocas, onde também existem muitas barracas, marido e mulher transaccionaram uma habitação por 1100\$00... Uma «habitação» de tábuas de caixote...

«Comprando e vendendo, negociando com a pobreza» — disse-nos o comandante da Polícia Municipal — «por barracas infectas chegam a dar-se 11, 15 e 25 contos!»

Tais «transacções» constituem abusos de confiança. Segundo nos afirmou aquele oficial, embora custe, há que se demolir, para que tais especulações não se multipliquem.

E acrescentou que os pais

da sr.ª Ana de Jesus, também a viverem no Musgueira, lhe poderiam dar abrigo. A demolição constituiria, portanto, um castigo para as actividades do casal.

«Multar não adianta...»

O comandante da Polícia Municipal afirmou-nos, por outro lado, que casos de especulações com barracas, infelizmente, abundam. Um comissário gasta 8 ou 9 horas por dia a tratar de casos relativos a barracas. São as próprias pessoas, segundo nos disse aquele comandante, que denunciam, que se queixam dessas especulações. Multar os que previam (em 3.200\$00) não adianta, porque o tribunal em face da pobreza (real) dos meios, acaba por absolvê-los.

A miséria explora a miséria... e continua, no entanto, a ser miséria. Mas há que evitar a exploração, enquanto a Câmara não arranjar casas decentes para alojamento decente de todos.

Muitos perguntam, no entanto, porque razão a Câmara cobra dinheiro pelo terreno.

«A face da lei, disse-nos o comandante, as barracas são construções clandestinas e, como tal, podem ser demolidas em qualquer altura. A Câmara Municipal, tem de cobrar aluguer pelo terreno ocupado por cada barraca, para que o ocupante não possa, mais tarde, chamar a si o direito ao terreno ocupado. E citou um exemplo: «Certo homem que tem, actualmente, uma exploração de barracas no Bairro da Liberdade, herdou o respectivo terreno por ocupação durante 10 anos. O proprietário morreu, ele foi ficando e, a dada altura, entrou na posse (legal) da terra.»

Poderiam alguns dos moradores dos chamados «bairros da lata» ter futura vida e, sobretudo, outra casa? Por enquanto, muito poucos, com toda a certeza. O comandante da Polícia Municipal, porém, contou-nos um caso:

«Um homem ganhou 300 contos na lotaria. Pôs o dinheiro a render, meteu-se numa pequena exploração pecuária, no Alentejo, mas continuou a viver numa barraca. Porquê? Segundo diz o dinheiro é para educar os filhos que, entretanto, crescem num ambiente insalubre...»

Há distribuição de casas municipais, mas, claro, não chegam as mesmas para as necessidades que aumentaram subitamente no último lustro, com o exodo das populações rurais para Lisboa. As pessoas continuam a afuir ao mercado de trabalho que é a capital e tem de arranjar um tecto. Cedem às especulações, outros fazem-nas. Erguem barracas, ocupam terrenos.

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA
DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

★ É justamente em casa do enforcado que mais se fala da corda.

★ Tenho perdido a vida — a ganhá-la.

★ Afinal, querido Poeta, eles voltaram-se para o outro lado... e continuaram a dormir. (Ou a sonhar?)

★ Não é por tecermos cuidadosamente a nossa própria tela de aranha, que estamos livres de cair nela como incautas moscas.

★ Tinha ele vinte anos, disse-lhe um homem ilustrado: «Quanto aos seus versos, meu caro X., cresça e apareça!» O triste do caso é que,

AFORISMOS & DE APARÍO

sem ter crescido, ele foi aparecendo cada dia mais.

★ O Matos, gordo e bonacheirão, chegou aos oitenta anos tendo enterrado quase todos os seus coevos. Um dos que restam encontra-se na rua: «Adeus ó Matos-Além!»

★ Eleições: reclamo-as livres e honestas (como é de justiça) em minha própria casa: mas na casa alheia elas parecem-me ou digo-as sempre roubadas, falsificadas, uma farsa. Só gosto das que dão ao candidato único 99 por cento dos votos espontâneos e conscientes.

★ Vaidoso do minicarro de luxo que acaba de comprar, o T. diz a um amigo: «Anda cá ver o meu novo ataúde!»

★ Letreiro, em pleno Verão, à porta de um grande cinema dotado de ar condicionado: «Traga o seu casaco de peles!»

★ Picasso: «On met très longtemps à devenir jeune!» Que é como quem diz: Isto de ser jovem custa muito esforço e tempo.

★ Como só lhe ensinaram a Humildade, ele aprendeu apenas a Rebelião.

★ Da Arte de Conversar, a mais difícil regra é saber calar-se. Dizem aforistas: «Se tu queres conversar comigo, tens de aprender a estar de bico calado!»

★ Como hão-de os jovens saber o que querem e para onde vão, se a maioria dos adultos, e muitos velhos, não sabem onde nem como vieram, aonde chegaram, para onde irão, nem como acabará isto tudo? E foram eles, e os seus antecessores, que nos trouxeram até aqui

★ «Este sujeito, em vendo uma burra com saias, perde a cabeça! — Com saias?! Sem elas!...» corrige alguém.

★ Porque nos arreprelamos tanto com o Estruturalismo, se foi um génio familiar que inventou as «infra» e as «supra-estruturas» económico-sociais?

★ No princípio era o verbo Amar, e no fim é o verbo Morrer: que remédio, entretanto, senão ir vivendo...

★ Quem não quer ser Roma (imperial, claro está) não lhe enverga os podres. Ou: Quem não quer ser podre não se veste de Roma

★ Enquanto uns paparrotam de Cultura & Civilização, outros vão-nas edificando.

★ Tempo houve em que era a expressão das certezas (relativas!) que atraía o raio: mas quão benigno! Hoje, é a expressão das dúvidas que acarreta o anátema — e o resto.

★ Diz-me este homem «culto», que tem corrido meio mundo e lido imenso: «Estou há seis anos em Lisboa, e quer V. acreditar que nunca fui à Outra Banda, nem sequer para ver o panorama da capital?»

★ Recorremos sempre a um pretexto doutrinar ou pietista, ou a uma «verdade» provisória, para

O MACACO LOUCO

* é um livro
* está à venda

Leu o MACACO NU?

Então está interessado em ler esta obra
É também um livro importante
Escrito por Albert Szent-Györgyi
Prémio Nobel da Ciência

35\$

PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA

ESPELHO POLIÉDRICO

José Rodrigues Miguéis

& VENENOS RÍCIO (IV)

exercer sobre homens e coisas os nossos instintos de carnificina e destruição.

- ★ Estavam todos de acordo em saber que se tinham perdido ou errado o caminho; mas em desacordo quanto a saber para onde deviam ir.
- ★ Este homem fala e conduz-se de tal modo como um parvo, que chega a convencer-nos de que o é mesmo.
- ★ Elogio de um grande Rei: «Este homem, senhores, era, e continua a ser, tão grande, que ainda depois de morto consegue aquilo que nenhum outro, nem ele próprio em vida, conseguiu até hoje: manter-nos calados, submissos, expectantes, e unidos na desunião e na discórdia. Tal era a força do seu génio!» (Fragmento da Antologia Grega).
- ★ Um dos preceitos fundamentais da farmacopeia político-social: «Agite-se bem antes de usar!» (E, em todos os casos, ler as contra-indicações).
- ★ Por cima da porta do anfiteatro de Anatomia, um estudante jocoso escreveu esta palavra: ABRACADABRA. Porquê? «Porque é aqui que nos ordenam «abraocadáber!»»
- ★ Quem poderá esperar que o micróbio, metido nos recessos do organismo, compreenda a grandeza do universo em que ele e nós vivemos? (E o universo: terá ele consciência do micróbio?).
- ★ «Então você não leu hoje no Times?!» (etc.) «Há sessenta anos que todos os dias leio religiosamente vários jornais, e todas as semanas e meses algumas revistas. Com que resultado? Não acha o amigo que é tempo de começar a ter juízo, e a ler algo de proveitoso?» [Com perdão do Diário de Lisboa!]
- ★ Como nas crises de crescimento da adolescência, produtoras da hebefrenia, as sociedades em via de rápida transição económica dão por vezes em falar uma linguagem confusa e críptica, que se pode classificar de tecno-frénica ou esquizo-crática.
- ★ O mal de algumas doutrinas é assentarem num causalismo, esquemático ou geométrico, rígido e simplista, praticamente impossível de se comprovar nos factos, ou seja, fora da abstracção: causas-de-causas-de-causas, e efeitos-de-efeitos-de-efeitos... que são como madeixas de fios que se vão entretecendo ou entrançando inextricavelmente uns nos outros, não nos permitindo, na sua inextricável sucessão, dizer exactamente onde começam e onde acabam.
- ★ Temos o horror das palavras masculinas terminadas em A: acrobata, psiquiatra, e mil outras. Conforme dizemos agora «borborígnos», não poderíamos passar a dizer também «enigmós», por favor? (E, já agora, arcipreste, testo, oesto?)
- ★ Se entronizarmos a mediocridade, que nada tem de «aureo», como esperar que os autênticos padrões de valor sejam reconhecidos e respeitados? Ao elevarmos tudo ao nível da consagração, não estaremos antes nivelando por baixo?



Cores quase neutras para dia e fortes para noite são a tendência predominante das colecções londrinas para a próxima Primavera. Os «dailleurs» continuam a ser o conjunto de grande classe. Os tecidos mais escolhidos são os «tweeds» leves e suaves, os crepes de lã e sedas estampadas. Quanto ao comprimento, o «midi» logo abaixo do joelho é a moda

CONTE COM O HOMEM DA REGISCONTA ...SEMPRE!

Grandes marcas fazem grandes empresas.
Mas, se a máquina deve ser boa,
o Homem tem que ser melhor.
Ele, o Homem da Regisconta
está preparado, não apenas para lhe
vender máquinas (isso seria demasiado
fácil para ele), mas para estudar,
planear e aconselhar um sistema.
O melhor sistema: o seu.
A imensa gama de que dispõe, desde a
mais simples máquina de escrever
ao computador electrónico, permite-lhe
aconselhar a que melhor lhe serve.
Ele conhece-as bem. É um especialista.
Conte com o Homem da Regisconta...sempre!



DIVISÃO DE
MÁQUINAS DE CONTABILIDADE
ADD-X - ASCOTA - PHILIPS - SOEMTRON
SERVICE BUREAU
COM POTENTE COMPUTADOR PALLAS
DIVISÃO DE
COMPUTADORES ELECTRÓNICOS
PHILIPS
DIVISÃO DE
REPRODUÇÃO DE DOCUMENTOS
FOTOCOPIA - LUXACOPY - OCE-MINOLTA - SCM
OFFSET - ROTAPRINT - INCAF
DUPLICADORES
ORMIG - RONEO
MÁQUINAS DE ALÇAR
ORDINA
MÁQUINAS DE DOBRAR CARTAS
PRESTO-FOLD

DIVISÃO DE
CAIXAS REGISTRADORAS
ANKER - HASLER - HUGIN

DIVISÃO DE
MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO
DE ESCRIVER:
FACIT
DE ESCRIVER COM BANDA PERFURADA:
DURA
SOMADORAS E CALCULADORAS:
ADD-X - DIEM - FACIT
ODHNER - PHILIPS - TOTALIA
FICHEIROS ROTATIVOS:
DIEBOLD - REMINGTON
PLANNINGS:
EFFICIENTA
MÁQUINAS DE FRANQUIAR:
FRAMA - NEOPOST
MÁQUINAS DE DITAR:
PHILIPS
CERTIFICADORAS DE CHEQUES:
SAFEGUARD

Regisconta

LISBOA - Av. Duque de Loulé, 72 - Tel. 56 00 91 (8 linhas)
PORTO - Rua Cláudio, Penafiel, 1 - 5 - Tel. 232 62 (4 linhas)
COIMBRA - Rua Dr. Manuel Rodrigues, 16 - 20 - Tel. 261 08
FARO - Rua Dr. Cândido Guerreiro, 27-A - Tel. 243 47
LEIRIA - Av. Heróis de Angola, 125 - 1.º Esq. - Tel. 233 86



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 2 de Março de 1941 publicava:

«WASHINGTON, 2 — Foi comunicado pela Cruz Vermelha americana ter sido fretado o vapor «Exmouth» para carregar alimentos, roupas e remédios no valor de um milhão e 250 mil dólares destinados à França não ocupada, acrescentando que aquele navio tinha obtido autorização da parte das autoridades navais britânicas para atravessar a zona do bloqueio.»

Uma escola cujo estado ameaça as crianças

SOBRAL DE MONTE AGRÃO, 2 — É de extrema necessidade a construção, em Pereiro de Palhaçana, dum novo edifício escolar, pois o actual encontra-se em muito mau estado de conservação e constitui perigo para as crianças.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

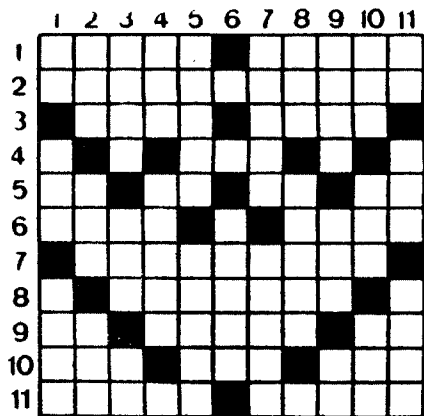
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Palavras cruzadas

UM PROVERBIO:
PROBLEMA N.º 5820

HORIZONTAIS: — Indicar a data de Carreira. 2 — Condições da força. 3 — Encolher. 4 — Artigo definido. 5 — Sobral (s. q.). 6 — Apellido. 7 — O lado do vento. 8 — Alternativa. 9 — Jarro (planta). 10 — Galinha (prov.). 11 — Obrigada (fig.). 12 — Guarnecida de orações. 13 — Artigo indefinido. 14 — Nome de homem. 15 — Pato. 16 — Camarã. 17 — Preposição e artigo definido. 18 — Anáclis (o cavalo). 19 — Prato.

VERTICAIS: — Oterece. 2 — Vazia. 3 — Agulhões. 4 — Pedra de altar. 5 — Reze. 6 — Dê. 7 — Voz imitativa do ruído de couso que se parte, especialmente vidros. 8 — Pega. 9 — O mais. 10 — Rio da Suíça. 11 — Insinua (fig.). 12 — Conjunção. 13 — Rio de França. 14 — Ramadas. 15 — Nadar. 16 — Estreito. 17 — Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. 18 — Medida de superfície. 19 — Realiza. 20 — Magote. 21 — Caminhar. 22 — Aménio (s. q.). 23 — Cuija fórmula é Az H. 4. 10. 24 — Direcção. 25 — Olé Popular (abrev.). 26 — Artigo definido. 27 — Cavalo montado (bras.). 28 — Carga.



Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5819

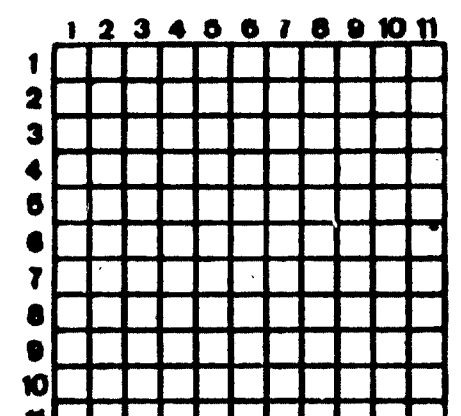
HORIZONTAIS: — 1 — Alapa. 2 — Benat. 3 — Rios. 4 — Mos. 5 — Lás. 6 — Mus. 7 — UM. 8 — Psem. 9 — Ra. 10 — Repisaremos. 11 — UI. 12 — Dó. 13 — Ser. 14 — Es. 15 — At. 16 — Rupia. 17 — Pa. 18 — 9. 19 — DIA. 20 — Ais. 21 — CAI. 22 — 10. 23 — Inés. 24 — To. 25 — Sorri. 26 — Temos.

VERTICAIS: — 1 — Armur. 2 — Códiz. 3 — Liame. 4 — Afino. 5 — Aos. 6 — Pum. 7 — Aer. 8 — Ps. 9 — Pilar. 10 — S. 11 — Lis. 12 — Rua. 13 — CASA. 14 — ópio. 15 — Ser. 16 — Es. 17 — Em. 18 — Meja. 19 — Te. 20 — Rim. 21 — Mor. 22 — Com. 23 — 10. 24 — Aturo. 25 — Opia. 26 — 11. 27 — Tosas. 28 — Soias. 29 — Provérbio: UM DIA CAI A CASA.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 9663

HORIZONTAIS: — 1 — Cidade da Arábia Saudita. 2 — Cidade fortificada de Espanha (Aragão). 3 — Ovário dos peixes. 4 — Espaço de trinta dias. 5 — Um milho. 6 — Letra grega. 7 — Cidade japonesa na ilha de Hondu. 8 — Ouro (s. q.). 9 — Buscamos. 10 — Sensola. 11 — Acrescentado. 12 — Ilha inglesa no mar da Irlanda. 13 — Espaço de doze meses. 14 — Tiro da terra. 15 — Glada. 16 — Criador. 17 — Noventa em romano. 18 — Recebem. 19 — Tempo do verbo. 20 — Unidade monetária do Japão. 21 — Orano. 22 — Mágica. 23 — Impulso. 24 — Punição.

VERTICAIS: — 1 — Livro de orações. 2 — Freguesia do concelho e distrito da Aveira. 3 — Anteposado. 4 — Ave pernaltia. 5 — Dogura. 6 — Seguir. 7 — Terra. 8 — Lago. 9 — Província industrial da Bélgica. 10 — Freguesia do concelho de Castelo Branco. 11 — Antiga (fig.). 12 — Briga. 13 — Calita que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. 14 — Resumo. 15 — Lavar. 16 — Embeberam em. 17 — Iodo. 18 — Aménio (s. q.). 19 — Signos (ant.). 20 — Preposição. 21 — Remo para trás. 22 — Lista. 23 — Cada uma das partes dissociadas da corrente eléctrica. 24 — Arrenda. 25 — Agulha.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9662

HORIZONTAIS: — 1 — Pouco. 2 — Omudo. 3 — Imãs. 4 — Alm. 5 — Sai. 6 — Iná. 7 — ONU. 8 — Cl. 9 — Apago. 10 — Ta. 11 — Aard. 12 — Artes. 13 — El. 14 — Ai. 15 — Ns. 16 — Ain. 17 — Lor. 18 — AC. 19 — Atear. 20 — Mi. 21 — Tanro. 22 — Béras. 23 — 10. 24 — Area. 25 — Unido. 26 — 11. 27 — Salma. 28 — Aoros.

VERTICAIS: — 1 — Pisco. 2 — Notas. 3 — Emala. 4 — Ocaro. 5 — Uoi. 6 — Ros. 7 — Rei. 8 — Cs. 9 — Aal. 10 — Arom. 11 — Ipo. 12 — Atala. 13 — 6. 14 — Une. 15 — Lie. 16 — Agá. 17 — Nobua. 18 — Má. 19 — Ora. 20 — Reno. 21 — Ulo. 22 — Til. 23 — Rir. 24 — 10. 25 — Den. 26 — Amado. 27 — 11. 28 — Amuas. 29 — Risos.



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«VERA CRUZ»
a sair em 5 de Março
às 16 horas

Com escala por Las Palmas, para: LUANDA e LOBITO. Carrega em 2 de Março.

«IMPERIO»
a sair em 6 de Março
às 12 horas

Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.

«LOBITO»
a sair em 9 de Março

Com escala prévia por Leixões para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega até 4 de Março.

«INF. D. HENRIQUE»
a sair em 12 de Março
às 16 horas

Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 7 a 10 de Março.

«GANDA»
a sair em 26 de Março

Com escala prévia por Leixões para: S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 16 a 20 de Março.

«UIGE»
a sair em 31 de Março
às 16 horas

Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 22 a 25 de Março.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 20 de Março
às 18 horas

Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), CURAÇAU e LA GUAIRA.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

«FALLAS DE VALÊNCIA»

A C. P. vai organizar, em colaboração com a Agência de Viagens Empresa Geral de Transportes, uma excursão a «Fallas de Valência» com partida de Lisboa (Santa Apolónia) no dia 15 de Março, no comboio «Lusitânia-Expresso» até Madrid, e regresso desta cidade no dia 22, com destino a Lisboa, no comboio Lisboa-Expresso «TER».

Nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia):
— Na Empresa Geral de Transportes, Rua do Arsenal, 124;
— Nas Agências de Viagens autorizadas;
— Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.

A política social tem de tomar em conta as potencialidades do País

— afirmou o secretário de Estado do Trabalho
ao empossar o vice-presidente da Junta da Acção Social

As dificuldades encontradas, há cinco anos, para se louurem no III Plano de Fomento, capítulos sobre habitação e saúde, se assegurar e desenvolver com adequado relevo as rubricas do emprego e da educação foram hoje evocadas pelo secretário de Estado do Trabalho, ao empossar o dr. Corte Real no cargo de vice-presidente da Junta da Acção Social.

O papel da Junta da Acção Social foi largamente referido pelo dr. Joaquim da Silva Pinto, que disse dever ele «ser estimulado tendo em conta as características próprias de um Ministério responsável pela política de trabalho».

«Não se pretende a propaganda do Ministério, mas deseja-se uma informação lúcida e verdadeira sobre política social» — afirmou o secretário de Estado.

Aludindo às dificuldades acima referidas — que encontrou ao colaborar na elaboração do III Plano de Fomento — o dr. Silva Pinto disse que «hoje, no dealbar do segundo triénio da execução desse mesmo Plano, aceitamos como naturais e até insuficientes, providências e empreendimentos

há pouco julgados de longínqua concretização».

O secretário de Estado do Trabalho aludiu ao «acentuado poder de realização do sr. Presidente Marcello Caetano» e afirmou:

«No domínio do trabalho, emprego, previdência e organização corporativa muitas são as medidas que o Governo tem tomado sob a sua chefia, das quais cumpre salientar a acentuada embora prudente elevação salarial; as maiores facilidades garantidas à constituição e funcionamento das organizações profissionais; o seguro social para o sector agrícola e a generalização do regime de pensão de sobrevivência; a estruturação de uma política de emprego; o incremento da formação profissional extra-escolar; uma esclarecida e corajosa política de emigração; a adopção de um planeamento não só económico, mas sócio-económico.»

E o secretário de Estado do Trabalho afirmou, ainda, a terminar:

«O que se não pode desconhecer é que uma política social se tem de concretizar tomando em conta as potencialidades do País e — já uma vez o disse — não interessa fazer prova de imaginação e andar a gastar argumentos fa-

voráveis à introdução de medidas, decerto bem conhecidas por quantos se interessam por problemas de trabalho, só por que em outros países economicamente mais desenvolvidos elas estão já estabelecidas.

Mas a contrariar, por um lado, com a irrequietude dos que tudo acham pouco e, por outro, com a propensão para o imobilismo de quantos não entendem a indispensável e irreversível transformação da sociedade tradicional num outro

tipo social — para usar palavras recentemente proferidas pelo Chefe do Governo — há toda uma generalizada maioria, nada silenciosa por sinal, que tem dado ao Governo e à política por este desenvolvida, através do Ministério das Corporações, todo o apoio.»

O empossado, até agora delegado do I. N. T. P., substitui o dr. Américo Saragga Leal, recentemente nomeado secretário nacional da Emigração.

Necrologia

FALECIMENTOS

Isaura Quaresma de Sousa

Faleceu a sr.^a D. Isaura Quaresma de Sousa, de 71 anos, natural de Lisboa, mãe da sr.^a D. Maria Eugénia Quaresma de Sousa Salis Amaral do sr.^a Agostinho Loureiro Quaresma de Sousa e da sr.^a D. Maria Fernanda Quaresma de Sousa Duarte Lopes.

O funeral, precedido de missa de corpo presente, sairá, amanhã, às 12 horas, da Basílica da Estrela para cemitério a determinar.

Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Barata.

FUNERAIS

Augusto Diogo Ferreira de Sá

Da sua residência, à Rua Nuno Gonçalves, nas Mercês, efectuou-se para o cemitério de Rio de Mouro o funeral do jornalista Augusto Diogo Ferreira de Sá, de 76 anos, antigo redactor do nosso prezado colega «O Século» e da Agência Franco Press.

O extinto era casado com a sr.^a D. Maria Lucas Ferreira de Sá — e irmão do sr. Fernando Diogo Ferreira de Sá, residente em Luanda; tio do sr. António Manuel Gaspar Simões e das sr.^{as} D. Maria Jo-

Fusão do «Notícias da Beira» com o «Diário de Moçambique»

CIDADE DA BEIRA, 2 — (L.) — Um comunicado conjunto publicado simultaneamente nos jornais «Notícias da Beira» e «Diário de Moçambique» informa os respectivos leitores de que os dois matutinos vão fundir-se num só, a partir de 15 do corrente.

O comunicado começa por afirmar que «desde que, em Setembro de 1969, se processou a integração das empresas proprietárias dos dois jornais, foi preocupação dominante das respectivas administrações conservar a autonomia dos dois órgãos de informação, respeitando em tudo as suas características próprias e sempre conducentes à afirmação de independência, visando servir o público a que se dirigem e os distin-

guir com a sua preferência».

«Meses prolongados de estudos e prossecução dos mercados — prossegue mais adiante o comunicado — conduziram à conclusão de que a única forma de oferecer ao público continuidade de um serviço prestigioso e consistentemente cumpridor dos deveres que impendem sobre a imprensa independente, residiria na fusão dos jornais «Notícias da Beira» e «Diário de Moçambique».

Deste modo, o comunicado refere depois «o propósito de realizar a partir de 15 do corrente a fusão dos jornais «Notícias da Beira» e «Diário de Moçambique», que, em conjunto, passarão a ser publicados, beneficiando das mais vastas possibilidades de informação e documentação que a conjugação de recursos passa a consentir».

Por último, o comunicado acrescenta que «se decidiu manter o título, formato e características do «Notícias da Beira», atenta a sua antiguidade no âmbito da imprensa moçambicana, e enriquecendo-o com valores que formam o respetivo património do «Diário de Moçambique».

se Gaspar Nunes Pereira, D. Maria do Carmo Gaspar Nunes, D. Maria Emilia Gaspar Nunes e D. Luellia Gaspar Nunes.

A família enlutada, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo Feitoria Chaves

Do quartel dos Bombeiros Voluntários da Amadora para o cemitério local, efectuou-se, esta tarde, o funeral do sr. Alfredo Feitoria Chaves, de 59 anos, chefe de secção daquela Associação Humanitária.

O sr. Alfredo Feitoria Chaves deixa viúva a sr.^a D. Carolina Feitoria Chaves

Visitas guiadas ao Museu Gulbenkian

Amanhã, a partir das 18 e 30, realiza-se a segunda visita explicada ao Museu Calouste Gulbenkian.

Uma Contribuição da SOREFAME Para o Desenvolvimento da Indústria Nacional

A SOREFAME-Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S.A.R.L. tem o prazer de anunciar que, no prosseguimento da sua política de expansão internacional, estabeleceu acordos de colaboração exclusivos com as seguintes importantes empresas metalomecânicas do Brasil e da África do Sul:

Bardella S.A. Indústrias Mecânicas—S. Paulo, Brasil
Broderick E. Works, Ltd—Duncanville (Transvaal), África do Sul

Segundo estes acordos, caberá a estas firmas o fabrico, nos respectivos países, de equipamentos hidromecânicos sob licença Sorefame. Além do estudo e projecto da totalidade destes equipamentos, a Sorefame participará também no seu fabrico.

Estes contratos testemunham de forma significativa uma real cooperação internacional no domínio da metalomecânica pesada.

S SOREFAME—SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S.A.R.L. AMADORA—PORTUGAL

OS PRIMEIROS CONTRATOS DE LICENÇA CONCEDIDOS PELA NOSSA INDÚSTRIA METALOMECÂNICA PESADA

Actualidade internacional

Atacada pelos guerrilheiros a refinaria cambojana

PHNOM PENH, 2 — (R.) — O Vietcong atacou a única refinaria do Camboja instalada no porto de Kompong Som e as primeiras notícias aqui recebidas dizem que quatro grandes depósitos de petróleo estão a arder.

Os guerrilheiros bombar-

dearam a refinaria com morteiros pouco antes do nascer do sol e efectuaram um ataque de duas horas com forças terrestres, mas não conseguiram penetrar no recinto da refinaria propriamente dita, segundo anunciou o alto comando cambojano.

A aviação e unidades da Marinha intervieram para defender as instalações situadas no principal porto de mar do Camboja e obrigaram os atacantes a bater em retirada.

Três cambojanos foram mortos e seis feridos durante a luta.

Interrogado pelos jornalistas sobre as consequências deste ataque no esforço de guerra cambojano, um informador militar respondeu: «A refinaria não é a nossa única fonte de combustíveis. O ataque não afectará, portanto, a nossa capacidade militar».

A refinaria, que pertence a uma empresa franco-cambojana, tem capacidade para abastecer o país em tempo de paz.

E «GRAVE» A SITUAÇÃO NO MÉDIO ORIENTE

CAIRO, 2 — (A. N. I.) — O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad, afirmou perante a comissão da Assembleia Nacional da República Árabe Unida, ontem à noite, que os Estados Unidos não conseguiram persuadir Israel a retirar as suas forças dos territórios árabes ocupados durante a guerra israelo-árabe de 1967.

Riad afirmou que a situação é «grave» e disse que a posição de Israel era a de

um «desafio aberto às Nações Unidas e às quatro grandes potências», acrescentando: «A paz não pode ser conseguida enquanto Israel não concordar em retirar as suas tropas de todo o território árabe ocupado».

DESAPONTAMENTO

JERUSALÉM, 2 — (A. N. I.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, confirmou que Israel não pode deixar de se opor a re-

tirada total do território árabe que ocupa, mesmo que os Estados Unidos o desaprovem.

«Israel pode opor-se à pressão dos Estados Unidos», disse Eban, numa reunião de estudantes.

Israel recusou-se a retirar completamente dos territórios conquistados na guerra de 1967, o que provocou desapontamento tanto dos Estados Unidos como do enviado especial da O.N.U., Gunnar Jarring.

HELICÓPTERO ABATIDO

SAIGÃO, 2 — (R.) — Um helicóptero americano foi abatido e destruído ontem sobre a província de Kampong Cham, no Camboja, morrendo os quatro tripulantes americanos, segundo anunciou hoje nesta capital o comando militar dos Estados Unidos.

Esse helicóptero elevou para 59 o número de aparelhos americanos perdidos na área desde 30 de Abril do ano passado quando for-

ças americanas e sul-vietnamitas avançaram pelo oeste do Camboja para destruir santuários fronteiriços norte-vietnamitas e do Vietcong.

Dos 59 aparelhos perdidos, 41 eram helicópteros e 18 aviões de asas fixas.

As baixas americanas em consequência da perda dos aparelhos atingem 46 mortos, 50 feridos e oito desaparecidos.

AS TROPAS DE SAIGÃO ABANDONARAM UMA BASE NO LAOS

SAIGÃO, 2 — (F. P.) — O comando sul-vietnamita confirmou com dois dias de atraso que as forças sul-vietnamitas abandonaram a base «Hotel Dois» (Hong Ha Hai, em idioma vietnamita), situada ao sul da estrada n.º 9 no Laos.

A tomada da base «Hotel Dois» tinha sido anunciada ontem pela agência do Pathet Lao e Rádio Hanói. As forças da primeira divisão sul-vietnamita tinham instalado uma posição de apoio, incluindo canhões de 105 e 155 mm.

A maior parte dos observadores em Saigão pensa que foi devido à pressão das forças norte-vietnamitas que a base foi abandonada.

Quanto à colina 31, a noroeste de Lao Bao, continua ocupada pelos paraquedistas sul-vietnamitas, disse o coronel Tran Van An, Contudo segundo observadores locais, incluindo o enviado especial da Agência France Presse, o cimo da colina foi abandonado.

Citando um relatório recebido esta manhã, o porta-voz declarou que os norte-vietnamitas tinham sofrido de 700 a 900 mortos na batalha da colina 31. As perdas sul-vietnamitas teriam sido de cerca de cem mortos e feridos.

O coronel An desmentiu as informações de Rádio Hanói, segundo as quais um coronel sul-vietnamita teria sido feito prisioneiro na colina 31.

Um rendimento certo isento de impostos

TAXAS DE JURO

Depósitos à ordem (pessoas individuais)

Até 50 contos **3% ao ano**
Excedente a 50 contos **1,5% ao ano**

Depósitos a prazo (entidades privadas)

6 meses, renovável **4,75% ao ano**
1 ano, renovável **5,25% ao ano**
15 meses, renovável **5,75% ao ano**

Importâncias múltiplas de 1000\$00 com o mínimo de 10 000\$00

Depósitos Poupança-Habitação

vencem juros à taxa dos depósitos à ordem, mas quando concedidos os empréstimos a que dão direito, é-lhes atribuído um suplemento de forma a beneficiarem da taxa de

5,75% ao ano

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

informações em qualquer dependência da Caixa

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.

O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.



SOLDADOS NORTE-VIETNAMITAS, de baioneta calada, lançam-se à conquista de uma posição recentemente ocupada pelas tropas sul-vietnamitas no Sul do Laos

O príncipe Sihanouk descreve Nixon como megalómano

HONG-KONG, 2 — (R.) — O príncipe Norodom Sihanouk descreveu o presidente Nixon como um megalómano, mas afirmou que esperava que o receio da China sustaria a carreira de agressão do dirigente americano.

Discursando ontem, num comício na cidade de Nanquim, no leste da China, o dirigente cambojano deposto declarou que ficara impressionado com as medidas que os chineses tomaram contra a «loucura de Nixon». O príncipe não pormenorizou essas medidas.

O Vietnam do Norte foi bombardeado

SAIGÃO, 2 — (F. P.) — Um comunicado do comando americano anuncia que, no domingo, aviões americanos bombardearam posições de foguetes Sam e da DCA situadas a 28 quilómetros a norte da zona desmilitarizada, em território norte-vietnamita.

Os bombardeamentos são consequência de recentes disparos de mísseis Sam contra aparelhos americanos actuando no Sul do Laos — acrescenta o comunicado.

A EXPLOÇÃO NO CAPITÓLIO

(Continuação da 1.ª página)

segundo os observadores, poderá avivar o movimento contra a guerra.

A explosão deu-se no momento em que o movimento contra a guerra se prepara para realizar grandes manifestações de protesto, tanto em Washington como em várias outras cidades no próximo dia 24 de Abril e, na opinião dos observadores, poderá contribuir para um aumento de tensão à medida que se aproxima a Primavera, a época do ano mais fértil em manifestações.

A bomba, aparentemente ligada a um mecanismo de relojoaria, explodiu no lavabo dos homens, sob a sala do Senado. Não houve feridos, mas houve prejuízos em mais seis salas, além de fendas nas paredes e no chão, vidros partidos e outros estragos. A

explosão ocorreu precisamente às 1 e 32 da manhã, ou seja às 7 e 32 de Lisboa, e o informador anónimo que telefonou para a Polícia pouco antes da explosão declarou: «Evacuem o edifício, vai explodir uma bomba dentro de 30 minutos».

O capitão da Polícia L. H. Ballard declarou que a chamada de Spockane foi recebida às 2 e 15 da manhã e a de Chicago às 2 e 30. Estas chamadas indicaram que havia pelo menos mais duas pessoas que sabiam da explosão.

Segundo os resultados das primeiras investigações da Polícia, a bomba teria sido colocada no interior de uma parede falsa, o que implica um conhecimento pormenorizado do edifício e aponta para qualquer empregado ou ex-empregado.

DEMITE-SE O GABINETE NORUEGUÊS

OSLO, 2 — (F. P.) — O primeiro-ministro norueguês, Per Worten, anunciou às 12 horas TMG no Parlamento a demissão do governo de coligação não-socialista, declarou o presidente da Assembleia, Leif Granm, ao abrir esta manhã a sessão parlamentar.

A demissão do governo de coligação, que dirigiu a Noruega durante cinco anos e meio abre caminho, na opinião dos observadores, ao regresso do Partido Trabalhista Social Democrata de Trygve Bratteli ao poder. Prevê-se assim que Bratteli seja chamado ainda hoje ao palácio real para lhe ser confiada a missão de constituir novo Governo.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS MORRERAM AFOGADOS DOIS INDUSTRIAIS DA BEIRA

CIDADE DA BEIRA, 2 — (L.) — Morreram afogados dois importantes industriais desta cidade, os srs. José Lopes, proprietário de um estabelecimento de óptica e o construtor civil Bernardo Barra.

O cadáver do primeiro foi encontrado a boiar na praia do Macuti. Presume-se que tenha sido vítima de doença súbita, quando estava a tomar banho, pois o rosto apresentava-se um tanto enegrecido. O outro industrial, Bernardo Barra, morreu afogado na praia do Sengo, onde se deslocara acompanhado de seus filhos e de alguns amigos. Como um dos filhos, de

oito anos fosse envolvido pelas vagas juntamente com outra criança de dez anos, o indolente construtor civil delatou-se a água para tentar salvar o filho.

As crianças conseguiram salvar-se mas o sr. Bernardo Barra que não sabia nadar, pereceu sem o seu cadáver recolhido uma hora mais tarde.

Foi aumentada a tarifa dos táxis em Nova York

NOVA YORK, 2 — (R.) — O «mayor» John Lindsay anunciou a noite passada uma lei aumentando a tarifa dos táxis na cidade de Nova York em cerca de 50 por cento. A medida entra hoje em vigor.

Espera-se que o aumento da «grande rodada» forneça à indústria dos táxis mais 41 milhões de dólares por ano. A nova lei aumentará a tarifa média dos táxis 135 dólares para dois dólares e 35 centos de 50 estados).

A maior greve política em Inglaterra desde 1926

LONDRES, 2 — (F. P.) — A esquerda sindical britânica foi ontem bem sucedida na sua demonstração contra o projecto de reforma da legislação do trabalho: Perto de 1.500.000 trabalhadores tomaram parte na greve de 24 horas lançada pelo Sindicato dos Mecânicos e um número equivalente de não-grevistas foi forçado a parar por repercussão. Jamais uma greve política teve semelhante participação desde as grandes greves de 1926.

A paragem foi quase total nos sectores do automóvel, dos estaleiros navais e da Imprensa. O presidente do Sindicato dos Mecânicos, Hugh Scanlon, marcou para o dia 18 do corrente uma nova greve de 24 horas, e o maior dos sindicatos britânicos, o dos Transportes, pensa em associar-se-lhe.

O «Daily Mirror» inquietou-se hoje com estas perspectivas e pensa que a obstinação de Edward Heath e a teimosia dos sindicatos conduzem a Grã-Bretanha à falência.

Publicações Dom Quixote NOVOS LIVROS



O ESCRITOR NÃO É POLÍTICO?

Jean-Paul Sartre

Textos de SARTRE, textos importantíssimos de um SARTRE de hoje, novo de 70 anos, que reflecte as mais graves realidades deste tempo. Um SARTRE de quem podemos divergir mas de quem reiamos sempre a metodologia exemplar e a coerência de um pensamento vivo. Colecção «Vectores», N.º 6 Preço 50\$00



SENTIMENTO DO TEMPO

Giuseppe Ungaretti

O «poeta do povo italiano». Realmente UNGARETTI é um poeta lido pelo povo. Qual o segredo dessa aceitação? Talvez o seguinte: «Para uma vida agitada, uma poesia agitada». UNGARETTI: I PRÉMIO INTERNACIONAL DA LITERATURA Colecção «Cadernos de Poesia», N.º 17 Preço 25\$00



A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX

Armando Castro

A história Económica duma época da vida nacional cujos aspectos têm um papel genérico em muitos dos fenómenos dos nossos dias. Um trabalho tanto para os estudantes universitários como para quaisquer leitores interessados no seu mundo, e portanto empenhados na sua interpretação e na conquista de instrumentos teóricos da condução. Colecção «Universidade Moderna», N.º 13 Preço 60\$00



A PÍLULA É UM PERIGO?

Ives Seinlet, Robert W. Kistner, Josette Allie, Norbert Bensaid, Lambiotte Escoffier, Maurice Noyer e Paul Vaughan

Em torno do problema da pílula — decididamente defendida, intransigentemente atacada — se polarizam posições que podem e devem ser referenciadas e opções ideológicas de muito mais vastas consequências. O assunto abordado nos seus diversos aspectos. Colecção «Cadernos Dom Quixote», N.º 33 Preço 30\$00

PRACISTA — FARMÁCIA

Prepara-se com prática química e acessórios. Indicar idade, estado, referências. Guarda-se sigilo. Resposta a este jornal, ao n.º 732.

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE RUA LUCIANO CORDEIRO, 110 LISBOA

AUTOMOBILISMO

Trinta e oito concorrentes inscritos na Volta a Portugal

No Clube 100 à Hora realizou-se ontem à noite o sorteio dos concorrentes à 22.ª Volta a Portugal que principia em Lisboa, na próxima quinta-feira, com partida às 17 horas do Parque Eduardo VII. Estão inscritos 38 concorrentes, um número que pode considerar-se muito bom para relativamente aos anos anteriores. O sorteio efectuado forneceu o seguinte resul-

tado: 1 — Eugénio Bosman (Alfa Romeo GTAM); 2 — Giovanni-Salvi-José Arnaud (Porsche 911 GT); 3 — Adolfo Sampaio (Lancia Fulvia HF 1600); 4 — Américo Nunes-F. Castelo Branco (Porsche 911 S); 5 — «Vidigueira»-«Alcaria» (Lancia Fulvia HF 1600); 6 — Polcarpo Brito-Tony Caixinha (Porsche 911 S); 7 — Evaristo Saraiva; 8 — Carlos Fonseca-Fernando Fonseca (VW 1302 S); 9 — César Torres-António Moraes (Austin Clubman GT); 10 — «Nani»-Diniz Mota (Toyota 1200); 11 — Francisco Santos; 12 — Eng.º Hélio Moraes-Dr. Ruela Ramos (Fiat 128); 13 — Artur Santos-Alberto Oliveira (Datsun 1600 SSS); 14 — José Lampreia; 15 — Nascimento Costa-Helder Fortes (Datsun 1600 SSS); 16 — José Manuel Loureiro; 17 — José Manuel Loureiro; 18 — José Carpinheiro Albino-Silva Pereira (Volks-wagen 1302 S); 19 — Fernando Baptista-Rodrigues de Carvalho (Austin 1800); 20 — Jorge Nascimento-Manuel Coentro (BMW 2002); 21 —

Carlos Moura Pinheiro-José Romão (Fiat 128); 22 — Luís Netto-Jocames (Fiat 128); 23 — João Nabais-Feliciano Branco (Volks-wagen 1302 S); 24 — Hermes Góis-«Speedy» (Escort TC); 25 — David Cabral-Francisco Couceiro (Datsun 1600 SSS); 26 — Belmiro Correia-Manelzé (Toyota 1200); 27 — Manuel Martins Teixeira; 28 — Jaime Benítez (BMW 2002); 29 — Lamy Viçoso (NSU TT 1200); 30 — António Carlos Oliveira-Barata (Datsun 1600 SSS); 31 — Ernesto Neves-Portela da Moraes (NSU TT 1200); 32 — Francisco Romão-Zinho-J. Bernardino (Citroen DS 21 Injeção); 33 — Rogério Beatriz-João Palmeiro (NSU TT 1200); 34 — Manuel Souto-Ricardo d'Abranches (NSU TT 1200); 35 — «João»-Jorge Alves (BMW 2002); 36 — Conde de Botelho-Jorge Cirne (Citroen DS 21); 37 — Mário de Figueiredo-Luís Mira (BMW 2002 TT); 38 — Raul Leopoldo; 39 — António Mariano Carvalho (Viva Perkins).

PAUL NEWMAN AO VOLANTE

NOVA YORK, 12 — (A. N. I.) — «Atrás do volante» é o filme sobre corridas de automóveis que a Televisão de Nova York vai apresentar em 18 de Abril. O actor Paul Newman grande entusiasta do automobilismo, participa na película de que fará ainda a apresentação

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Os futebolistas juniores escolhidos por Peres Bandeira estiveram hoje no I.N.E.F. O sportinguista Nando e os benfiquistas Casquinhas e Eurico estão lesionados; e não participaram nos trabalhos que incluíram um «colectivo».

VITÓRIA FÁCIL DO FLUMINENSE

RIO DE JANEIRO, 2 — (A. N. I.) — O Fluminense, desta cidade, venceu facilmente o Deportivo Galicia, de Caracas, por 4-1, em jogo a contar para a «Taça dos Libertadores da América». Os dirigentes do Galicia tiveram uma compensação: receberam pelo jogo 41 mil cruzeiros (cerca de 270 contos).

★ A selecção de futebol da União Soviética prossegue a sua digressão pela América Latina. Jogando em S. Salvador, contra a equipa nacional salvadoreña, venceu por 1-0.

ESTA NOITE HÁ DESPORTO

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria: Benfica-Ateneu, às 20; Nacional-Sacavenense, às 22 e 30; e CDUL-Algés, às 21 e 15, no Ateneu.

Campeonato Nacional, Fe-

minino da I Divisão: C. I. F. C. U. F., às 22 e 30; e Encarnação-Sporting, às 21, ambos no pavilhão da Ajuda.

Campeonato Nacional Feminino da II Divisão: C. D. U. L.-Benfica, às 21 e 30, no

pavilhão do Estádio Universitário.

TÊNIS DE MESA — Campeonatos de Lisboa de Seniores: I Divisão — Belenenses, Paço de Arcos, Ateneu-ML, rantense, Intendente-Sporting e Ávila-C. Católico.

1x2 totoBOLA

O próximo concurso

UMA «CHAVE» QUE VIRÁ DE LONGE

1. Gijón-R. Sociedad
2. Saragoça-Espanhol
3. Barcelona-Sevilha
4. At. Madrid-Valência
5. Bilbao-Real Madrid
6. Málaga-Granada
7. Fiorentina-Torino
8. Foggia-Cagliari
9. Inter-Milan
10. Juventus-Nápoles
11. Lazio-Bolonha
12. Sampdoria-Roma
13. Varese-Catânia

Um concurso diferente, apenas com jogos dos campeonatos de Espanha e de Itália. Como elementos que se julgam úteis, aqui registamos as classificações das equipas dos respectivos países.

ESPAÑHA

1. GIJÓN — 12.º lugar, com 16 pontos. Últimos resultados em «casas»: Celta, 4-0; Elche, 3-1; R. Madrid, 0-1; Sevilha, 4-0.
2. R. SOCIEDAD — 8.º lugar,

com 25 pontos. Últimos resultados «fora»: Saragoça, 0-1; Elche, 2-1; R. Madrid, 0-1; Sevilha, 0-1.

3. SARAGOÇA — 16.º (último) lugar — 12 pontos. Últimos resultados em «casas»: R. Sociedad, 1-0; Barcelona, 1-2; At. Bilbao, 1-2; Sabadel, 2-1.

4. ESPANHOL — 13.º lugar, 18 pontos. Últimos resultados «fora»: Sevilha, 0-1; R. Sociedad, 0-1; Málaga, 0-0; At. Madrid, 0-3.

5. BARCELONA — 3.º lugar, 30 pontos. Últimos resultados em «casas»: At. Bilbao, 0-1; Celta, 2-1; Elche, 0-0; R. Madrid, 0-1.

6. SEVILHA — 6.º lugar, 27 pontos. Últimos resultados «fora»: Sabadel, 1-2; R. Madrid, 0-4; Granada, 0-0; Gijón, 0-4.

7. AT. MADRID — 2.º lugar, 31 pontos. Últimos resultados em «casas»: Las Palmas, 2-1; Saragoça, 3-0; Sabadel, 4-1; Espanhol, 3-0.

8. VALENCIA — 1.º lugar, 33 pontos. Últimos resultados «fora»: Las Palmas, 0-0; Sevilha, 2-2; R. Sociedad, 0-0; Málaga, 1-0.

9. AT. BILBAU — 5.º lugar, 29 pontos. Últimos resultados em «casas»: At. Madrid, 1-0; Las Palmas, 1-0; Celta, 2-0; Elche, 2-0.

10. REAL MADRID — 4.º lugar, 28 pontos. Últimos resultados «fora»: Valência, 0-1; Granada, 0-2; Gijón, 1-0; Barcelona, 1-0.

11. MÁLAGA — 10.º lugar, 19 pontos. Últimos resultados em «casas»: Saragoça, 1-0; Sabadel, 1-0; Espanhol, 0-0; Valência, 0-1.

12. GRANADA — 9.º lugar, 22 pontos. Últimos resultados «fora»: Espanhol, 0-1; Valência, 1-2; Las Palmas, 0-2; R. Sociedad, 1-1.

ITALIA

1. FIORENTINA — 13.º lugar, 14 pontos. Últimos resultados em «casas»: Lanerossi, 0-0; Juventus, 1-2; Roma, 2-2; Catânia, 1-1.

2. TORINO — 9.º lugar, 17 pontos. Últimos resultados «fora»: Cagliari, 0-0; Catânia, 0-1; Foggia, 0-1; Lazio, 0-1.

3. FOGGIA — 8.º lugar, 18 pontos. Últimos resultados em «casas»: Inter, 1-1; Varese, 2-2; Torino, 1-0; Nápoles, 0-3; Bolonha, 2-1.

4. CAGLIARI — 5.º lugar, 20 pontos. Últimos resultados «fora»: Nápoles, 0-1; Verona, 0-2; Sampdoria, 0-0; Varese, 1-4.

5. INTER — 3.º lugar, 27 pontos. Últimos resultados em «casas»: Juventus, 2-0; Fiorentina, 2-1; Verona, 1-0; Bolonha, 1-0.

6. MILAN — 1.º lugar, 30 pontos.

7. Últimos resultados «fora»: Torino, 1-1; Cagliari, 4-0; Lazio, 1-0; Sampdoria, 1-1.

8. JUVENTUS — 4.º lugar, 22 pontos. Últimos resultados em «casas»: Lazio, 3-1; Foggia, 2-1; Catânia, 5-0; Verona, 2-1.

9. NÁPOLES — 2.º lugar, 27 pontos. Últimos resultados «fora»: Roma, 2-2; Bolonha, 0-1; Varese, 1-1; Foggia, 3-0.

10. LAZIO — 15.º lugar, 11 pontos. Últimos resultados em «casas»: Varese, 0-0; Inter, 0-1; Milan, 0-1; Torino, 1-0.

11. BOLONHA — 5.º lugar, 20 pontos. Últimos resultados «fora»: Milan, 1-2; Torino, 0-1; Lanerossi 0-0; Inter, 0-1; Foggia, 1-2.

12. SAMPDORIA — 10.º lugar, 17 pontos. Últimos resultados em «casas»: Juventus, 2-0; Lanerossi, 1-2; Cagliari, 0-0; Milan, 1-1.

13. ROMA — 6.º lugar, 20 pontos. Últimos resultados «fora»: Torino, 0-4; Milan, 2-2; Fiorentina, 2-2; Lanerossi, 0-0.

14. VARESE — 4.º lugar, 15 pontos. Últimos resultados em «casas»: Fiorentina, 0-0; Sampdoria, 1-1; Nápoles, 1-1; Cagliari, 4-1.

15. CATANIA — 16.º lugar, 11 pontos. Últimos resultados «fora»: Verona, 1-1; Nápoles, 0-1; Juventus, 0-5; Fiorentina, 1-1.

O CONCURSO DO DIA 14

Ainda parados os «Nacionais» da 1.ª e 2.ª Divisões, o concurso do próximo dia 14 englobará 6 jogos da 3.ª Divisão, 4 do campeonato de Espanha e 3 do campeonato de Itália. Assim:

III DIVISÃO

Limianos-Régua
Vale-cambrense-Anadia
Naval-Covilhã
Estr. Portalegre-Almeirim
Sacavenense-Estoril
U. Montemor-Lusitano

ESPAÑHA

Espanhol-Celta
Granada-Barcelona
Sevilha-At. Madrid
Real Sociedad-Málaga
ITALIA
Cagliari-Juventus
Roma-Lazio
Torino-Inter

As «duplas» — para quem o desejar — poderão ser modificadas para 1-2 ou X-2 ex vez de 1-X como se apresenta.

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos concursos n.º 26 das nove épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

61-62		211	x12	12-	1x21
62-63		112	xxx	11x	1111
63-64		x11	x2x	111	12x1
64-65		121	2x1	221	21x1
65-66		11x	121	1x1	1122
66-67		x21	2xx	111	1x11
67-68		12x	111	x11	222x
68-69		111	x1x	123	12xx
69-70		121	x12	x11	21xx

a) Nos jogos n.º 2 e 10 nunca saiu o símbolo «X»;
b) Sequências finais muito interessantes nos jogos n.º 1, 5 e 3.

Frazier: «Clay é um palhaço»

NOVA YORK, 2 — (A.N.I.) — Joe Frazier considera Cassius Clay um «palhaço» e um «farsante» que se serve do facto de ser negro para conseguir os seus fins.

Frazier, num artigo vindo a lume numa revista desta cidade a propósito do combate para o título dos «pesados» entre os dois pugilistas da mesma raça, desmentiu que ele e Cassius fossem amigos e acrescentou: «Ele, na realidade, não faz nada do que anda

para at a prégar como Muhammad Ali, o muçulmano. Aqueles negros que o ouvem acreditam na rectidão do que ele apregoa estando na mesma daqui a dez anos. Não passa de um «farsante».

A revista salienta que Frazier falou de Clay com um rancor que surpreendeu. O treinador de Frazier (Yank Durham) afirmou que o seu pupilo vencerá o combate do dia 8. «No 5.º assalto — precisou.

«Clay é bom mas nós já há muito tempo que preparamos a maneira de o derrotar» — disse Durham, acrescentando:

«O segredo é simples: ele nunca teve quem o fizesse correr. Está habituado a fazer isso aos outros. Mas Joe não lhe dara tréguas e obrigá-lo-á a «pedalar», sem nunca o largar. Prevejo o fim no 5.º assalto. Joe acabará com ele com um golpe da direita ao corpo.»

METROPOLITANO DE HÓQUEI EM PATINS

BENFICA, 7-SPORTING, 5

• (RECUPERAÇÃO «ENCARNADA» COM PARTICIPAÇÃO DO ÁRBITRO)

A 17.ª jornada do torneio de qualificação para o Campeonato metropolitano de hóquei em patins (Zona Sul), decorreu sob o signo do sensacionalismo.

Resultados fora de todos os vaticínios, recuperações inesperadas, dificuldades inesperadas: de tudo teve a noite de ontem do hóquei em patins, por sinal a de menor produção de golos!

A derrota do Parede (parante o Belenenses) e as recuperações do Oeiras e, principalmente, do Benfica, foram, sobre muitos outros, os casos de mais relevo da jornada.

Dos jogos realizados, damos a seguir breves resumos:

Parede-Belenenses, 6-8

Árbitro: Octávio Andrada. PAREDE — Branco (Toni); Diniz, Leitão (3), Alexandre (2), Coelho, Amílcar (1).

BELENENSES — Borges; Saraiva (1), Nunes, Garcia (4) e Gomes (3).

Ao intervalo: 1-3.

Inesperado o triunfo azul; mas absolutamente justo, podendo ter sido mais deslivelado.

J. Salesiana-P. Arcos, 4-4

Árbitro: José Trindade. J. SALESIANA — Coelho; Sobrinho (2), Venancio, José Virgílio, Chana (1) e Virgílio (1).

P. ARCOS — Monteiro; José Rosa (1), Rafael, Abreu (3), Correia dos Santos e Alfredo.

Ao intervalo: 2-1.

Após uma primeira parte em que a igualdade de 1-1 só foi desfeita quase no seu termo, o jogo viria a manter até final a mesma toada de equilíbrio, com 2-2; 3-3 e finalmente 4-4. Apenas se as-

sinála que o Paço de Arcos nunca conseguiu adquirir vantagem.

Cascais-A. D. Oeiras, 2-5

Árbitro: Joaquim Candelas. CASCAIS — Paulino; Sombreiro, Cunha, Barros (1), Artur e José Carlos (1).

OEIRAS — J. Pereira; Cristóvão (1), Rosado, Carvalho (1), Ricardo (2) e J. Henrique (1).

Ao intervalo: 2-1.

Excelente segunda parte do Oeiras que, alcançando a igualdade a dois golos (aos 8 minutos) e colocando-se em vencedor no minuto seguinte, acabou por alcançar precioso triunfo.

C. U. F.-F. Benfica, 7-3

Árbitro: Orlando de Sousa. C. U. F. — Marques; José Carlos, Ferreira, Leonel (1), José António (3), Venancio e Zézinho (3).

F. BENFICA — Neto; Jaime (2), Alves, Guerra, Pinheiro Silva (1) e Alexandre.

Ao intervalo: 3-1.

Boa réplica da equipa vencida que assim valorizou o encontro, obrigando os custas a evoluírem cautelosamente.

C. Ourique-L. Algés, 4-3

Árbitro: Neves de Almeida. C. OURIQUE — C. Alves; Rui, Catarino (2), Campos (1), Pires (1) e Antunes.

LIGA DE ALGÉS — Cerca; Barraló, Moreira (2), Moita, Luís, Lemos (1) e Almada.

Ao intervalo: 2-1.

A equipa de Algés esteve prestes a surpreender o Campo do Ourique, que obteve o triunfo com um remate de longe, inesperado, que desfez uma igualdade que seria o resultado mais justo.

Benfica-Sporting, 7-5

Árbitro: Carlos Inca. BENFICA — Ramalheira; Casimiro, Garrancha, Rodrigues (4), Jorge Vicente (2) e Vítor de Sousa (1).

SPORTING — Teixeira; Reis (1), Barata, Adriano, Paulo (1), Lourenço (1) e Puskas (2).

Ao intervalo: 1-4.

Os «leões», numa excelente táctica de contra-ataque, lograram superiorizar-se aos «encarnados» até ao intervalo. O Sporting reapareceu actuando então num sistema de maiores cuidados defensivos, mas chegou ainda aos 5-2. Uma grande penalidade muito discutível, deu novo golo ao Benfica. Seguiu-se a anulação de um tento (legal) ao Sporting. Isso acabou por desorientar a equipa leonina que nos últimos minutos acabou por alcançar precioso triunfo.

Classificação actual:

1.º, Benfica, 42 pontos; 2.º, C. U. F., 38; 3.º, Parede, P. Arcos e C. Ourique, 36; 4.º, J. Salesiana, 35; 5.º, Sporting, 34; 6.º, Oeiras, 32; 7.º, Cascais, 31; 8.º, Belenenses, 29; 9.º, F. Benfica, 18, e 10.º, Liga de Algés, 15.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Aqui temos Angelo, técnico benfiquista, no sorteio dos jogos da «Taça Nacional de Juvenis», prova futebolística que começa no próximo domingo. Jogos mais importantes da primeira jornada: Varzim-Guimarães, Porto-Avintes, Beira Mar-Académica, Torriense-U. Santarém, Benfica-Oeiras, Loures-Montijo, Palmense-Cova da Piedade, Sporting-Amora, Belenenses-V. Setúbal, Sesimbra-Casa Pia, Louletano-Olhansen e Farense-Silves.

RECORDE ITALIANO NO TOTOBOLA

BOLONHA, 2 — (A.N.I. e R.) — Um indivíduo desta cidade, que quis conservar o anonimato, ganhou uma verba «record» de 441 896 700 liras (cerca de 20.600 contos), nos prognósticos de futebol, mas ninguém o consegue encontrar para lhe entregar o dinheiro.

Funcionários, que procuraram encontrar o felizardo, declararam que tudo o que sabem acerca dele é que comprou o seu boletim numa tabacaria da cidade. O dono da tabacaria disse a jornalistas que o homem tinha cerca de 28 anos mas que ignorava o seu nome.

O «máximo» anterior, pago em 1967, era de 860 860 717 liras e «pertencia» a um «totobolista» que quis conservar também o anonimato.

Acontecimentos DE ONTEM

VOLEIBOL

Proseguiu o Campeonato de Lisboa em voleibol com os jogos referentes à primeira jornada da segunda volta. O encontro mais importante da jornada pôs frente a frente as equipas do Lisboa Ginásio e do Benfica, que os «encarnados» venceram por 8-2 (12-15, 12-15, 15-11, 16-14 e 15-18) dando assim um passo decisivo para a conquista do campeonato.

L. GINÁSIO — José Borges, Xara Brasil, Vilar Moreira, José Pimpão, Mota Carmo, António Ribeiro, Rodrigo Carvalho, José Augusto e Casal Ribeiro.

BENFICA — Artur Monte-

ro, Moisés Nobre, João Soares, Carlos Figueiredo, António Neves, João Campelo, Daniel Dias e Fernando Almeida.

O encontro correspondeu à expectativa, pois foi muito equilibrado e atingiu por vezes jogadas de bom nível.

Os ginastas estiveram à beira de infringir a primeira derrota ao Benfica mas na quarta partida, quando o resultado lhe era favorável por 14-11, não conseguiram finalizar o 15.º ponto e acabaram por ceder 14-16.

O Benfica acabou por vencer bem, embora com certa dose de felicidade apesar de não poder contar com Vítor

Carvalho e Caroco.

A jornada completou-se no Pavilhão da Ajuda, tendo o Técnico vencido o Sintrense por 3-0 (15-4, 15-7 e 15-0) e o Externato de Moscavide, derrotado facilmente o Nacional, por 8-1 (15-18, 15-9, 16-18 e 15-18).

TÉNIS DE MESA FEMININO

Encontro do Campeonato de Lisboa de ténis de mesa para equipas femininas: Sporting-5, Palmeiras, 2; Ateneu, 5. Alunos de Apolo, 2; Paço de Arcos, 5-Benfica, 8. O Oeiras não compareceu ao jogo com o Ferroviário. Anotase a primeira derrota do Benfica nesta prova.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CÂMARA MUNICIPAL DE ESTREMOZ

AGRADECIMENTO

A vereação da Câmara Municipal de Estremoz, sensibilizada com as muitas manifestações de pesar recebidas pelo falecimento do seu ilustre e querido presidente, Senhor Dr. Luís Pascoal Rosado, cumpre o dever de vir agradecer publicamente às Ex.ªs entidades oficiais e particulares e a todas as colectividades e pessoas que de qualquer modo quiseram associar-se à sua dor, com a sua presença ou com as suas mensagens, aqui lhes deixando, bem expressa, a sua gratidão.

AUTOMOBIL
VAUXHALL

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem teres lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, 1.º, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

AGENCIA ABREU PASSAPORTES

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Francisco.

A SEGURANÇA DO SEU Automóvel

PARA CADA AUTOMÓVEL UM TIPO ESPECIAL DE AMORTECEDOR

• REGULÁVEIS
• PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

100.000 Km. DE GARANTIA OU 7 ANOS

REPRESENTANTE:
GARAGEM CENTRAL, LDA - Largo da Anunciada, 17 - LISBOA
AGENTES:
AUTO-PORTO, LDA - PORTO - EUROPA ACESSÓRIOS - PORTO
AUTO INDUSTRIAL, S. A. R. L. - COIMBRA

ANDEBOL DE SETE

O SPORTING NA ALEMANHA

Com destino a Colónia, onde na quinta-feira defrontará o Gummersbach, no jogo da 2.ª mão, das meias finais da «Taça da Europa», em andebol de sete, parte amanhã às 12 e 30, para a Alemanha, a equipa do Sporting, campeã nacional da modalidade.

Conhecedor já do valor do seu adversário e decerto ciente das suas boas possibilidades, o conjunto leonino parte sem problemas, capaz de voltar a exhibir-se como o fez no primeiro jogo, o que muito contribuirá para o desenvolvimento do nosso andebol.

A caravana é constituída pelos seguintes elementos: eng. Gomes Nunes e Leonel Marques (dirigentes), Júlio Matos Moura (técnico) e Besone, Anaia, Mesquita, Brito, Alfredo, Ramiro, Manuel Marques, Luís António, Adão, Moisés, Miranda Dias e Carlos Correia (jogadores).

Além do encontro referido, o Sporting fará mais dois jogos: no dia 6, contra a equipa das Forças Armadas, de Oldenburg; no dia 8, contra o Bad Homburg, nesta localidade.

POLITEAMA

(M. 12 anos. Tel. 326308)
SENSACIONAL EXITO
 As 13.15 18.15 e 21.30
COM O GIGANTE DO
«WESTERN»:
MONTGOMERY WOOD
 no corajoso filme
O PREÇO DO PODER
 Um filme que desvenda o mistério de um assassinato presidencial

EDEN

EDEN
(Adultos) Tel. 320766
As 15.15, 18.30 e 21.45

n conflitto!

LUMIAR
(Adultos) Tel. 795290
AS 21 H.
TEMPO DOS LOBOS
O MARINHEIRO

● PORTO
TEATROS
TIVOLI — As 2^{as} e 4^{as}: «O Santo e a Porca» (12 anos).
ANTONIO PEDRO — As 2^{as} e 4^{as}: «O mais feliz dos três» (12 anos).
CINEMAS
SÃO JOÃO — As 2^{as} e 3^{as}: «Amor a maior naufraga» (17 anos).
ÁGUA D'OURO — As 2^{as} e 3^{as}: «O passageiro da chuva» (12 anos).
TRINDADE — As 2^{as} e 3^{as}: «Coisas da vida» (7 anos).
BATALHA — As 2^{as} e 3^{as}: «Um homem difícil de morrer» (12 anos).
ESTUDIO — As 2^{as} e 3^{as}: «A Casa da Órbita» (12 anos).
OLÍMPIA — As 2^{as} e 3^{as}: «Três degraus para a morte» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 2^{as}: «Bom e os maus» e «Duplo homem» (12 anos).
JULIO DINIS — As 2^{as} e 3^{as}: «Clã dos homens violentos» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 2^{as} e 3^{as}: «Um amor para Carolina» (7 anos).

● Linha de Sintro
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 2 e 5: «Vida perigosa» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHAB — As 21 e 30: «O espelho das espadas» (17 anos)
DAMAIA — D. JOAO V — As 2 e 30: «O Espadachim da Capa Negra» (12 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «Textos Adeus» e «O Grande Mordomo» (17 anos)
● Outra banda
ALMADA — INCRÍVEL — As 2 e 5: «Balada para um homem só» (17 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO RECREIO — As 21 e 30: «A Quimera» (12 anos).

17 anos).

(M. 12 anos) As 17 e 21.30
**VIVER UM POUCO,
AMAR UM POUCO**
c/ Elvis Presley, Michèle Carey,
Don Foster e Rudy Vallee

350/35 * **Cameira**,
do Heroísmo. 90 (Tel.
ne 52583) * **Canavieira**,
Rua do Restauroção.
(Tel. 60754.) * **Centurian**,
Rua de Santa Catarina
960 (Tel. 22884) * **Co-**
Cabral, Rua de Costa
Branca, 832 (Tel. 40780) *
Figueiredo, Lda., Rua
Cedoteira. 25 (T. 216
*) **Fente da Moura**,
de Tânger 463 (Tel.
ne 68'444) * **Monte**
Burgos, Rua do Monte
Burgos, 802 (Tel. 622
Monte Cativeiro, Rua Mo-
catoivo. 444 (T. 41687)
Nova Avenida, Av. Her-
de Magalhães, 692 (Tel.
fone 52'550) * **Pedreira**
do Padrão, 342 (T. 52
*) **Parente**, Rua das
res. 4 (Tel. 21611)
Pombeira, Campo das Ma-
tinas da Pátria, 52 (Tel.
fone 3'295.) * **Sá de**
eira, Rua de São B.
doura, 236 (Tel. 22164)
Nascente, Rua Senhora
Luz 56-Fox T. 6808

PORTC



Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado nas regiões do norte e geralmente limpo no Centro e Sul; o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, a Foz de Boe, 21°; — mínima, Póvoa do Varzim, 0,3°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 17°; Penhas Douradas, 8°; Coimbra, 7°; Portalegre, 11°; Lisboa, 10°; Faro, 4°; Funchal, 4°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 5°; na água do mar, 3°6.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu limpo ou pouco nublado e vento fraco.

Amanhã
Nascer às 8 e 8
Ocorrer às 19 e 31

MARÉS:
PRELA-MAR Hoje — 1 e 38
(3,8 m); 20 e (3,6 m) Dia 3
— 8 e 45 (3,5 m); 21 e 08
(3,4 m); Dia 4 — 9 e 46
(3,2 m); 22 e 21 (3,2 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 0 e 45
(1,0 m); 3 e 09 (1,2 m);
Dia 3 — 0 e 39 (1,3 m); 4
e 0 (1,5 m); Dia 4 — 2 e 45
(1,6 m); 5 e 5 (1,8 m).

AS VIAGENS MARAVILHOSAS DA «EUROPEIA» EM AUTOCARRO

GALIZA E ASTÚRIAS — 8 dias

ANDALUZIA — 9 dias

SEVILHA E MADRID — 9 dias

PARIS — 11 dias

ANDORRA E LOURDES — 12 dias

ESPANHA E FRANÇA — 14 dias

PARIS E LONDRES — 16 dias

CAPITAIS EUROPEIAS — 18 dias

PAGAMENTOS EM 12 MESES

Peça programas e reserve já os seus lugares na acreditada

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2



O administrador e os directores do Banco de Fomento Nacional com os participantes no curso

Especialistas estrangeiros de «management» em sessão de trabalho no Banco de Fomento Nacional

Encontram-se em Lisboa 44 individualidades de várias nações que fazem parte do curso de 1970-71 sobre «management» industrial, organizado pelo Centro de Estudos Industriais de Genebra («International Management Development Institute»). Esta grande organização, fundada há 25 anos, dedica-se à promoção em alto nível, dos contactos com os maiores centros de actividade económica de todo o Mundo e à valorização dos conhecimentos dos participantes nos seus cursos e seminários, todos eles ocupando, nos respectivos países altos cargos de direcção empresarial. Os programas seguidos no Instituto de Genebra abrangem estudos de organização e gestão de unidades produtivas de grande dimensão, planeamento financeiro, «marketing», pesquisa operacional, técnicas de desenvolvimento industrial e comercial, cobrindo, assim, as mais importantes áreas de formação para chefes de grandes organizações económicas.

Estes cursos têm duração variável, incluindo os de maior duração, visitas de estudo a diversos países a fim de permitir aos alunos um contacto directo com experiências concretas de «management» quer de unidades industriais, quer de instituições bancárias, quer ainda com situações específicas de desenvolvimento global e sectorial dos países visitados.

O Instituto de Genebra escolheu o Banco de Fomento Nacional para início da série de contactos que os participantes do seu curso sobre «management» industrial quiseram ter com a realidade económica portuguesa. Esses

especialistas, todos ocupando postos elevados nas empresas que servem, foram ontem, de manhã, recebidos na sede da queie importante estabelecimento de crédito pelo administrador Dr. José Luís Sapateiro e pelos directores Eng. Joaquim Fragoso, Dr. Santos Loureiro, Dr. Costa Freitas e Dr. Machado de Oliveira.

Sobre temas propostos pelos participantes estrangeiros, foram feitas duas completas exposições pelos Drs. José Luís Sapateiro e Santos Loureiro que se referiram à estrutura do Banco, a aspectos peculiares por que se traduzem as suas funções de «banco de desenvolvimento» à gama das suas actividades que vão desde as diversas modalidades de financiamento até aos estudos e acções de promoção industrial recentemente iniciados e ao apoio ao desenvolvimento regional do País.

Seguiu-se animado diálogo entre os membros do Banco e numerosos participantes que quiseram ser elucidados sobre alguns aspectos relevantes da actividade económica e financeira portuguesa, em particular da actividade industrial. Problemas estruturais e conjunturais da nossa economia, a organização e funcionamento das instituições do mercado financeiro nacional, a experiência e processos de actuação do Banco de Fomento Nacional, os instrumentos em vigor da política industrial, a posição de Portugal perante a evolução recente da integração europeia, foram alguns dos temas que polarizaram as atenções e o interesse dos dirigentes empresariais estrangeiros durante a sessão de trabalho realizada no Banco de Fomento.

Entre as individualidades componentes do curso figuram directores do Banco Escandinavo, da «Kobe Steel» do Japão; da «General Mills» da Inglaterra; do Instituto Battelle, de Genebra; da «Gulf Agency Company», do «Axel Johnson Group» e da «Astra-Wallen» de Estocolmo; além de muitos outros dirigentes de empresa e técnicos franceses, canadianos, brasileiros, suecos, noruegueses, japoneses, belgas, alemães, holandeses, etc.

O Chefe do Governo e o governador de Cabo Verde trocaram telegramas

O governador de Cabo Verde enviou ao sr. Presidente do Conselho, para bordo do avião da TAP, em que regressou a Lisboa, um telegrama do seguinte teor:

«Provincia Cabo Verde acaba de viver momentos da maior alegria e de grande exaltação patriótica com presença de V. Ex.ª e de S. Ex.ª Ministro do Ultramar numa visita memorável que apesar de inesperada, desde há muito desejada

Em nome da população Arquipelágica e no meu próprio manifesto a V. Ex.ª nossa mais profunda gratidão pelas horas inesquecíveis proporcionadas e pela garantia publicamente oferecida por V. Ex.ª Governo Central: continuar como até aqui a dar todo o apoio necessário às populações afectadas pela grave seca que pelo terceiro ano consecutivo flagela Arquipelago.

Respostos cumprimentos. O sr. prof. Marcello Caetano respondeu com o telegrama seguinte:

«Governador Praia. Foi com viva satisfação que verifiquei a eficiência das medidas postas em prática para evitar que desta vez a seca produzisse os terríveis efeitos de crises anteriores ainda na memória de todos

A alegria e o carinho com que fui recebido além de traduzirem facetas do carácter do bom povo cabo-verdano revelam o reconhecimento do esforço governamental, no qual V. Ex.ª tem tido papel relevante.

Faço votos pelas maiores felicidades na continuação do seu governo para V. Ex.ª e para Cabo Verde»

O CHEFE DO ESTADO NO ALGARVE

FARO, 2 — O Presidente da República e sua comitiva, que ontem estiveram na Escola Hoteleira desta cidade, no Hotel Alagoas e no Hotel Almançor, deslocaram-se hoje a diversas praias do barlavento algarvio.

DIA NACIONAL DE MARROCOS

O encarregado de negócios de Marrocos e a senhora Mekouar, comemorando o dia da Festa Nacional do seu país, dá amanhã uma recepção a individualidades portuguesas e do corpo diplomático acreditado em Lisboa. A recepção decorrerá das 18 horas às 20 e 30, no «Espelho de Água».

exposição
O COMPUTADOR E O LIVRO
ORGANIZADA PELA
Regisconta
EM COLABORAÇÃO COM A
LIVRARIA SA DA COSTA

computadores e calculadoras electrónicas, e livros sobre electrónica, matemática, cálculo, gestão, programação, análise de sistemas, etc.

2 A 6 DE MARÇO, DAS 9 AS 12,30 E DAS 14,30 AS 19 HORAS
LIVRARIA SA DA COSTA
RUA GARRETT 100-102 - LISBOA



PREMIO NOBEL 1970
SOLJENITSINE
O PAVILHÃO DOS CANCEROSOS
2ª EDIÇÃO
650 pp. 100s
publicações dom quixote, RUA LUCIANO CORDEIRO 119 LISBOA

O MOBILIÁRIO MAIS ACESSÍVEL DO MERCADO COM O NOVO AGLOMERADO JOMARPAN

mod. director

mod. ajudante

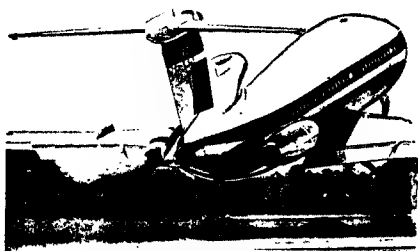
mod. dactilog.

ZEMARKS MOVILAR PORTUGUESA
S. SEBASTIÃO (METRO)
TELEFS. 53 58 50 - 53 05 69

Exclusivo



Nas diversas campanhas eleitorais, de Kennedy a Nixon, nunca os cidadãos americanos puderam conhecer o verdadeiro problema da Indochina e a evolução do compromisso crescente dos Estados Unidos naquela região do mundo. Entretanto a luta alarga-se. (páginas 4 e 5)



O mistério de que tem sido rodeada a construção de um aparelho supersónico destinado a voos comerciais, tem causado dos círculos ocidentais. Porquê esse mistério? Conquistar posição de vanguarda ou tentar a venda a certos países? (pág. 8)



O doutor Escoffier-Lambiotte ocupa-se neste número (penúltimo artigo da série) da extensão da droga e dos esforços para regulamentar determinado tipo de medicamentos. (página central)

SUÉCIA: poderá tornar-se realidade a "utopia" do socialismo igualitário?

Por PATRICK PERNET

OS MOVIMENTOS sociais estão a assumir importantes proporções na Suécia, hoje em dia. A prova de força entre os funcionários e o Estado-patrão continua. Os caminhos-de-ferro estão praticamente paralisados pela greve de 600 revisores. Presentemente desenham-se movimentos grevistas, que decorrem da renovação das convenções colectivas. Um despique entre os Sindicatos agrava o problema e tudo isto é reflexo das dificuldades de se passar da época do Estado-providência (que já passou á história) para a do Estado que ofereceu oportunidades iguais a todos. A situação presente deve-se também tanto aos problemas económicos da Suécia como à crise de imaginação dos sociais-democratas. Mau grado a política de austeridade indispensável, têm dificuldade em traduzir em actos as suas proclamações igualitárias. Patrick Pernet, antigo estudante de Sociologia da Universidade de Upsala, examina a propósito disto os esforços do Partido Social-Democrata no poder.

Há pouco mais de um ano, em Dezembro de 1969, morria um mito na Suécia. Os mineiros da Lapónia, desencadeando uma «greve selvagem» longa e dura, apagavam a imagem um tanto simplista de um país onde todos os conflitos se regulavam por efeito da boa vontade e das instituições. Os 150 movimentos sociais que se desencadearam, de então para cá, não permitiram que o mito ressuscitasse. Antes puseram em evidência os inconvenientes da onnipotência e da central sindical L. O., tornando, além disso, manifestó, aos olhos do estrangeiro que a condição operária na Suécia não é exemplar em todos os pontos. A braços com uma inflação rápida, um «déficit» súbito e pouco habitual da balança comercial e eleições gerais que lhes fizeram sentir o vento da derrota, os sociais-democratas parecem ter alguma di-

ficuldade em manter «a imagem de marca» do seu país.

OITO MILHÕES DE ESTEREÓTIPOS

De facto desde que Olaf Palme foi nomeado primeiro-ministro no mês de Outubro de 1968, o sistema atravessa uma «crise de imaginação». Parece agora querer recorrer a um ideal que sempre lhe faltou para fazer aceder o povo a uma aspiração política de conjunto. «Tiraremos a lição do passado», declarou Palme, «não teremos medo das utopias». Este verdadeiro «socialismo sueco» a que os jovens sociais-democratas aspiram de todo o coração poderia muito bem conceber-se, nas circunstâncias actuais, como a conjugação final de três ideais essenciais: igualdade, tecnicismo e educação popular.



A utopia do socialismo igualitário poderá vir a ser uma realidade? Desde o Congresso Social-Democrata do mês de Outubro de 1969, que se fala apenas de «jämlikhet» (igualdade). «É a palavra que ouviremos mais vezes na próxima década», declarava a sr.^a Alva Myrdal, presidente do grupo de trabalho encarregado de apresentar ao congresso o célebre «Relatório sobre a igualdade nos anos 70» (1). Duas questões se põem desde já:

A primeira é a de saber por que os sociais-democratas mobilizaram subitamente a opinião pública sueca sobre um tema velho de 40 anos, num país cujo nívelamento das classes sociais, conseguido por acção sobre o poder de compra, sujeitava

«UTOPIA»?

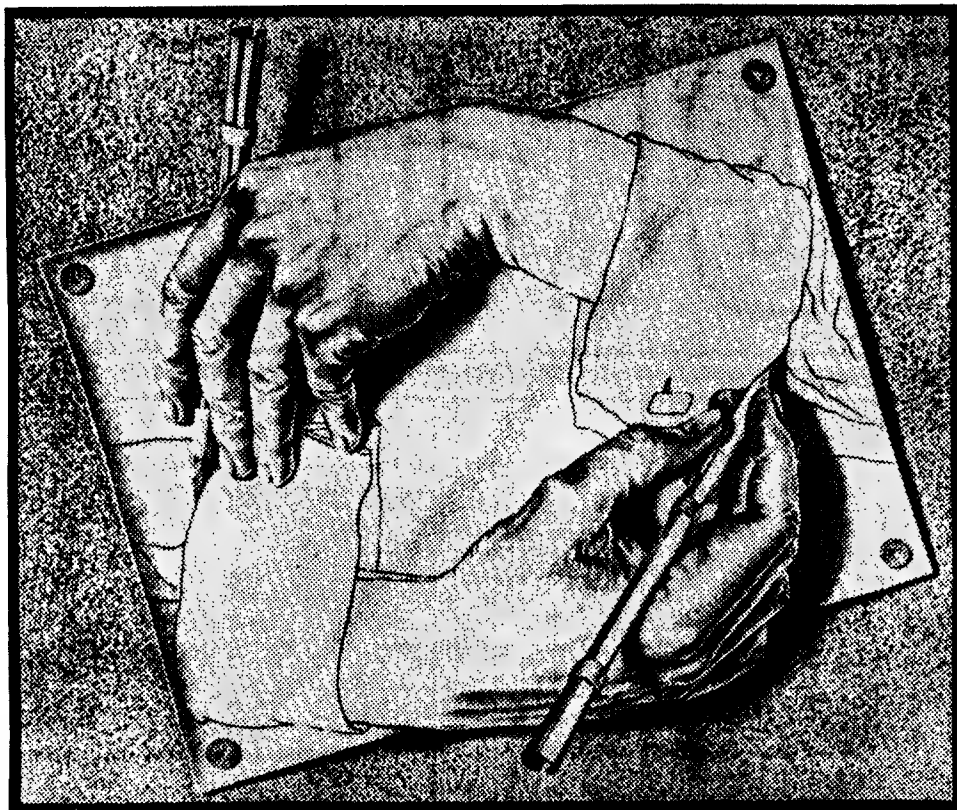
a admiração unânime de todos os observadores.

O descontentamento operário destes dois últimos meses bastaria para trazer uma resposta: a montanha igualitária pariu um rato, e em Estocolmo não se pensa ter-se resolvido o problema a fundo. O sociólogo Strere Kälberg abunda, em especial, neste sentido, fazendo notar que os «antagonismos de classes não ficam suprimidos pelo simples facto de se ter atingido uma semelhança de comportamento». A homogeneidade étnica, a imagem de uma mesma (relativa) prosperidade material, o extremo respeito pelos direitos e personalidade dos outros, contribuíram, sim, para criar oito milhões de estereótipos, mas não ainda homens «iguais». O frenesi igualitário, que encontra eco profundo no solidarismo e no conformismo, permite pensar que certos sonhos (como, por exemplo, o de «subtrair as aptidões ao poder do dinheiro», segundo uma expressão do próprio Palme) poderão vir um dia a criar corpo neste país.

Por conseguinte, a segunda questão que se põe é a de saber como vão os suecos aceder a «mais igualdade» (assim rezava o último «slogan» eleitoral dos sociais-democratas). Quanto a este ponto, somos perfeitamente informados pelo «relatório Myrdal»: a igualdade exige agora uma política que vá além do simples estabelecimento das fichas de pagamento. Lança-se agora sobre cada um dos sectores da actividade social quotidiana: da escola maternal à empresa, e da herança à discriminação no mercado do trabalho feminino. «O debate sobre igualdade», escrevia recentemente Palme, «risca primariamente no protesto contra o risco de ver o homem tratado, na via da racionalização técnica, como um factor de produção inteiramente dispensável, e susceptível de ser trocado por outra coisa mais brilhante, no protesto contra a falta de democracia e da interacção, contra o sentimento de ficar à distância, sem nenhuma possibilidade de influenciar fosse o que fosse.» Estamos longe do prosaísmo que conduzia os dirigentes suecos anteriores a só tratarem quase exclusivamente em público, do orçamento da dona de casa provinciana. É um sinal revelador.

O MEDO DO SOCIALISMO DE ESTADO

O socialismo continuará necessariamente «tecnocrático» por duas razões essenciais. A primeira é de ordem psicossociológica: o carácter sueco está muito bem adaptado à técnica. Votando um verdadeiro culto ao espírito prático, e possuindo uma grande



capacidade de organização, combinada com uma profunda convicção de que todos os problemas podem resolver-se por simples emprego da razão, os suecos seriam incapazes de condenar o princípio saint-simoniano segundo o qual «a classe industrial é a classe fundamental, a classe produtiva da sociedade».

Os maiores pensadores suecos foram economistas: Knut Wicksell, Per Jacobsson, Gunnar Myrdal, etc., e pela maioria dos sociais-democratas. As universidades sindicais como as de Brunsvik e as escolas do partido formam, acima de tudo, tecnocratas. Olaf Palme fez a maior parte dos seus estudos nos E. U. A. Gunnar Adler-Karlsson retomou recentemente a velha teoria de Östin Undén sobre o «socialismo funcional», redefinindo-a segundo as fórmulas económicas de Tinbergen (2). Outros tantos exemplos de uma tecnocracia de esquerda, que tem bastos motivos para deixar o observador francês ligeiramente perplexo.

A segunda razão é de ordem política: o «securismo» sueco abandonou definitivamente a esperança de se transformar num socialismo de Estado. Os últimos resquícios do marxismo desapareceram, a partir de 1944, dos programas da social-democracia sueca. Desde então, todas as intervenções do Estado (banco nacional de investimentos, reforma complementar financiada por

quotizações patronais, delegação de observadores permanentes do Governo nos conselhos de administração dos bancos, etc.) têm chocado a opinião pública sueca como «atentados socialistas».

Ernst Wigforss, que foi o grande visionário socialista da Suécia dos Anos 30, fala hoje das extremas dificuldades com que hoje depararia uma política de nacionalização, devido às estruturas actuais da sociedade sueca. Sublinha frequentemente «o medo, a muitos títulos justificado, do socialismo de Estado». Por conseguinte, sobre este ponto preciso, os dirigentes de Estocolmo, longe de abandonarem o seu pragmatismo, procuram ainda o meio de «dominar» melhor o progresso técnico. É uma arte em que são mestres. Provaram-no com êxitos evidentes no que se refere tanto às condições de trabalho como à planificação da vida em comunidade urbana e à preservação exemplar do quadro natural.

TODOS PARA A AULA NOCTURNA...

As perspectivas de uma autêntica educação popular oferecem o argumento mais sedutor e convincente àqueles suecos que se pretendem optimistas quanto ao futuro do sistema. O povo e o Estado são talvez actualmente os mais aptos a merecerem,

a médio prazo, a denominação de «socialismo democrático». Será talvez necessário ir ainda mais longe e procurar um Proudhon um «socialismo demopédico» isto é, de educação popular, socialismo de que a Suécia pretende ser fervorosa adepta desde o longínquo ano de 1968 em que o sacristão de cada paróquia sueca tinha que se assegurar de que toda a gente sabia ler.

Hoje 30 % da população activa participa nas aulas nocturnas e nas actividades de um círculo de estudos. Muitos desses homens e mulheres que entre as 17 e as 19 horas se apressam a ir para as aulas, sem que nós saibamos se vão apaixonar-se por Keynes, pela Revolução Francesa ou pela viola, seguem, além disso, um ou dois cursos suplementares num centro de formação profissional ou numa universidade popular.

Trata-se de decisão simplesmente voluntária e continuamos a sentir, na Suécia, uma fobia de ignorância na sociedade e da falta de especialização. O futuro do «socialismo sueco» será muito largamente determinado pela maturidade generalizada do povo. Maturidade, sem dúvida, desajeitada e ingénua, sob certos aspectos, mas que cultiva um economismo sadio, uma prática útil das línguas estrangeiras e uma sede evidente de responsabilidades.

Finalmente, o «socialismo sueco» é paciente e sabe esperar o desaparecimento progressivo dos preconceitos de classe: e sabe esperar também dos patrões aquilo a que Fontier chamava um «acordo afectuoso». Contudo é mais importante que a recente batalha eleitoral tenha retomado o aspecto de feira de ideias, que o homem da rua tenha redescoberto as Visões e Realidades de Ernst Wigforss, que enchiam então as montras das livrarias (3). Este livro esboçava a verdadeira teoria daquilo que «teria podido ser» o socialismo sueco. O seu autor exerce hoje uma influência incontestável na equipa que está no poder. É a ele que, em grande parte, se deve, sem dúvida, o vento de idealismo que Palme fez soprar sobre um país profundamente pragmático.

(1) — Este relatório de 174 páginas constitui, de facto, o programa oficial a curto e a longo prazo do partido social-democrata sueco. Está editado, sob o título *Gämlighet*, Prisma, Estocolmo.

(2) — Cfr. *Functional Socialism: a Swedish Theory for a Democratic Socialization*, Prisma, Estocolmo.

(3) — *Vision om Verklighet*, Ernst Wigforss, Prisma, Estocolmo.

AUTO-INDUSTRIAL

Assistência de nível europeu para o seu carro

GM EUROSERVIÇO
GENERAL MOTORS

TESTES GRATUITOS

A PARTIR DE 1/3/71 15 DIAS DE TESTES GRATUITOS

PARA CARROS VAUXHALL e OPEL

MARCAÇÕES PELO TELEFONE Nº 68 20 41

Pessoal altamente especializado, equipamentos modernos, eficiência de serviço e a técnica mais avançada em 6500 estações de EUROSERVIÇO em toda a Europa.

AUTO-PALACE É UMA DELAS

Estamos aqui para o manter satisfeito com o seu carro.

AUTO-INDUSTRIAL GM
AUTO PALACE R. Alexandre Herculano 66 Lisboa T. 682041



TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

PRETENDE:

EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

para serem iniciados

nos seus Serviços Comerciais

Que possuam os seguintes requisitos:

- Do sexo masculino
- Nacionalidade portuguesa
- Serviço militar cumprido ou dele isento.
- Bons conhecimentos de inglês e francês
- Habilitações literárias mínimas: 2.º ciclo liceal
- Menos de 36 anos de idade

OFERECE:

- Vencimento compatível com as condições exigidas e responsabilidade inerente às funções
- 13.º mês
- Subsídio de férias
- Salários diferidos
- Regalias Sociais
- Viagens
- Regime de trabalho por turnos.

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79 - 1.º
L I S B O A

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

LONDRES



Por RICHARD RESTON

REVOLUÇÃO NO ENSINO INGLÊS: UNIVERSIDADE ABERTA NA GRÃ-BRETANHA

Exclusivo

UM antigo estudante de Sociologia da Universidade de Upsala, Patrick Pernet, faz uma ampla e profunda análise da evolução económica e social da Suécia e do papel que o Partido Social-Democrata, actualmente no poder, tem desempenhado nesta mesma evolução (págs 1 e 2).

A CRIAÇÃO da «Universidade aberta» na Grã-Bretanha representa uma autêntica revolução no domínio do ensino na Pétida Albion. A experiência tem feito carreira e começa mesmo a ser exportada. Um passo em frente num país que, apesar da «democratização» do ensino, era acusado de engolir na concessão de licenciaturas? (ao lado).

SÃO de esperar ainda muitas surpresas da invasão do Laos por parte das tropas sul-vietnamitas. Uma das últimas, entretanto, pode ser o próprio chefe do Governo laociano, o príncipe Souvanna Phouma.

A luta travada no Camboja, longe de se basear no entusiasmo esclarecido e fundamentado do povo do reino de Shianouk, lança muita dúvida. Se o presente é duro e angustiante, o futuro desenha-se sob o signo da incerteza.

A maioria do eleitorado norte-americano apoia o Congresso acerca da retirada de todos os soldados dos Estados Unidos do Sueste Asiático. Nixon não pode esquecer este facto na política de compromisso em que parece lançar-se em termos cada vez mais determinados (págs. 4 e 5).

NO PENÚLTIMO artigo da série consagrada à droga, o doutor Escoffier-Lambriotte aborda o número crescente de drogados e a diversidade de drogas utilizadas, segundo inquéritos levados a efeito tanto na Europa como na América. Aprofunda também as restri-

ções postas ao uso de certos medicamentos, de acordo com determinada regulamentação (pág. central).

A UNIÃO Soviética tem rodeado do maior segredo a construção de um aparelho supersónico destinado a voos comerciais. Há quem admita que tal aparelho tem em vista colocar a U. R. S. S. à frente nos voos comerciais supersónicos. Ou tentará Moscovo a venda do referido avião a alguns países ocidentais, o que equivaleria à entrada das tão necessárias divisas? (pág. 8).

ESTUDOS levados a efeito nos Estados Unidos permitiram concluir da grande dificuldade de diminuir e muito menos de anular o ruído provocado pelos aviões a jacto (pág. 9).

OS SEIS países membros do Mercado Comum adiaram para 1973 as decisões relativas à criação das instituições que tornarão realidade a união económica e monetária (pág. 10).

PASSAROS É O TEMA desta crónica de Chianca de Garcia. Mas falar de pássaros pode dar azo a muitas e longas reflexões. E Chianca não perde oportunidade para revelar o Brasil. «Et pour cause»... (pág. 11)

EDWARD KENNEDY é o mais ameaçado de todos os senadores americanos. Dal que procure tranquilizar seu filho mais velho quanto aos perigos que corre, terminada a noite do dia (pág. 12).

NA SISUDA INGLATERRA, o ambiente sério e sóbrio da Câmara dos Comuns foi recentemente atingido por um enorme safão de irreverência (pág. 12).

A TABULETA que se encontra junto da estrada rural indica o caminho para um conjunto de edifícios em fase de acabamento, situados algures na paisagem acidentada que se estende a noroeste de Londres, a uma hora de viagem de comboio desta cidade.

Os marcos assinalam os limites da universidade aberta a nova e ambiciosa experiência da Grã-Bretanha no sector da educação superior.

Trata-se de uma universidade diferente de qualquer outra da Inglaterra, sendo, frequentemente, designada pela «Universidade da segunda oportunidade».

O seu objectivo é proporcionar educação superior e uma formatura universitária a milhares de cidadãos britânicos que nunca tiveram a oportunidade de o fazer. Se a universidade aberta for coroada de êxito, contribuirá para destruir o mito de que a Grã-Bretanha é uma nação que educa a sua «élite», mas não o seu povo em geral.

FUTURO INCERTO

O vasto «campus» é tudo menos convencional. Não existem aqui estudantes ou salas de aula, mas apenas 150 professores e um corpo administrativo.

Os conceitos educacionais ainda não se encontram totalmente definidos. O futuro é incerto. A Faculdade nem sequer sabe muito acerca dos seus estudantes, na altura em que este primeiro ano de lições principia.

Mas se existem incertezas, há, igualmente, a convicção de que a Grã-Bretanha deu início à sua experiência educativa mais excitante desde que as Universidades, construídas em tijolo encarnado, do pós-guerra, procuraram alargar as oportunidades de uma educação superior. A universidade aberta vem confirmar, uma vez mais, o facto de a Grã-Bretanha se estar a afastar do passado, bem como da velha ideia de um número limitado de licenciados, educados em instituições tradicionais, tais como as Universidades de Oxford e Cambridge.

Nestes primeiros dias dos novos anos académicos da universidade aberta, 25 000 estudantes começaram a batalha por uma licenciatura em Letras. Este numero representa metade da totalidade das matriculas no primeiro ano, em todas as universidades convencionais, através do país.

Os estudantes da universidade aberta não precisam de sair de casa ou deixar os seus empregos para cumprir os regulamentos universitários.

Recebem os materiais e as lições necessárias através de remessas pelo correio, programas televisados e emissões de rádio. O emprego de mé-

todos de ensino não ortodoxos, assim como de meios de comunicação acessíveis às massas e outra tecnologia educacional moderna, constitui, talvez, a mais espectacular tentativa alguma vez empreendida a fim de proporcionar uma educação superior formal à escala nacional.

CURSOS INTEGRADOS

Os estudantes não precisam de quaisquer habilitações especiais para serem admitidos. Um curso de três anos, no fim do qual o aluno pode obter a sua licenciatura em Letras, fica-lhe por 336 dólares.

Fontes universitárias dizem ser mais provável que o tempo necessário para a licenciatura em Letras seja, em média, de quatro a cinco anos.

Os livros de texto habituais foram postos de parte. O material de correspondência foi escrito sem preparação, num esforço para atingir uma camada mais vasta da sociedade.

As quatro Faculdades do primeiro ano — Humanidades, Ciências Sociais, Matemática e Ciência — foram completa-

têm a duração de 36 semanas por ano.

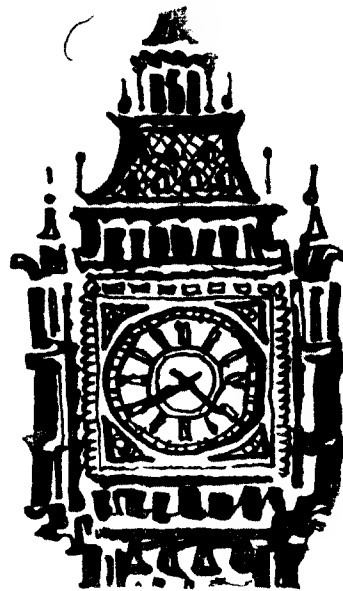
O contacto pessoal entre os estudantes e a Faculdade não foi esquecido, e será efectuado através de 250 centros regionais espalhados através do país, dispondo de explicadores e conselheiros especiais. Estes centros fornecerão, igualmente, textos destinados aos alunos, para a televisão e textos destinados aos alunos, filmes para a televisão e textos para radiofusão.

Os estudantes devem frequentar um curso de Verão de uma semana para se ajuizar dos seus progressos. A rede das universidades convencionais proporcionará os centros regionais para este efeito.

ENTUSIASMO E FRANQUEZA

São utilizados sistemas de exames por meio de computador, os quais porão a Faculdade ao corrente dos problemas que os estudantes enfrentam ou chamarão a atenção para deficiências nas técnicas de ensino.

A ideia da universidade aberta foi posta à prova, com resultados variáveis.



mente integradas, afastando-se, deste modo, da ideia britânica mais tradicional de disciplinas separadas. Mais duas Faculdades — Tecnologia e Educação — devem ser abertas em 1972.

Cada curso integrado abrange cerca de cinco disciplinas, de modo que as ciências sociais, por exemplo, compreenderão estudos de Economia, Ciência Política, Sociologia, Psicologia e Geografia.

Lições televisadas e radiodifundidas irão para o ar quatro vezes por semana, com uma duração de, aproximadamente, 30 minutos cada. As aulas serão repetidas, na Televisão e na Rádio, nos fins de semana.

As autoridades universitárias estão convencidas de que os alunos necessitarão de um mínimo de mais 10 horas de estudo a fim de se habilitarem a passar num exame sobre as matérias dadas numa semana. Os cursos

em cidades americanas como Nova York, Boston e Chicago. Mas os britânicos deram-lhe uma dimensão sem precedentes. Após perto de dois anos de preparação, que decorreram principalmente sob o ultimo Governo trabalhista, o resultado é uma universidade nacional dispondo da mais aperfeiçoada tecnologia de comunicações dos nossos dias.

Trabalhando no primeiro ano com um orçamento inicial de cerca de 14 milhões de dólares e em perfeita colaboração com a «British Broadcasting Company», controlada pelo Estado, a Faculdade refere-se à sua excelsa missão com entusiasmo e franqueza.

O professor Ralph Smith, da secção de Matemática, fala da necessidade de se dar menos importância à educação teórica. «Com a televisão, podemos dar uma aula sobre uma teoria física e, depois, levar o estudante

a uma fábrica de aviões onde um técnico desenhador explicará como resolveu um problema de pressão sobre a asa por meio da mesma equação da física».

Andrew Learmouth, um geógrafo, refere-se à explosão demográfica apresentando um filme revelador rodado na Índia.

O professor Len Haynes, um químico, mostra um conjunto científico especialmente concebido, que foi enviado a estudantes e se destina a trabalho laboratorial em suas casas. Fala das excitantes perspectivas que se oferecem a 7000 estudantes da sua Faculdade de efectuarem experiências idênticas no mesmo dia, mas em regiões diferentes da Grã-Bretanha.

«No que diz respeito à poluição do ar, por exemplo, este género de experiência dar-nos-á informações impossíveis de obter em qualquer outra parte do mundo» — afirma ele.

Haynes mostra-se igualmente entusiasmado acerca das implicações da Universidade aberta nos países subdesenvolvidos. «Podemos vender às nações mais pobres uma universidade ambulante, no todo ou em parte, consoante as suas necessidades» — diz ele.

A Nigéria já adquiriu uma parte do curso de Ciência. A Índia e o Japão projectam as suas próprias «universidades do ar», prevendo-se que as mesmas estejam a funcionar em 1972.

Fontes universitárias admitem francamente que terão de resolver problemas suscitados pela universidade aberta da Grã-Bretanha.

Como entusiasmar o aluno talentoso sem perder o aluno menos dotado? Onde passa a linha divisória entre o ensino e o planeamento social com os mais poderosos instrumentos de propaganda de que a sociedade dispõe hoje em dia? E que dizer da taxa de desistências num corpo estudantil que não está habituado às disciplinas intelectuais da educação superior?

Muitos professores esperam que a taxa de desistências no primeiro ano não ultrapasse os 50 por cento. Mas, conforme um deles disse, «mesmo se perdermos 80 por cento estaremos ainda assim a produzir licenciados por um terço do custo das instituições convencionais».

A Universidade admite que lhe não é possível enfrentar censuras de carácter político. De acordo com uma fonte, o problema reside no facto de os conservadores acusarem a Universidade de entregar diplomas por um preço acessível a homens da limpeza, enquanto que os liberais condenam essa mesma Universidade por admitir apenas três por cento dos referidos homens da limpeza...

EXCLUSIVO SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa

DIÁRIO DE LISBOA, 2 DE MARÇO DE 1971

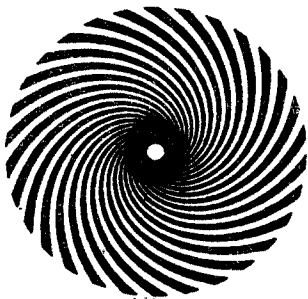
COPYRIGHTS DE «LE MONDE», «WASHINGTON POST», «LOS ANGELES TIMES» E «PUNCH»

A QUEDA DE SOUVANNA PHOUMA

UMA POSSÍVEL

Por STANLEY KARNOW

UMA DAS PRINCIPAIS vítimas da invasão do Laos pode muito bem ser o príncipe Souvanna Phouma, primeiro-ministro laociano. A sua queda, tal como a do príncipe Sihanouk, do Camboja, o ano passado, poderia ter repercussões em todo o Sueste da Ásia.



O actual alastramento da guerra da Indochina colocou Souvanna Phouma numa situação muito delicada, na medida em que contribui para reforçar a posição dos oficiais das direitas do exército laociano que se esforçam, desde há vários anos, encorajados pelos seus colegas de Banguécoque e de Saigão, por o derrubar, a fim de assumirem eles próprios o poder e tornarem-se clientes dos Estados Unidos.

A eventual subida ao poder destes oficiais comprometeria não só o frágil equilíbrio que permitiu o interior relativamente a guerra ao interior do Laos, mas poria igualmente termo aos acordos de Genebra de 1962 e à cómoda ficção da neutralidade do Laos — o que provocaria, provavelmente, um sem-número de reacções na região.

Para já, a subida ao poder de um regime das direitas em Vientiane levaria, quase inevitavelmente, os chineses a tentar reforçar as forças que já colocaram no noroeste do Laos: calcula-se que cerca de 14 000 chineses se entregam presentemente à construção de estradas nesta parte do Laos.

O fim dos acordos de Genebra poderia também levar os russos,

cujas posições no Laos não tem sido muito confortáveis, a adoptar uma atitude mais dura, a fim de pregar uma partida aos chineses.

Estado-tampão

Mas, acima de tudo, o fim do mito da neutralidade laociana poderia ser o sinal aguardado pelos norte-vietnamitas que, presentemente, têm cerca de 100 000 homens no Laos, para acabarem com o pretenso respeito pelas linhas de cessar-fogo, como têm feito em geral até agora, e lançarem uma ofensiva em direcção ao vale do Mekong.

Uma ofensiva deste género constituiria uma ameaça evidente para as bases aéreas americanas na fronteira da Tailândia, ou perto dela, e faria, provavelmente, com que os tailandeses se comprometessem mais a fundo no Laos, talvez com o auxílio americano.

A sorte do Laos pode, por conseguinte, determinar em larga medida se a guerra vai alastrar para além da península indochinesa, às restantes regiões do Sueste Asiático e se neste caso, o presidente Nixon poderá respeitar a sua promessa de

CONSEQUÊNCIA DA INVASÃO DO LAOS

reduzir o compromisso americano nesta parte do mundo.

O pequeno reino do Laos desempenha, portanto, uma vez mais, um papel decisivo nos assuntos internacionais, em virtude da sua situação geográfica. Foi, precisamente, para fazer deste país um Estado-tampão, e não um campo de batalha, que os 14 países signatários dos acordos de Genebra, entre os quais os Estados Unidos, a União Soviética, a China Comunista e o Vietnã do Norte, deram o seu acordo à formação de uma coligação laociana presidida pelo príncipe Souvanna Phouma.

Esta coligação nunca existiu senão no papel, mas não deixou de ser respeitada pelas potências mundiais, pois a alternativa — a proliferação das facções rivais — teria agravado uma situação já explosiva.

Pender a balança

Nestas condições, os norte-vietnamitas e o «Pathet Lao» tiveram o cuidado de evitar romper as relações com o príncipe Souvanna Phouma, estando mesmo a negociar com ele, e mostrando deste modo que reconhecem pelos menos o seu Governo.

Também os Estados Unidos e a União Soviética agiram de comum acordo a fim de desencorajar os oficiais das direitas do Exército



laociano de derrubarem Souvanna Phouma: em Abril de 1964, os embaixadores russo e americano em Vientiane chegaram, mesmo, a reconduzir o príncipe Souvanna Phouma ao Poder, depois de ter sido derrubado pelo general Kouprasith Adhay, comandante local das forças laocianas.

Todavia, Kouprasith e os seus colaboradores, que esperam receber auxílio em larga escala dos Estados Unidos, tal como aconteceu com os generais de Saigão e Banguécoque, nunca puseram de parte a ideia de derrubar Souvanna Phouma, o qual deve a sua sobrevivência política ao apoio internacional de que desfruta.

Estes oficiais esperam, segundo informações de fontes fidedignas, que as incursões sul-vietnamitas no Laos, com desrespeito pelos acordos de Genebra, conduzam à queda de Souvanna Phouma e à sua subida ao Poder.

Dado que estas incursões só se efectuam com o acordo do presidente Nixon, compete-lhe a ele decidir, em última análise, até que ponto pode fazer pender a balança do Laos e alastrar mais o conflito da Indochina.

CAMBOJA: DA GUERRA À INCERTEZA

Por PETER JAY

PHNOM PENH — O encanto começa a desaparecer desta cidade das flores.

As largas ruas de Phnom Penh, onde abundam as árvores e os bancos de jardim, tornam-se de dia para dia mais pequenas para conter a multidão de refugiados da guerra que devasta a província e que incessantemente continuam a chegar à cidade. Um ligeiro matiz azulado de fumo de escape principiou a poluir o ar.

Em virtude de muitas das ruas se encontrarem, actualmente, vedadas por razões de segurança, naquelas que permanecem abertas o trânsito é mais intenso, a despeito da falta de combustível, e o barulho é, também, forte. O arame farpado e os sacos de areia são mais abundantes do que há um semana. A relva em redor dos edifícios públicos ainda se encontra impecavelmente aparada e os canteiros de flores não foram rotados ao abandono, mas, apesar disso, experimenta-se uma crescente sensação de incúria.

Em tempos, particularmente para os visitantes provenientes das cosmopolitas capitais vizinhas de Saigão e Banguécoque, o principal atractivo de Phnom Penh residia na calma que aí se desfrutava. Era uma cidade onde se podia regressar ao hotel, depois de jantar, num curioso veículo semelhante a um triciclo movido a pedais, no meio de um silêncio apenas perturbado pelo atrito dos pneus sobre o pavimento.

Phnom Penh continua a ser uma cidade adorável e, exteriormente, o seu

aspecto ainda é de tranquilidade. Mas o silêncio que a caracterizava desapareceu, decerto por muito tempo e, talvez, para sempre. Os seus habitantes escutam, agora, os ruídos da guerra.

RECEIO

Desde que a cidade acordou em sobressalto, na madrugada do dia 22 de Janeiro, devido às explosões que destruíram uma grande extensão do aeroporto de Pochetong, os seus habitantes começaram a convencer-se de que a guerra não se limita a bandeiras e retórica.

De noite, velhos tanques de fabrico francês e russo patrulham as ruas escuras da capital. De tempos a tempos, uma das peças de artilharia colocadas na periferia da cidade dispara um único tiro, cujo ruído cavo e inesperado sobressalta as pessoas que saboreiam o seu jantar nos restaurantes quase desertos.

Pela primeira vez, no meio de toda esta azáfama do pessoal militar, é possível encontrar cambojanos residentes



na capital que confessam francamente o seu receio. Os cambojanos começam a compreender, tal como acontece há já algum tempo com os americanos que observam e apolam os seus esforços, que vai ser necessário tomar difíceis decisões, pois a guerra será muito longa.

A situação militar não é, em si mesma, desanimadora, e a possibilidade, há um mês atrás, de os comunistas se aproximarem o suficiente para poderem estrangular Phnom Penh, cortando todas as suas linhas de comunicação com o exterior, parece, actualmente, menos de temer.

O exército cambojano, pleno de entusiasmo, apressadamente treinado e contando com o apoio indispensável da força aérea americana e dos veteranos «marines» e «rangers» sul-vietnamitas em terra, conseguiu expulsar as forças inimigas das suas fortes posições no desfiladeiro que domina a principal auto-estrada para a costa.

A estrada ainda não se encontra totalmente reaberta ao trânsito e as mercadorias terão de ser transportadas, sob escolta, durante o futuro previsível. No caso de os cambojanos defenderem a estrada, como parecem decididos, terá de ser feito um grande esforço em energia e em homens.

FRUSTRAÇÃO

As provisões têm também estado a chegar a Phnom Penh, por barcos, os quais sobem o rio Mekong, a partir do Vietnã do Sul. A viagem é cheia de perigos, mas certas fontes desta cidade creem que o transporte de mercadorias é mais fácil pelo rio do que por estrada.

Todavia, a despeito da abertura destas linhas vitais de abastecimento, subsistem inúmeros problemas de carácter militar.

Entre eles, o que causa, talvez, mais frustração é o facto de as forças de guerrilha ter de se limitar a reagir, e de contra as suas investidas, em vez de levar a efeito engenhosas operações planeadas pelos seus responsáveis.

Depois do ataque ao aeroporto e de outros ataques terroristas à bomba, em Phnom Penh, o Governo viu-se obrigado a fazer regressar tropas empenhadas em operações na auto-estrada que conduz à costa e noutros pontos, a fim de proporcionar um mínimo de segurança na capital.

Segundo os estrategos militares, o resultado destas economias tornar-se-á em breve evidente. As hostilidades contra Phnom Penh diminuirão de intensidade, novos ataques serão desencadeados contra as mais importantes auto-estradas do interior do país, e o governo terá de enviar outra vez as tropas. E, então, o ciclo repetir-se-á.

Para os cambojanos, parece que a única solução consiste no treino de tropas em número suficiente para garantir simultaneamente a segurança de Phnom Penh, a protecção das auto-estradas e uma força de intervenção móvel. Todavia, se este objectivo for conseguido e os norte-vietnamitas puseram em campo mais forças, o que acontecerá? De momento, as esperanças são de que tal não aconteça.

«Decorrido algum tempo, o peso dos números deve começar a fazer-se sentir — declarou, recentemente, um oficial americano de alta patente. — Talvez o outro lado chegue à conclusão de que isso não vale a pena».

Não existem dados concretos acerca desta questão, mas calcula-se, actualmente, que as forças armadas cambojanas contam 175 000 homens. A maior parte destes são recrutas inexperientes, aos quais foi ministrado um treino de

A MAIORIA DO ELEITORADO APOIA O CONGRESSO QUANTO À RETIRADA AMERICANA

Por DAVID BRODER

UMA PERGUNTA que os historiadores da época actual farão a si próprios será por que razão o problema da guerra da Indochina, que tem dominado, frequentemente, os debates nacionais, nunca foi tratado em profundidade aquando das eleições nacionais destes últimos anos. Desde 1964 realizaram-se quatro campanhas presidenciais, com dois anos de intervalo, mas os eleitores nunca foram postos ao corrente de algo de significativo acerca da política que os partidos se propunham adoptar. Todavia, após cada uma destas eleições, foram tomadas decisões importantes e controversas.

Em 1964, Lyndon Johnson conquistou os sufrágios do eleitorado ao prometer que não enviaria as tropas

americanas para o Vietnam. Menos de um ano depois, ele enviava para este país os primeiros contingentes

importantes de tropas.

Em 1966, numa altura em que o preço desta política já se fazia sentir, os «eleaders» da oposição republicana davam o seu apoio a esta estratégia e às premissas em que a mesma se baseava. Os eleitores repudiaram a política de Johnson e dos democratas acerca de outras questões, mas a resposta foi uma escalada ainda mais intensa em homens e material.

Em 1968, o fracasso desta política afastou Johnson do Poder. Mas quando da campanha eleitoral para a presidência, que pôs frente a frente Johnson e Richard Nixon, a nova política americana, que consistia em permanecer no Vietnam até ao momento em que, através de negociações, se pudesse garantir a sobrevivência do Governo não comunista de Saigão, não deixou de encontrar partidários. Richard Nixon foi eleito mediante a promessa de pôr em prática um plano para

WASHINGTON



terminar com a guerra. Alterando a estratégia de Johnson, só muito mais tarde Nixon revelou este plano: tratava-se de acelerar a retirada das tropas americanas antes da conclusão de um acordo político.

Controvérsia

Antes das eleições de 1970, a invasão do Camboja tinha demonstrado amplamente que esta nova estratégia poderia implicar uma intervenção americana cada vez mais importante noutros países do Sueste Asiático. O debate no Congresso foi acalorado, mas teve poucas repercussões na campanha eleitoral.

Pelo contrário, pela quarta vez assegurou-se aos eleitores que não existia verdadeiro desacordo entre os partidos acerca da política a seguir na Indochina — e aqueles foram convidados a interessar-se por outros assuntos. Actualmente, tal como antes, assistimos ao esboçar de uma nova política no período pós-eleitoral, a qual consiste no alargamento da acção militar, a fim de proteger os Governos não comunistas, não só no Vietnam mas em toda a Indochina. E, mais uma vez, a controvérsia, que não se

manifestou quando da campanha, continua latente no Congresso e em todo o país.

Este ciclo monótono não dá uma imagem muito encorajante da eficácia do sistema bipartido. É possível, todavia, que a fraude política na qual os dois partidos estão implicados esteja prestes a chegar ao fim.

A opinião pública e a oposição parecem, finalmente, encontrar-se na linha de uma proposta que é suficientemente clara para passar um mandato presidencial conducente a uma política decisiva na Indochina — facto que não aconteceu desde 1964. Efectivamente, uma recente sondagem «Gallup» revela que 73 por cento dos eleitores americanos apoiam a acção do Congresso visando a retirada de todas as forças americanas do Vietnam antes do fim deste ano o que equivale a mais um terço dos eleitores do que em Setembro último. Esta proposta tem também o apoio da maioria dos democratas, dos republicanos e dos independentes. Trata-se de uma proposta clara e explícita — mesmo se todas as consequências não tiverem, provavelmente, sido examinadas pelos seus partidários relativamente ao público. Além disso, é uma proposta que goza do apoio de quase todos os homens que se defrontarão aquando dos votos de investidura dos democratas no próximo ano.

Solução

A iniciativa pertenceu ao senador George McGovern, tendo a proposta obtido a adesão dos seus colegas e

dos possíveis futuros adversários, Edmund Muskie, Birch Bayh, Harold Hughes e Edward Kennedy. Apenas Henry Jackson, entre os candidatos democratas, se opõe de maneira bem clara à proposta, ao passo que Hubert Humpfrey reserva por enquanto a sua opinião.

Todos estes candidatos democratas reconhecem que o preço a pagar pela fixação de uma data definitiva para a retirada das tropas americanas poderia muito bem significar o fim dos actuais Governos de Saigão, Phnom Penh e Vientiane. Mas estão convencidos de que estes Governos não são essenciais aos interesses americanos e que um calendário definido para as retiradas é a única solução para se pôr termo ao papel combatente dos Estados Unidos em toda a Indochina, obter-se a libertação de todos os prisioneiros e encerrar o temeroso capítulo da infeliz intervenção norte-americana.

Trata-se de uma proposta que Nixon rejeitaria hoje certamente, bastando a sua oposição para impedir a respectiva adopção pelo Congresso. É possível que a vietnamização torne uma questão supérflua em 1972, ou que, antes da abertura da campanha presidencial, o próprio Nixon esteja disposto a fixar uma data definitiva para a retirada das tropas americanas. Caso contrário, é muito provável que esta proposta constitua a base da campanha presidencial e proporcione, finalmente, ao eleitorado, o meio de formular uma resolução sobre o problema.



apenas seis semanas, antes de serem enviados para o teatro das hostilidades.

NACIONALISMO

Muito embora, conforme afirmou um conselheiro militar, os cambojanos «sejam capazes de combater corajosa, e mesmo racionalmente por vezes», o Exército tem-se distinguido, acima de tudo, pela prudência.

Do que os soldados e oficiais cambojanos necessitam, na opinião dos obser-

vadores, é de armas mais modernas e melhores — helicópteros, morteiros, carabinas M-16. «Eles têm razão — declarou o funcionário governamental americano — estão muito longe de se encontrarem convenientemente equipados para o género de guerra em que estão a lutar. Mas as armas só não chegam. É preciso que eles endureçam, se querem ser eficazes».

Mas os cambojanos, apesar de lhes faltar a disciplina e, até, talvez, a de-

cisão dos norte-vietnamitas possuem alguns outros factores a seu favor.

O mais importante é, provavelmente, o incrível nacionalismo do povo «khmer», do qual se compõe o exército de voluntários. Em contraste com a dolorosa luta política interna que se verifica no Vietnam do Sul, o Governo cambojano parece ter o apoio genuíno de, praticamente, todas as camadas da sociedade cambojana.

Na Indochina, o tempo constitui sempre um factor importante no aspecto militar, pelo que fontes cambojanas e norte-americanas estão convencidas de que, se os cambojanos conseguirem manter o «statu quo» até que principiem as chuvas da monção, em fins de Maio, terão conseguido algo cuja importância não pode ser menosprezada.

No Verão, toda a metade sul do Camboja — onde vive a maioria da população, e que se encontra, pelo menos, sob «contrôle» nominal do Governo — será inundada, o que dificultará os movimentos dos guerrilheiros.

Durante a estação húmida, os cambojanos esperam poder organizar as suas forças e abastecimentos, na expectativa de novos ataques comunistas no Outono.

DESEQUILÍBRIO

Mais do que a situação táctica no campo de batalha, observadores independentes nesta cidade perguntam a si próprios qual o significado da guerra para a estrutura da vida do país.

Até muito recentemente, o Camboja foi sempre uma terra próspera. A fruta, o peixe e os vegetais têm existido em abundância, chegando a exportar-se arroz. O país possui uma das melhores combinações de solo e clima para a cultura da borracha de todo o mundo.

A vida era fácil para os cambojanos, se bem que o rendimento em dinheiro fosse baixo. Embora Sihanouk fosse, provavelmente, um governante pouco eficiente, não era, certamente, opressivo.

A tarefa que o actual Governo enfrenta, bem como os americanos, cujos 255 milhões de dólares o sustentam e permitem que se defenda, é tornar este país no que uma fonte diplomática americana designou por «o ge-

nero de organização necessária para lutar nesta guerra bem e com eficiência».

Resta saber se este objectivo pode ser alcançado sem transformar o Camboja num país que o seu povo não reconheceria (a menos que tivessem visitado o Vietnam do Sul).

Para isso é necessário que a economia cambojana seja desenvolvida sem contar com as importações subsidiadas que deram ao Vietnam do Sul um desequilíbrio entre as importações e exportações de 50 para 1 e criaram um apetite insaciável pelos bens de consumo.

Aos economistas cambojanos desagradava, sobremaneira, a ideia de que o programa do auxílio económico ao Camboja acabe por se parecer com o de Saigão. «É absurdo — declarou certa fonte. — Não podemos permitir que isso aconteça aqui. Não queremos tornar esta economia dependente das importações, a fim de nos permitir um esforço de guerra a longo prazo».

Mas, mesmo com a guerra e a produção da borracha cambojana num ponto morto, fontes americanas esperam que as exportações do país se elevem a cerca de 25 milhões de dólares em 1971, e as importações (com os 70 milhões de dólares de auxílio económico prometidos pelo Governo dos Estados Unidos) se aproximem do nível de antes da guerra, de 90 milhões de dólares.

A comida, pelo menos, parece não suscitar problemas sérios para os cambojanos, nem tão pouco para as guerrilhas comunistas que facilmente se reabastecem na rica região provincial. O auxílio norte-americano em alimentos, ao Camboja, para 1971, inicialmente fixado em 30 milhões de dólares, foi reduzido para cinco milhões em virtude de os cambojanos não necessitarem de uma verba tão elevada.

É possível que os cambojanos, com o seu espírito nacional e o auxílio americano, possam rechazar a ameaça das guerrilhas e regressar, como o general Lon Nol afirmava ser seu desejo, a confortável vida de antes da guerra, sem Sihanouk e protegidos por uma neutralidade duramente alcançada.

Por outro lado, podem, também, acabar por descobrir que não existe um caminho de regresso da estrada pela qual enveredaram.

A DROGA: DA ANGÚSTIA À ESCRAVIDÃO

Quando a panóplia dos medicamentos que agem sobre o espírito se limitava aos brometos, os toxicómanos eram essencialmente consumidores regulares dos opiáceos, heroína, morfina ou cocaína. Mas os modificadores da vigilância, do humor ou do comportamento contam-se, hoje em dia, por centenas. Efectivamente representam um terço das novas patentes concedidas o ano passado pela comissão americana dos vistos (F. D. A.). Os seus utilizadores, esses, atingem a casa dos milhões...

Um adulto em cada quatro toma, regularmente, nos Estados Unidos, uma ou duas destas substâncias. Cerca de metade da população utiliza estes medicamentos uma vez por outra. Os estimulantes são utilizados por uma minoria; os sedativos por uma fracção maior e os tranquilizantes pela maioria. Em dez anos, o uso regular destes últimos passou de 7 % da população para 27 % (1967).

Na Suíça, país onde uma «comissão para o estudo do abuso dos medicamentos» foi criada pela conferência dos directores cantonais dos assuntos sanitários, foi levado a efeito um inquérito exaustivo junto dos médicos, dos farmacêuticos e de todas as instituições hospitalares e psiquiátricas. Este inquérito revela que a maior parte das «toxicomanias», que constituem hoje em dia uma grande percentagem dos casos das clínicas psiquiátricas, são, efectivamente, «farmacománias». Trata-se quase sempre (69 %) de mulheres, enquanto que os homens representam a esmagadora maioria dos alcoólicos. As drogas utilizadas são soníferos (incluindo os soníferos não barbitúricos que provocam estados de toxicomania como os outros) e, sobretudo, analgésicos e hipnoanalgésicos. Alguns, os mais vulgares, compostos de fenacetina, da cafeína e de um ligeiro hipnótico «estimulam o rendimento» em virtude de conterem um excitante, e conduzem, ao cabo de alguns meses, a um verdadeiro hábito (necessidade de aumentar as doses) e a uma dependência (impossibilidade de suprimir os medicamentos). A venda de analgésicos ultrapassou, na Suíça, no espaço de um ano, duzentos milhões de comprimidos, adquiridos, na maioria dos casos, nas drogarias e nos grandes armazéns, o que torna impossível qualquer «controlo». As toxicomanias provocadas pelos tranquilizantes também aumentaram muito no decurso destes últimos anos. Alguns destes produtos caracterizam-se pela facilidade e rapidez com que provocam o hábito e a dependência.

FUGIR, SONHAR, DORMIR...

O inquérito levado a efeito em 1967 junto de 1100 farmacêuticos e de 1200 drogarias helvéticas revelou que, em 1489 clientes (num mês), o consumo diário de analgésicos, combinado com hipnóticos, era de dez a vinte comprimidos por pessoa; os números mais elevados verificaram-se em Basileia e Genebra. Quais as causas desta farmacomania? No princípio, combater dores físicas de pequena intensidade: uma insónia, indisposições neuro-vegetativas, a ansiedade ou a tensão provocadas pela civilização urbana e pela competição industrial, o desejo de «esquecer a realidade».

Mais discreta, mais hipócrita, mais insidiosa sem dúvida do que as dos adolescentes, ela obedece, todavia, aos mesmos fins e comporta riscos evidentes.

A situação é ainda pior na Grã-Bretanha, onde o ministro da Saúde acaba de criar uma comissão de inquérito acerca do abuso dos barbitúricos, a qual deverá fornecer-lhe, o mais rapidamente possível, indicações precisas sobre a extensão alarmante desta medicação e sobre as medidas a adoptar. Todos os serviços policiais e todos os hospitais ou centros especializados de Inglaterra receberam uma circular convidando-os a participar neste inquérito.

Mais de 15 milhões de receitas de barbitúricos foram registadas em 1970 pelo serviço nacional de saúde, a que se deve adicionar um número desconhecido de receitas não reembolsadas. Calcula-se em 8000, ou talvez mais, o número dos que desviam estes sedativos do seu condicionamento clássico para os injectarem nas veias depois de terem desfeito os comprimidos em água mais ou menos suja. «A mortalidade deste tipo de toxicomania é, segundo um relatório de «Sir» Aubrey Lewis, publicado no «Lancet», mais elevado do que a de qualquer outro veneno, sólido ou líquido.

Mas, para la destes casos extremos, não há dúvida de que a «medicomania» dos tempos modernos assume proporções alarmantes. Uma tese recente (1) dá exemplos assustadores da inconsequência, na matéria, de certos médicos ou farmacêuticos, e, sobretudo, dos doentes. Ou melhor, destes «homens saudáveis» para os quais o medicamento já não é apenas um agente terapêutico, mas um factor de bem-estar, o último recurso contra a fadiga, a angústia e a monotonia de uma existência fatigante. O número dos agentes químicos que permitem interpretar os dados funcionais normais da vida psicológica não para de aumentar. Os analgésicos e as substâncias que modificam o comportamento ou o equilíbrio são exemplos disso, e nem o médico nem o farmacêutico intervêm já nesta nova relação que se estabelece directamente entre o profano e o medicamento, sem ter jamais sido objecto de qualquer regra ou norma.

Seria preciso que se levasse a efeito, urgentemente, uma vasta campanha de informação a este respeito, e uma reflexão colectiva permitiria, sem dúvida, resgatar a ética do «medicamento social», cujo uso não pode senão desenvolver-se. Para além dos riscos suscitados pelo medicamento, é impressionante verificar que a lista das substâncias terapêuticas desviadas pelos jovens do seu uso clássico e vulgar para fins de autodestruição ou de embriaguez química não para de crescer. Decantam-se os xaropes para a tosse ou os licores calmantes, reduzem-se os comprimidos a pó, faz-se a decocção das gotas e dos pós, filtra-se, evapora-se, destila-se e injecta-se nas veias arruinadas, depois nas artérias e mesmo na carótida, numa atitude de autêntico suicídio (2), os elixires mais espantosos.



A desagregação física e psíquica que semelhantes comportamentos implicam sempre vem juntar-se, em determinados casos, este fenómeno ainda misterioso que é a dependência, elo subtil e maldito que faz com que o organismo reclame quantidades cada vez mais elevadas da sua droga, que já não pode dispensar, e que toda e qualquer tentativa de abandono conduza, se for feita sem precauções, a sofrimentos intoleráveis.

ESCRAVATURA

Na ausência de estudos experimentais sérios, julgava-se, ainda recentemente, que unicamente os estupefacientes podiam levar à dependência (ou sujeição) que se atribuía a factores sociais ou psicológicos. Os organismos sanitários internacionais reservavam o termo «toxicómano» para aqueles que eram vítimas dos estupefacientes; o seu significado encontrase, hoje em dia, consideravelmente alargado, ao ponto de abranger as farmacomanias, e mesmo os comportamentos alimentares de numerosos obesos.

A vaga mundial de embriaguez química e o aumento considerável das observações clínicas registadas tanto na Europa como nos Estados Unidos, o aperfeiçoamento de métodos experimentais que permitem reproduzir nos animais (macaco, rato, etc.) verdadeiras toxicomanias e síndromas de ablação ou de privação, e os primeiros ensinamentos proporcionados por esta nova disciplina, a mais prometedora do próximo decénio, que é a neurobiologia, permitem trazer a este domínio, até agora tão confuso e controverso, tanto sob o aspecto fisiológico como sob o da semântica, importantes esclarecimentos.

As experiências realizadas, desde há quatro anos, com macacos e ratos, munidos de um dispositivo que lhes permite injectarem-se ou engolir, consoante os seus desejos ou necessidades, morfina (ou os seus derivados) ou outras drogas (estimulantes) revelaram, em primeiro lugar, que a instauração de uma tolerância e de uma dependência são inelutáveis, rápidas e não necessitam de qualquer «condicionamento especial», senão, talvez, este «reconhecimento» que faz com que o animal associe à privação de droga as sensações desagradáveis que o assaltam.

As quantidades de morfina — ou de heroína — absorvidas deste modo pelo organismo tornam-se, muito depressa, extraordinariamente elevadas, sem que o animal pareça sofrer por isso. O mesmo acontece com o homem, e os adeptos da heroína, ou da morfina, utilizam diariamente doses vinte a trinta vezes mais elevadas do que as empregadas na terapêutica, sem apresentarem, por esse facto, sinais de torpor ou de embriaguez.

Toda e qualquer redução deste «ótimo quotidiano», ao qual o animal chegou por si próprio, provoca indi-

A MEDICO

Pelo doutor ESCOFFIER

cios de evidente sofrimento físico, agravados pelos antagonistas da morfina e que se traduzem por uma extrema agitação, uma aceleração da respiração e dos batimentos cardíacos, diarréia, emagrecimento espectacular (perda de 20 % em vinte e quatro horas), tremuras incontroláveis e convulsões.

A injeção de uma dose de morfina põe imediatamente termo a este síndrome.

DA ENFERMIDADE QUÍMICA À DEPENDÊNCIA

Os dois fenómenos, a tolerância e a dependência, parecem, portanto, depender de um mesmo mecanismo ligado ao funcionamento do metabolismo cerebral.

As investigações mais recentes revelam que a morfina apressa a síntese de uma das mais importantes aminas cerebrais, segundo processos que ainda estão a ser estudados. Parece também que a degradação desta substância, que desempenha um papel essencial no funcionamento do sistema nervoso central, é precipitada.

A profunda desordem física e psíquica que a toxicomania implica não depende, portanto, de qualquer capricho maléfico, mas sim de um fenómeno químico, e reveste-se do maior interesse a elucidação, hoje em dia, da sua natureza e especificidade.

Isto permitiria, simultaneamente, compreender a natureza de uma certa predisposição.



As toxicomanias provocadas pelos tranquilizantes caracterizam-se pela facilidade e rapidez com que se instalam no decurso dos últimos anos. Os caracterizam-se pela facilidade e rapidez com que se instalam no decurso dos últimos anos. Os caracterizam-se pela facilidade e rapidez com que se instalam no decurso dos últimos anos.

COMANIA

PARIS



FIER-LAMBIOTTE

Esta predisposição tinha sido observada há muito tempo, mas com menos precisão e rigor do que actualmente, e os psiquiatras classificavam-na de «desequilíbrio nevrótico» estabelecido desde a infância, que favorecia a «toxicofilia».

Os estudos recentes efectuados nas clínicas e hospitais suíços confirmam a sua realidade e os seus autores são da opinião de que nenhum médico deveria receitar tranquilizantes, analgésicos pertencentes à família dos opiáceos ou barbitúricos de acção rápida a estes seres cuja constituição os torna vulneráveis.

No departamento de neuropsiquiatria da Universidade de Nova York, o exame minucioso de 112 drogados revela que 68% dos adeptos da heroína sofriam anteriormente de uma psicose. Um doente em cada dois tinha sido hospitalizado por esquizofrenia antes de se tornar toxicómano (estimulantes, produtos alucinantes e marijuana) e 87% tinham sido seguidos de «perturbações mentais».

«A PROCURA DA EUFORIA»

Todos os drogados estudados deste modo apresentavam praticamente ao exame psiquiátrico um carácter depressivo profundamente marcado, e a maioria indicava «a procura da euforia» e o apaziguamento deste estado depressivo como o motivo da sua farmacomania.

Os médicos da Universidade de Nova York estão convencidos de que es-

tes dados mostram claramente a necessidade de investigações mais amplas sobre as depressões clínicas e sobre o metabolismo das drogas assim utilizadas.

A importância destas investigações é evidente, em virtude de a depressão ser, de longe, a mais generalizada das doenças nervosas (25% de todas as admissões nos hospitais psiquiátricos) e se terem obtido inúmeros dados recentes que revelam estar ela ligada a uma perturbação do metabolismo das células nervosas, cuja natureza investigadores ingleses estão a começar a identificar por meio do estudo do líquido cefalorraquidiano.

Os melhores resultados em terapêutica antidepressiva têm sido obtidos, desde há dois anos, por uma substância muito simples, o carbonato de lítio, o qual, desde que a sua concentração no sangue seja mantida a um nível constante, através de uma absorção regular do produto, permite evitar completamente (e, segundo parece, definitivamente) os episódios depressivos recorrentes que despedaçam a vida destes doentes.

As razões desta acção são mal conhecidas, tão mal conhecidas como a química e a genética (3), das perturbações mentais que se continuam a tratar como no tempo de Mesmer e cujo drama mundial da embriaguez química contribuirá sem dúvida para acabar com o mistério.

ÚLTIMO ARTIGO:

O INFANTICIDA INSTANTÂNEO



Autêntica vaga mundial de embriaguez química

(1) — O medicamento e a receita médica — tese de doutoramento do terceiro ciclo, Escola Prática de Altos Estudos, por M^{me} Gissèle James-Safor, 24, rue Jouffroy, Paris 17^e.

(2) — A que os adolescentes que a isso se entregam, e passam a suas próprias «receitas», chamaram, aliás, «roleta russa».

(3) — A enfermidade química que conduz à predisposição, ao alcoolismo ou à toxicomania parece depender de um factor hereditário transmissível. Existem raças, genéti-



Drogados — carácter depressivo profundamente marcado

amente seleccionados, de raças ulteriores (ou, pelo contrário, sóbrios). Este carácter hereditário, cuja natureza e modo de transmissão são objecto de estudos actualmente efectuados, traduz-se, igualmente pela instalação facilitada de uma morfomania nestes mesmos animais geneticamente predispostos.

LER: «Les Acolitants thérapeutiques», por Pierre Bourget, Hachette édit. 650 francos.

«Une morale des médicaments», por P. Chauchard, Fayard édit. 440 francos.

REGULAMENTAÇÃO DO EMPREGO DOS MEDICAMENTOS

A receita dos medicamentos é regulamentada por uma legislação que se insere no código da saúde pública e se identifica, sob determinados aspectos, com a luta contra a droga.

Os medicamentos são classificados em quatro tabelas: a tabela B, onde estão inscritos os estupefacientes propriamente ditos, a tabela A, que diz respeito às substâncias tóxicas, e a tabela C, às substâncias perigosas.

A tabela B encontra-se dividida em duas secções: a secção I para as substâncias destinadas à agricultura, ao comércio ou à indústria. A secção II para as substâncias destinadas à medicina. É nesta secção que se encontra a maioria dos estupefacientes utilizados pelos toxicómanos, particularmente o ópio e os seus derivados, a cocaína, os derivados do cânhamo indiano, o L. S. D. 25, o kat ou quat e os estimulantes. Estas drogas são utilizadas, no conjunto, sob a forma de matéria-prima ou de solução injectável.

Consoante os produtos e os lugares onde são tratados ou armazenados, aplica-se-lhes uma regulamentação muito rigorosa.

É assim que toda e qualquer operação que

envolva o kat ou o canabis bem como as preparações que contenham estas substâncias são proibidas. Mas, por outro lado, o Ministério da Saúde Pública adoptou, recentemente, diversas medidas que limitam as autorizações do emprego de certas outras drogas; estas medidas dizem especialmente respeito a:

■ **ESTIMULANTES**, cuja matéria-prima e soluções injectáveis, ficaram sujeitos, por decreto de 2 de Outubro de 1967, à regulamentação dos estupefacientes, ao passo que certas outras preparações desta substância estão submetidas à da tabela A.

Por outro lado, a partir de 1969, determinados produtos à base de estimulantes destinados ao tratamento das obesidades ou associados à aspirina encontram-se inscritos quer na tabela B, quer na tabela A;

■ **ELIXIR PAREGÓ-RICO** (à base de pó de ópio) que se encontra inscrito, pelo seu lado, desde 1969, na tabela C, mesmo quando se trate de pequenas quantidades;

■ **HEROÍNA**, interdita em terapêutica desde 1970, excepto para efeitos de desintoxicação quando esta for le-

vada a efeito em estabelecimentos autorizados.

Recordemos, por outro lado, os regulamentos essenciais aos quais se encontram submetidas, para seu fornecimento, as especialidades farmacêuticas classificadas nas três tabelas.

Tabela C (regime mais flexível): apresentação de uma simples receita cuja renovação é possível, salvo indicações contrárias do médico (sem limite no tempo).

Tabela A: simples receitas, mas a renovação da mesma não é possível senão quando o médico o indicou expressamente.

Tabela B (regulamento extremamente rigoroso): proibição de receitar substâncias estupefacientes no seu estado natural.

Além disso, são obrigatórias as receitas especiais retiradas de um livro munido de tabelas. Nelas deve obrigatoriamente figurar o nome, o endereço e a assinatura do médico, bem como a data da receita, o modo de emprego, o nome e o endereço do beneficiário, as doses das substâncias e o número de unidades terapêuticas por extensão, finalmente, esta receita apenas é válida durante uma semana (sete dias).

SENSACIONAL

Va a Madrid, na Páscoa, OFERTA JOVICA, 30 Viagens (15 prémios iguais para 2 pessoas) 5 dias, viagem em auto-pluma de luxo, Hotel de 1.^a, visita à cidade e Vale dos Caidos, etc. Sorteio a realizar em 27-3-71, autorizado pelo Ex.^{ma} Sr. Governador Civil de Lisboa. E na altura da compra recebe logo o BRINDE JOVICA para todos os clientes.

TELEVISORES

Desde 3500\$00, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 2100\$00

ESQUENTADORES

Desde 1300\$00, com montagem a cromados

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Desde 4750\$00, AUTOMÁTICAS

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Desde 5000\$00, AUTOMÁTICAS

...E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA: Largo D. Estefânia, 12-C
Telef. 53 45 36

Avenida 5 de Outubro, 53-C
Telef. 4 77 69

FILIAIS: CACÉM — SINTRA — CASCAIS
VENDA NOVA

MISTÉRIO À VOLTA DE UM AVIÃO

MOSCOVO

A U. R. S. S. À FRENTE NOS VOOS COMERCIAIS SUPERSÓNICOS?

Por HARRY TRIMBORN

O «TUPOLEV TU 144», avião supersónico de transporte da União Soviética, vagueia pelos céus da Rússia como um objecto voador praticamente não identificado.

Isto, pelo menos, no que diz respeito aos especialistas ocidentais na matéria. Além do nome e de alguns dados estatísticos extremamente limitados, pouco se sabe acerca do avião e do seu programa de desenvolvimento. Os russos não parecem dispostos a fornecer muitos detalhes sobre o seu avião, excepto quando se trata de mostrarem algumas imagens fotográficas, documentários cinematográficos ou generalidades em que se chama a atenção para o facto de se tratar de uma máquina maravilhosa. É o que acontece, aliás, com a brochura colorida, que elogia a sua «perfeição e elegância» e o «grande conforto» que proporcionará aos passageiros.

Estes comentários não são suficientes para satisfazerem a curiosidade dos responsáveis da aviação civil ocidental, os quais estão profundamente interessados no «SST» soviético, tal como aconteceria com qualquer avião susceptível de ter um efeito importante no mercado mundial de aviões. Conforme afirmou Erastus Coming, director da «Pan American World Airways» na U. R. S. S.: «Não dispomos de informações suficientes acerca do seu comportamento que nos permitam formar uma opinião válida».

A «Am» e outras companhias de aviação ocidentais têm estado a tentar obter informações sobre o avião russo da «Aviaexport», a agência soviética que se ocupa da exportação de aviões. Todavia, a única resposta que obtém é um encolher de ombros e a frase: «Não sabemos».

ENTREVISTAS «IMPOSSÍVEIS»

Os russos recusam-se a permitir que os jornalistas ocidentais falem com os funcionários da aviação civil soviética acerca do «TU 144». Essas entrevistas, declarou um informador do ministério dos Negócios Estrangeiros, são «impossíveis».

A primeira vez que os observadores

ocidentais puderam ver o avião foi em Maio de 1969, quando foi apresentado ao público no aeroporto moscovita de Sheremetievo, menos de 24 horas depois de a exposição ter sido anunciada.

Contudo, os jornalistas, diplomatas e adidos militares estrangeiros convidados não ficaram a saber muito mais sobre o avião do que sabiam antes de verem o «TU 144», nem mesmo depois de falarem com o famoso desenhador de aviões da União Soviética, Andrei Tupolev, cujo filho, Alexei, é o principal desenhador do «SST».

O sr. Tupolev pai disse aos jornalistas que a Rússia apenas possui um «TU 144» em condições de voar, a despeito de outras fontes soviéticas terem afirmado que existiam vários.

Todavia, além desta informação, pouco mais revelou. Interrogado acerca do progresso das experiências, respondeu: «Melhor do que esperávamos».

Quando calculava que as experiências fossem dadas por concluídas? «Quando o programa de voo for concluído» — foi a sua resposta.

Os funcionários da aviação civil soviética não se mostraram mais loquazes, excepto quando disseram, durante a exibição de Maio de 1969, que o avião já estava a ser produzido em série. Mas por que razão se dera início ao fabrico do avião antes da conclusão das experiências de voo?

«Porque temos fé nos «Tupolevs» — retorquiu um funcionário soviético.

AMSTRONG ELOGIOU

Najeeb E. Halaby, presidente da «Pan Am», pôde observar o avião em Agosto de 1969, e Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar o solo lunar, viu-o na Primavera passada, durante uma visita de boa vontade à União Soviética.

Nenhum dos visitantes estrangeiros foi autorizado a voar no aparelho. As visitas limitaram-se à inspecção em terra, as quais pouco revelaram acerca das características de voo do «TU 144».

Algumas opiniões foram favoráveis, outras desfavoráveis. Houve quem afirmasse que a construção do aparelho era deficiente. Havia «provas» de que a asa estava torcida.

Todavia, Armstrong, ao falar em Washington, em Novembro do ano passado, elogiou a máquina soviética.

Declarou ele que o «TU 144» é um «aparelho de belo aspecto, tão bom como os melhores que estamos a produzir».

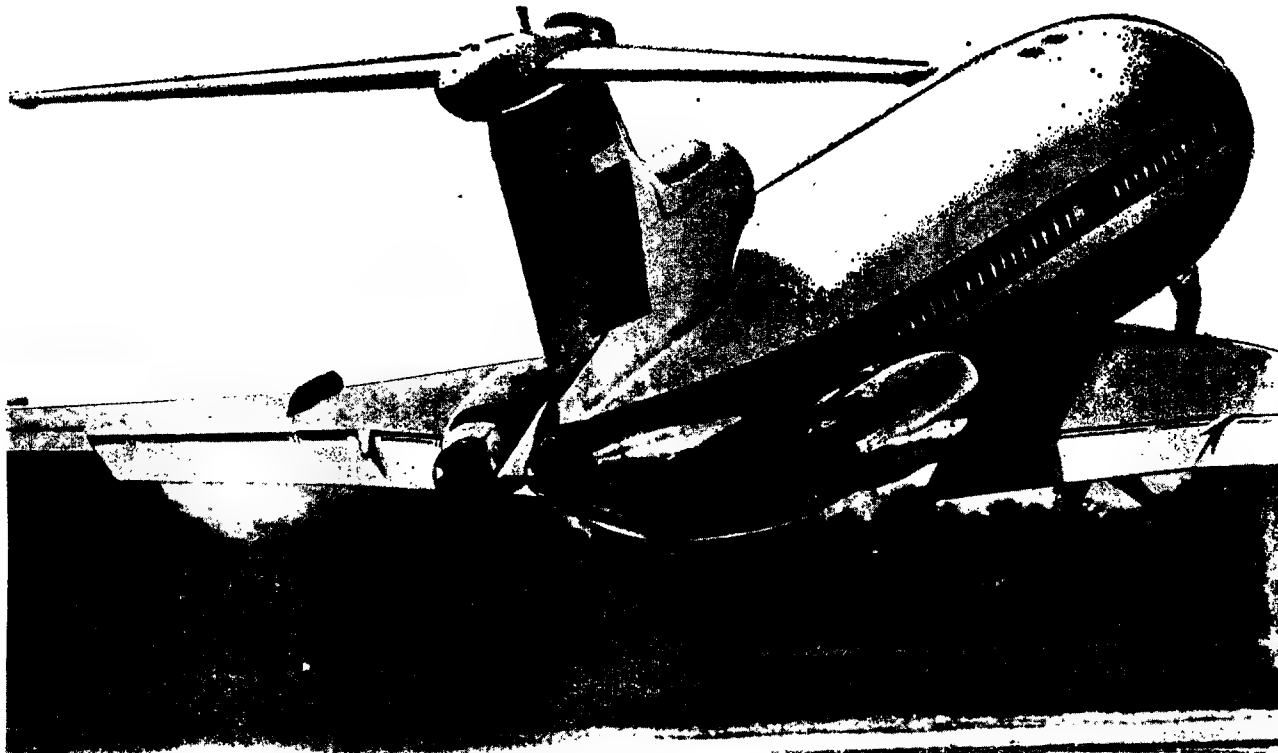
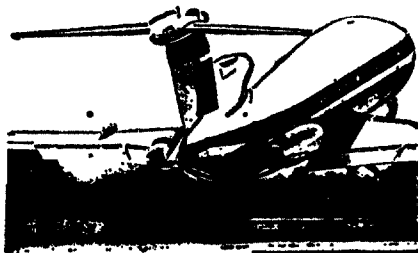
Armstrong preveniu que o «SST» soviético pode muito bem bater o Ocidente na inauguração dos voos comerciais supersónicos.

Segundo a última versão, o «TU 144» entrará ao serviço até ao fim do último plano quinquenal, em 1975.

Os funcionários do Ministério da Aviação Civil já estão a falar da «segunda geração» de «SST», capazes de velocidades hipersónicas de 7000 a 10 000 km/h., em serviço por volta do ano 2000.

Estes aviões, feitos em ligas especiais a fim de aguentarem o tremendo calor provocado por semelhantes velocidades, poderiam atingir qualquer ponto do Globo em duas horas.

As operações de voo seriam confiadas a computadores, sendo os pilotos utilizados unicamente como reserva e tendo em consideração a «importância psicológica» que para os passa-



geiros representa a existência de um ser humano na cabina de pilotagem.

COMPETIR COM O «CONCORDE»

Todavia, estes comentários pouco adiantam acerca das características do «SST» soviético. É possível que os soviéticos não se mostrem muito faladores nesta altura em virtude de dificuldades no programa de desenvolvimento. Consta que se têm verificado alguns contratempos. Afirma-se que o avião deveria ter entrado ao serviço no passado mês de Março, entre Moscovo e Osaka, aquando da abertura da «Expo 70» do Japão.

Por outro lado, chegou a dizer-se que um «TU 144» se tinha despenhado.

O silêncio soviético poderia ainda dever-se ao facto de os russos desejarem causar sensação com o «TU 144» na Exposição Aeronáutica de Paris, que se deve realizar esta Primavera, na qual os homens de negócio podem ter oportunidade de compará-lo com o «SST Concorde» anglo-francês.

Os russos ficariam encantados por venderem um ou dois «TU 144» a uma linha aérea não comunista. Falou-se de uma venda do aparelho russo à companhia paquistanesa «International Airlines» pelo preço de 10 milhões de dólares.

Este negócio poderia constituir uma boa propaganda, mas seria péssimo sob o ponto de vista comercial. Conforme era de esperar, os russos não fixaram o preço do «TU 144», a despeito de ter sido afirmado em publicações ocidentais que a «Aviaexport» está pronta a responder a todos os inquéritos sobre os aviões civis soviéticos e respectivos acessórios (incluindo o «TU 144»).

Mas se o «SST» soviético pode, conforme os russos pretendem, competir com o «Concorde», o preço de compra seria de cerca de 25 milhões de dólares por unidade.

Uma ou duas vendas do aparelho proporcionarão aos soviéticos importante quinhão de divisas estrangeiras, algo que eles desejam urgentemente a fim de prosseguirem os seus esforços persistentes no sentido de adquirirem técnicas e equipamentos estrangeiros para darem novo impulso à sua economia.

Mas se esperam efectuar estas vendas, os russos terão de erguer a cortina de mistério que envolve o seu avião.

DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL,
AUTOMÁTICO
CALENDARIO
INCABLOC
RESISTENTE

Mudança de data ultra-rápida



Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

HAVERÁ BARULHO ENQUANTO HOVER AVIÕES A JACTO

Por DAVE SHAW

SEGUNDO DECLARAÇÃO recente de um perito em questões aeronáuticas, é improvável uma «drástica redução» do ruído dos jactos, num futuro próximo. O capitão Paul Soderlind, piloto de ensaios da «America's Northwest Orient Airlines», declarou que nem uma melhoria nas técnicas de pilotagem nem os progressos no «design» dos aparelhos poderão trazer grande alívio às pessoas que vivam perto dos aeroportos.

— Enquanto houver jactos, haverá barulho, e enquanto houver pessoas a viverem junto de aeroportos, haverá sempre queixas — disse Soderlind.

Soderlind, que se deslocou a Los Angeles para um simposio que teve a duração de dois dias e foi promovido pela Organização

outra, pois é preciso aumentar a potência para subir mais depressa.

As companhias aéreas estão a ensaiar métodos de descolagem e aterragem, na esperança de reduzirem o ruído, pelo menos a pouco o pouco, declarou Soderlind. Mencionou um tipo experimental de aterragem a pique que a «Northwest» está há dois anos a estudar.

Os técnicos do ruído de jactos dizem que 75 por cento das queixas se referem aos momentos pré-aterragem (e não a descolagem) e Soderlind informou que as primeiras indicações das experiências da «Northwest» mostram uma redução de cerca de 25% do ruído ocasionado pela preparação de aterragem. Soderlind disse que esse novo tipo de manobra podia começar a ser posto em execução no fim deste ano.

A «Northwest» e a «Boeing» podem vir a fazer experiências semelhantes com o «Boeing 747», mas uma decisão a pique com essa avião implicaria uma alteração no auto-piloto do aparelho — anunciou o mesmo técnico.

— E quanto a tornar os próprios motores a jacto mais silenciosos?

— Não me parece que tal seja possível na fase actual da engenharia. Mesmo que já existisse um projecto nesse sentido, seria muito dispendioso. Seriam precisos cinco anos para modificar todos os aparelhos existentes e o resultado provavelmente seria insignificante.

O problema real, como Soderlind e outros técnicos opinam, é que ninguém sabia até onde iriam — e cresceriam — os aeroportos quando se urbanizaram certas zonas. Agora é tarde demais (a não ser em zonas novas) para isolar as zonas ou recorrer a técnicas de construção à prova de bom.

Randall Hureburt, engenheiro acustico ao serviço da cidade de Inglewood (Califórnia) cujos cidadãos intentaram uma acção de indemnização por perdas e danos, no valor de 2000 milhões de dólares (cerca de

83 810 000 contos) contra a cidade de Los Angeles — declarou que há 50 mil casas afectadas pelo barulho dos jactos dos aviões que se servem do aeroporto internacional de Los Angeles. Segundo Hureburt haverá algumas condenações e al-

gumas casas construídas recentemente na área poderão ser beneficiadas com um equipamento que as torne à prova de som, mas para a vasta maioria dos habitantes da zona o problema ficará sem solução. Hureburt mostra-se mais

optimista que Soderlind quanto a aparelhos a jacto mais silenciosos. Segundo disse, estudos já realizados demonstram que os motores podiam sofrer modificações que diminuiriam o barulho em 50% e que essas modificações poderiam

ser financiadas através de um aumento de 1% nos custos das passagens.

(1) N.O.I.S.E., sigla de *Noise and Sound-Controlled Environment* — significa ruído



7 dias 7 dias 7

SUBMISSÃO

Soube-se, de fontes diplomáticas que os Estados França submeteram à União Soviética o texto de um projecto de acordo sobre o estatuto de Berlim, numa última tentativa para conseguir que as conversações dos Quatro saiam dum impasse. Este impasse é tal que os ocidentais calculam poder tirar qualquer razão de ser optimista pelo facto de os russos não terem rejeitado imediatamente este projecto de regulamento susceptível, aos olhos dos ocidentais, de obter deslecho aceitável para a situação de Berlim.

O DESASTRE DA «ROLLS-ROYCE»

Figuras políticas britânicas estão energicamente a sustentar a tese de que a salvação do desastreiro negócio da «Rolls-Royce» fica no lado americano do Atlântico, mais precisamente com a empresa Lockheed e nos seus consumidores e, se-

FUSÃO DE JORNAIS NA BULGÁRIA

ESTÃO A ACONTECER importantes transformações na imprensa bulgara. De agora em diante, dos sete matutinos publicados actualmente em Sófia, o «Vardaria Armie», órgão das Forças Armadas, passa a semanário, mas aparecerá com oito páginas, ao contrário de quatro, como a maioria dos jornais bulgaros. O jornal Kooperativno Selo (a aldeia cooperativa) torna-se igualmente semanário.

Por outro lado, o «Vecherni Novini» («Notícias da Noite», fundir-se-á com o «Ostestchestven Front». A nova publicação aparecerá duas vezes por semana, com seis páginas, bem como o órgão da juventude bulgara Narodna Mladej.

Só o Rabotnitchesko Delo, órgão do partido comunista bulgaro, continuará a sair com seis páginas, diariamente, enquanto os res-

tantes quanto diários só serão publicados seis dias por semana.

PETRÓLEO: UM NEGÓCIO DAS ARÁBIAS

O presidente da Líbia, coronel Kaddafi, tentou, sem êxito, «comprar» recentemente o Governo sírio para impedir a reabertura do «pipe-line» da companhia americana Tapline, que transporta o petróleo bruto da Arábia Saudita até ao porto libanês de Selo, no Mediterrâneo — segundo informações fidedignas recolhidas em Jerusalém.

Segundo essas fontes, o coronel Kaddafi teria oferecido ao general Assad, pouco tempo depois deste ter subido ao Poder em Bagdad, um «prémio», a longo prazo, sem compromissos, de 348 milhões de dólares, se ele continuasse, como o seu predecessor, a impedir a Tapline de reparar o «pipe-line».

AMIGO DA URSS

André Blumel, presidente-delegado da Associação França-URSS, que acaba de regressar de Moscovo, anunciou em Paris que foi autorizado pelos russos a assistir aos processos dos judeus que venham a efectuar-se na União Soviética. Preciso ter obtido essa autorização a título pessoal, enquanto advogado honorário e jurista amigo da U. R. S. S.

Indicou que não queria ter que assistir a processos perante tribunais militares.



«L'HUMANITÉ» E A REVOLUÇÃO AFRICANA

«Revolução Africana», órgão da F. L. N. da Argélia, ataca num dos seus últimos números «L'Humanité», órgão do Partido Comunista Francês, por aderir às «declarações de certos elementos hostis à revolução argelina» e por ter atacado «a F. L. N. e certos responsáveis argelinos».

«O diário comunista», escreve «Revolução Africana», «não se colhe de dar falsas informações e de se imiscuir no novo modo de organizar as massas populares, de acordo com os princípios dos sistemas de partido único».

NAS MONTANHAS DA LUA

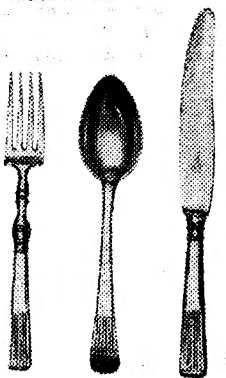
A «Apolo 15» atunará num dos locais mais espectaculares do nosso satélite natural — perto duma montanha de 1600 metros de altitude e de profundos vales e enormes crateras.

«Duma maneira geral, há um pouco de tudo à volta

da fossa de Hadley (a área onde deve pousar a «Apolo 15», entre o Mar da Serenidade e o Oceano das Chuvas», acentua David Scott, o comandante designado da «Apolo 15». O princípio desta missão de duas semanas está previsto para 25 de Julho.



talheres de prata
TOPAZIO
modelo caninhas



duplamente
trabalhados

para os ambientes requintados
A VENDA NAS BOAS OURIVESARIAS

OS «SEIS» ADIAM PARA 1973 AS DECISÕES RELATIVAS À UNIÃO ECONÓMICA E MONETÁRIA

BRUXELAS



Quais são as principais características do programa destinado a conduzir, nos próximos 10 anos, a Comunidade a uma união económica e monetária?

● **Primeira etapa** — Começa imediatamente e acabará, em princípio, no fim do Ano de 1973. Durante estes três anos, os Estados membros vão esforçar-se por intensificar a coordenação das suas políticas orçamental, conjuntural, fiscal, regional e por reforçar a sua cooperação monetária. Como irão concretizar-se essas intenções? Entende-se primeiro que os ministros das Finanças se reunirão a intervalos regulares (três vezes por ano) para que as políticas orçamentais seguidas no plano nacional possam coincidir cada vez mais com os objecti-

vos definidos pela Comunidade. O mesmo se passará com os governadores dos bancos centrais. Com a força da decisão, quadro que agora foi tomado pelo conselho, a comissão apresentará-lhe a propostas que tanto poderão visar a liberalização dos movimentos de capitais como a harmonização das infra-estruturas ou a abertura de créditos para intervenções regionais.

UM COMPROMISSO DEFINITIVO

No plano monetário, a adopção do programa tem um primeiro significado de importância. Confirmando oficialmente a decisão tomada pelos ministros das Finanças em Veneza, na Primavera de 1970, os Seis comprometem-se a

não abrandar as relações de câmbio actualmente existentes entre as suas moedas, sejam quais forem as decisões que o F. M. I. venha a tomar. Contrariamente às outras medidas que vão ser tomadas em matéria monetária, durante a primeira etapa. Trata-se neste ponto de um compromisso definitivo que os Estados membros decidiram não repor em causa, mesmo que, por infelicidade, dentro de cinco anos, a coordenação das políticas económicas apresente bastantes lacunas e falhas para que entendam ser razoável interromper o seu programa.

A cooperação monetária apolar-se-á muito naturalmente nos mecanismos de assistência mútua a curto e médio prazo, de que a Comunidade se dotou (trata-se

das disposições descritas pelo plano Barre). Pedem-se aos bancos centrais que concentrem as suas intervenções no mercado dos câmbios, a fim de se permitir, primeiro, a título experimental, uma redução das margens de flutuação dos câmbios entre as moedas dos países membros. É esse o começo lógico do processo chamado a conduzir progressivamente se não à criação de uma moeda europeia única, pelo menos, à definição de uma paridade fixa entre as moedas nacionais. Assim, finalmente, que se pede às comissões especializadas responsáveis que tracem, antes de Junho de 1972, um relatório sobre a possibilidade de criarem, na primeira etapa, um fundo europeu de cooperação monetária que ficaria encarregado de praticar ele mesmo,

as intervenções no mercado das trocas que porventura venham a ser exigidas pela manutenção da coesão monetária dos seis países.

● **A passagem à segunda etapa** — Em 1973, a comissão apresentará ao conselho um relatório, no qual se dê nota dos progressos realizados. Submeterá igualmente propostas onde se descrevam as acções a emprender a fim de se progredir para a realização da união económica e monetária. Foi decidido que se veria se essas acções poderão ser tomadas com base nas disposições do Tratado de Roma, ou, se, pelo contrário, haverá que completar este texto ou mesmo modificá-lo.

UM PRAZO DE CINCO ANOS

O conselho de ministros estudará o dossier completo e deverá então decidir se estão preenchidas as condições requeridas para se passar à segunda etapa. Qual o significado deste procedimento? A verdade é que, segundo tudo leva a crer, nos últimos meses de 1973 os ministros te-
Unidos, a Grã-Bretanha e a
rão de fornecer uma dupla apreciação. Primeiro terão que se pronunciar sobre a qualidade dos progressos obtidos nos últimos três anos. Para os alemães, será esta a oportunidade de verem se o paralelismo (como eles o entendem) entre o desenvolvimento da cooperação monetária e o reforço da coordenação das políticas orçamentais e conjunturais foi conscienciosamente respeitado. Em seguida deverão aprovar o programa (que será submetido à sua apreciação) de acções tendentes a tomarem a sua cooperação ainda mais íntima e que será completado por propostas sobre matéria institucional. A este respeito, todas as hipóteses permanecem, por agora, em aberto: primazia deixada ao conselho dos ministros, ou então, pelo contrário, responsabilidades e poderes acrescidos para a comissão, ou ainda criação de um novo órgão de decisão económica. Será pois mister que os Seis cheguem a acordo sobre este ponto: que eles se deem quitação a si próprios pelo trabalho passado e que aceitem as modalidades de um novo passo em frente. Após o que a passagem para a segunda etapa terá sido possibilitada.

Que se passará se os países membros — que serão talvez mais numerosos que hoje — não chegarem a entendimento? Até ao fim do ano de 1975 não se passará nada; os mecanismos de cooperação económica, financeira e monetária, postos em acção durante a primeira etapa continuarão a funcionar normalmente. O conselho regulou a cláusula de prudência reclamada por Carl Schiller (de tal mo-

do que ele possa dispor de um prazo de dois anos para restabelecer a situação, melhorar a coordenação das políticas económicas dos estados-membros, negociar, com vista a determinar quais serão as condições de vida em comum durante a etapa seguinte.

Na falta de acordo ao fim destes dois anos, ou seja, cinco anos após a entrada em vigor do programa, ficou entendido que as disposições tomadas para assegurar a cooperação monetária não seriam prorrogadas.

Teríamos aí evidentemente, o reconhecimento de uma falência, a prova de que a Comunidade deve continuar a ser apenas uma união alfandegária, a prova de que a falta aos seus Governos a vontade política de vencer os obstáculos que a separam da integração económica e monetária.

● **A fase final** — Tendo em conta os pensamentos reservados de uns e de outros foi esse, como se sabe, o ponto sobre o qual houve mais dificuldade de se chegar a entendimento. Que se passará em 1978 ou 1980 no termo do processo que agora se iniciou? É claro que era muito difícil adivinhar hoje, com certa precisão, as características que a união terá amanhã. Isso depende de um número considerável de factores internos e externos à Comunidade, e, nomeadamente, da maneira como se organizará a adesão da Inglaterra e dos outros países candidatos. Os Seis só podiam, pois, esboçar, a traços largos, o contorno dessa fase final. Os franceses já há muito tinham admitido que a gestão da união implicaria que os Estados renunciassem, em benefício da Comunidade, um número apreciável de atribuições e responsabilidades que detêm em matéria económica e monetária. Mas Paris considerava prematuro e pouco razoável procurar precisar com dez anos de antecipação quais as instituições que beneficiariam dessa transferência dos poderes. O velho diferendo institucional ressurgiria entre a França e os seus parceiros foi aplanado de maneira sensata pois foi decidido que «as instituições da Comunidade seriam postas em condições de exercer as suas responsabilidades em matéria económica e monetária com eficácia e rapidez». Eis uma fórmula que não prejudica coisa nenhuma mas que indica, no entanto com clareza que a França está decidida, quando chegar o momento, a não se furtar às consequências institucionais da união.

Na etapa final, serão fixadas as paridades monetárias entre os países membros. Convém notar que daqui até lá, e, em todo o caso, no decurso da primeira etapa, cada um deles mantém a liberdade de modificar a paridade da sua moeda.

PH. L.

TAP um modo de viajar

para novos destinos...

CANADÁ

A partir de 1 de Abril

A TAP oferece-lhe mais um destino: MONTREAL. Mais rico de cor e de contrastes. Coberto de florestas infindáveis, a folha de acer — uma das 150 variedades de árvores ali existentes — inspirou a bandeira nacional do CANADA, como um símbolo tradicional e de modernidade.

• 2.ª, 5.ª e sábados

O CANADA espera-o, pois, para os seus negócios, para uma viagem de turismo, ou ainda, para uma nova vida! 3 vezes por semana* a TAP voará consigo para MONTREAL, oferecendo-lhe as comodidades e atencões do seu habitual serviço de bordo — apreciado e conhecido em todo o mundo. Viaje em boa companhia...
...viaje com a TAP.

MARCA 70

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS
PORTUGUESES

através do mundo
em boa companhia

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

OS PÁSSAROS

RIO DE JANEIRO



COMÉDIA QUE NÃO É DE ARISTÓFANES

Por CHIANCA DE GARCIA

ACREDITEM. Sucedeu um negócio que me deixou profundamente perturbado. Não aqui no Rio mas na capital pernambucana (embora haja indícios de que a moda vai chegar até cá). A Polícia, isto é, alguns delegados de polícia resolveram com lírica violência acabar com os pássaros encarcerados. Invadiram jardins e domicílios, gritando:

— Chega, pássaro é para ser livre!

Então arrombaram viveiros e destruíram gaiolas, entre lamúrias domésticas, enquanto as avesitas, há muito aristocratizadas, fugiam possesadas num susto de quem julga escapar de bíblica degolação dos inocentes...

DOIS

Pois é. Estejam vocês de acordo ou não, a verdade é que gaiola sem pássaro é como pauta de música sem notas. Gaiola que perdeu seu pássaro é livro de onde se apagou todo o texto impresso. Etc. e tal. O certo é que um pássaro posto à solta vira um destes crioulinhos esfarrapados que de noite tentam vender seus pacotinhos de amendoim torrado. Ou melhor. Posso até jurar que a gaiola é para o pássaro o que são, para os nossos cérebros, nossas piadas, nossas bossas, nossos sarros, nossas dicas, nossos queixumes, nossas perfídias, nossas maluquices, nossas ideias fixas, que vivem enclausuradas comendo a alpista do nosso bom comportamento social. De aí foi um passo para chegar à conclusão de que as nossas cabeças estão cheias de passarinhos. Acreditem, o negócio do Recife deixou-me profundamente perturbado.

Cai em transe. E logo vi surgir diante de mim uma austera senhora da Sociedade Protectora dos Animais, que depois de quebrar o guarda-chuva na minha pinha, gritou:

— Vamos, carcereiro da indignidade, bota cá para fora os teus passarinhos... Acho que perdi os sentidos.

TRÊS

Porque a verdade é esta: cadê os sabiões, os cardiais, as patativas, os canários da terra, que foram expulsos das suas gaiolas, lá no Recife? Mas se o seu destino me aflige, cadê agora o destino dos meus passarinhos que a dama da Protectora acaba de expulsar da minha pobre cabeça? Estou desacordado. Mas vejo-os em sobreposição, como naquele velho filme do Hitchcock, rondando ávidos em volta de mim, como querendo vampirizar-me. E a minha cuca esvaindo-se. Vazia, vazia...

QUATRO

Vocês não conhecem o curió? É um pássaro inteligente, divertido, que tem a astúcia das habilidades e das acrobacias. No Brasil chega a cantar direitinho o hino nacional. Mas por todas as américas há várias espécies e variedades de curiós. Todos se entendendo perfeitamente. Pois de repente saindo, de um salto, do buraco aberto na minha cabeça, veio o meu curió particular dizer ao meu ouvido:

— Aproveito e vou embora, bicho. Vou espalhar a revolução na América Latina...

— Tu és louco, curió? Não te convenci há muito dos perigos de ser subversivo?

— Qual o quê. Não há perigo. Vou apenas pôr em música textos oficiais. Textos que não se referem só ao Brasil mas a toda a Sul-América...

— Deixa disso...

— Deixo nada. Olha só este texto do Miguel Angel Asturias que foi Prémio Nobel anos atrás. Diz ele: «Nós não podemos ocultar quem são os culpados da exploração em que vivem os nossos povos. São aqueles que levam tudo dos nossos países por um dólar, e que nos vendem meses depois por cinco dólares!»

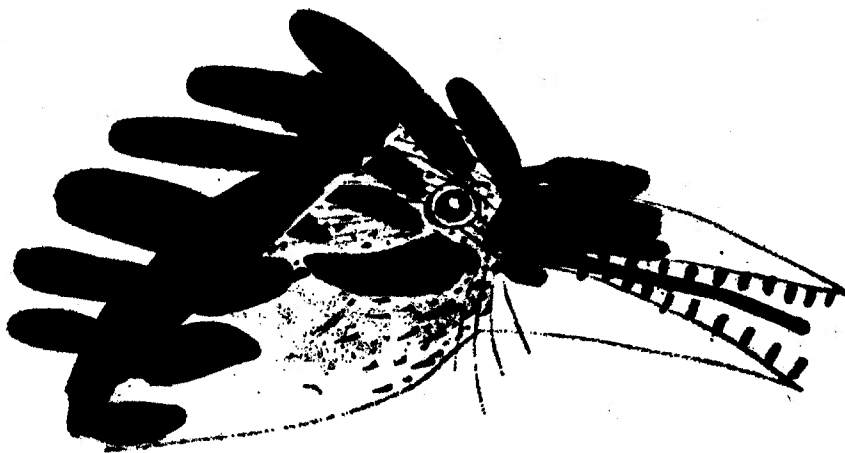
— Não te mete nisso, curió...

— Meto. E meto apoiado num recente discurso de um ilustre ministro do nosso Brasil, o ilustre Jarbas Passarinho. Você não leu o que ele disse ontem? Então, escuta: — «O inimigo comum e cruel dos países latino-americanos é o subdesenvolvimento que até há pouco via subordinados os seus interesses económicos aos interesses das poderosas nações estrangeiras...»

rar que, seja como for, a reforma agrária vai começar agora e, precisamente pelo Nordeste? Está entendendo? Depois desta, estou preparado para deixar para sempre essa tua cuca receosa das verdades fundamentais...

— Não é nada disso, não...

Mas o quê? O curió já era apenas um pontinho negro que desaparecia no céu em fogo



CINCO

Mas a passarada, agora indecisa, voltava em volta do meu crânio fendido. Graúnas, Mainás, Patativas. Hesitavam ante o destino a tomar. Foi quando um casalinho de periquitos foi pousar exactamente sobre o número 70 da revista *Colóquio*, gentilmente enviada de Lisboa pela Fundação Gulbenkian...

— Bonita capa. Parece feita com as nossas penas...

— Acham?

— Podemos folhear?

Era o belo e rico volume dedicado especialmente a Almada Negreiros. Foram virando as páginas. Acharam lindo o cavallinho emplumado. Mulheres. Marinheiros. Pescadores. Navios. Mastros. Velas...

— É assim Portugal?

Falei-lhes de Almada Negreiros. Da sua obra. Do seu génio. Da sua época...

— E estes artigos? São bons?

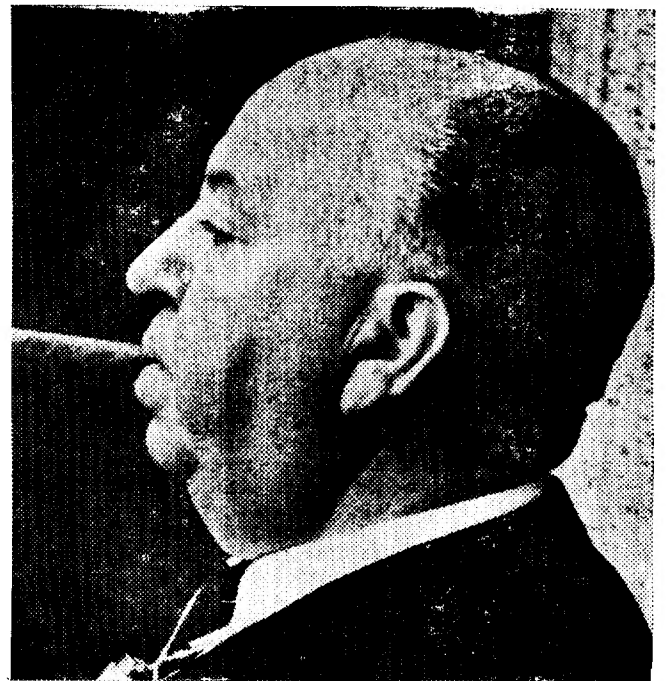
— São óptimos. Mas há um de alguém de que nunca ouvira falar e é bacana mesmo. Chama-se Ernesto de Sousa, e escreveu um trabalho admirável intitulado *Chegar depois de todos*. Vou procurar conhecer melhor Ernesto de Sousa.

— Escuta, porque é que você, nos seus artigos, nunca falou em nós, os periquitos?

— Prefiro sempre contar histórias de papagaios. São mais maliciosas.

Amuados, levantaram voo e foram incorporar-se a um bloco carnavalesco que passava lá em baixo, na rua, cantando o *Periquinho Verde*...

Foi aí que o corvo, eterno insatisfeito que se esconde no recesso de todos os nossos crânios desceu para o meu ombro e disse na sua voz fanhosa:



Em sobreposição, como no velho filme de Hitchcock...

— Olha aí. Porque é que essa revista só dedica os seus números a grandes figuras mortas? Três a seguir. O professor Reinaldo. O José Régio. Agora o Almada. Não seria justo dedicar alguns números a grandes figuras vivas?

— Cita nomes...

— Há tantos. Por exemplo, o seu amigo Zé Gomes, onde, na sua poesia, há meio século da dor humana no nosso tempo. Ou então em campo abosolutamente oposto. Ferreira de Castro que tem, ou teve, em decénios de luta e esforço, romances traduzidos em todo o mundo. E estão vivos, caramba! Vivos!

— Ora corvo, deixa de ser corvo. Tá?

SEIS

— Posso falar? indagou um rouxinol escondido dentro de mim desde os tempos de Bernardim Ribeiro. E acrescentou:

— Você leu o *Jornal do Brasil* de ontem? Pois aproveite. Está à venda um título de nobreza, com brasão e tudo, datado de 1563. Aqui mesmo no Rio de Janeiro. É o único existente no país. Quem o adquirir passa a ter o direito de se assinar visconde...

— Mas quem o vende?

— Uma pobre senhora, descendente dessa nobre família mas que se encontra na maior miséria. Compre o título, amigo. Aproveite. Valorize-se. Passe a assinar Visconde. Você não escreve no *«Diário de Lisboa»*. Não é metido a cronista?

— E de aí?

— Então Camilo Castelo Branco e esse era escritor de verdade, não se fez visconde no fim da vida? Faça o mesmo...

SETE

Claro que nem dei resposta. Foi quando vi diante de mim a olhar-me, mordaz, o melro.

— E tu para onde vais? indaguei.

— Eu? respondeu o melro. E eu caio nessa de sair da tua cabeça? Nesse negócio tem cascata, como se diz em giria. Que troço é esse de dar liberdade aos pássaros, se vocês, os homens, não conseguem nem sequer liberdade para vacas próprias?

E o melro, que não era o de Junqueiro, entrou de novo calmamente na minha cuca.

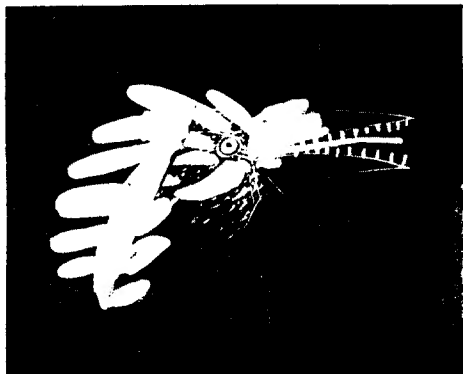
Fevereiro, vésperas de Carnaval de 71.

LUÍS AMADO

Em 18 de de Dezembro recebi carta deste poeta. Respondi, mesmo antes do Natal. Pois bem, traz-me agora o correio devolvido, o invólucro da minha resposta (não quis escrever sobredito, nem envelope) onde entre mil gatafunhos os correios do seu bairro (?) não souberam encontrá-lo. Por favor, confirme o seu endereço. E mesmo rua Gaspar Gomes, 41, 1.º, Dt.º? Como é que devolvem a carta, aliás registada, considerando você como inexistente? Penso que há qualquer coisa de errado no correio de Que-luz.

Para correspondência:

Rua Fernando Mendes, 23, ap. 908, Copacabana, G. B.



EDWARD KENNEDY:

O MAIS AMEAÇADO DOS SENADORES AMERICANOS

Por KEN CLAWSON

Todas as tardes, o senador Edward Kennedy faz uma chamada telefónica muito importante: telefona ao filho, Teddy Junior, que vive na sua casa de McLean, no Estado de Virginia, a fim de lhe falar da escola e do que pode interessar uma criança de nove anos. Mas estas comunicações telefónicas quotidianas têm outro objectivo: tranquilizar o jovem Kennedy, o qual não acredita que seu pai, o último dos irmãos Kennedy, chegará a casa são e salvo, após ter deixado o escritório.

Não se trata de uma tarefa fácil para um homem que crê ser perseguido de perto pela morte. Sete anos depois do assassinio do presidente Kennedy, em Dallas, e cerca de três anos após o do senador Robert Kennedy, em Los Angeles, o senador Edward Kennedy é, frequentemente advertido de que poderá ser o próximo a morrer.

Este temor constante de que «alguém» possa estar a perseguir o senador Kennedy é um dos aspectos mais frequentemente abordados nas discussões travadas pelas pessoas mais ligadas a Edward Kennedy, acerca do seu futuro político, muito embora este afirme que não se deixará paralisar por este temor.

INQUÉRITOS RIGOROSOS

Depois do presidente Nixon e do vice-presidente, o senador Kennedy é quem, nos Estados Unidos, recebe maior número de ameaças de morte.



Convém também dizer que é mais vigiado pelos serviços secretos e pelo F. B. I. do que qualquer outra personalidade oficial que não faça parte da Casa Branca. Kennedy não é protegido pelos serviços secretos, em virtude de tal não estar previsto na lei. Todavia, as ameaças que recebe são objecto de rigorosos inquéritos dos serviços de segurança, os quais estão convencidos de que o presidente e o vice-presidente são indirectamente visados, através dele.

O exame dos contactos dos servi-

ços secretos com os senadores americanos, desde 1964, revela que Kennedy foi três vezes mais ameaçado do que qualquer outro senador. Eleito senador do Estado de Massachusetts, em 1962, o senador Kennedy foi, desde 1964, objecto de 355 ameaças que justificaram a intervenção dos serviços secretos.

As ameaças não visam uma ideologia particular: o antigo senador Eugene McCarthy foi contactado 99 vezes pelos serviços secretos e o senador Barry Goldwater 94 vezes, de-

vido a ameaças. O presidente e o vice-presidente recebem, julga-se, cerca de quinze ameaças ou de mensagens injuriosas por mês.

No caso de Kennedy, o senador não chega a ver esta correspondência, a qual é interceptada pelos seus colaboradores e classificada num «dossier» especial.

NUMEROSAS PRECAUÇÕES

Esta correspondência compreende, pelo menos, cem vezes por ano, uma ameaça de morte, rapto ou agressão a Kennedy ou a um membro da sua família. Muitas vezes, estas cartas terminam com a advertência de que «nunca a infelicidade bate à porta duas vezes sem bater terceira». «Os seus irmãos tiveram o que mereciam. Você será o próximo.»

Quando o senador Kennedy se desloca em viagem a outros Estados norte-americanos, toma numerosas precauções: um dos seus colaboradores contacta a polícia local em todos os sítios aonde tenciona ir, alertando os agentes do F. B. I., particularmente depois de o presidente Nixon ter assinado a lei que torna crime federal toda e qualquer agressão contra um funcionário ou um eleito federal. Esta lei, proposta pelo senador Byrd, que desapossou o senador Kennedy de «leader» adjunto da maioria, no passado mês, tinha sido desfavoravelmente acolhida pelo senador do Massachusetts, em virtude de prever a pena de morte.

A maneira como o senador Kennedy assistiu, em Abril último, às cerimónias comemorativas do primeiro aniversário da morte do pastor Martin Luther King, em Memphis, constitui um exemplo do seu comportamento em tais circunstâncias: depois de ter recusado o convite de lhe fora transmitido, o senador Kennedy partiu para férias na Florida. Mais tarde, sem se fazer anunciar, deslocou-se inesperadamente a Memphis.

Deste modo, Kennedy mostra ter em consideração um axioma dos serviços secretos, segundo o qual um assassinio nunca é espontâneo, mas sim premeditado.

QUANDO A IRREVERÊNCIA ATINGE A MÃE DOS PARLAMENTOS

Por ALFRED FRIENDLY

A mãe dos parlamentos foi atormentada, recentemente, por crianças traquinas. Estas estavam cansadas e de mau humor e deviam ter ido para a cama, mas ficaram de pé até às 5 e 26 da manhã.

Entoaram canções sanguinárias e obstinadas e algumas delas chegaram a empurrar as mães, de maneira que a mãe está a pensar em castigá-las por terem sido rapazes e raparigas desobedientes.

Foi tudo muito complicado e talvez seja melhor começar pelo princípio.

O motivo da controvérsia é o projecto de lei sobre as relações industriais, que os conservadores, cuja cor é azul e que formam o governo, querem a todo o custo em virtude de estarem convencidos de que fará com que os sindicatos deixem de ordenar greves que não estejam de acordo com os regulamentos. Mas os trabalhadores, cuja cor é o vermelho, não gostam nada do projecto de lei em questão, na medida em que são amigos dos sindicatos (o que é sugerido, aliás, pela semelhança dos nomes: «Labour Party» e «Labour Unions»).

RECURSO AOS «TELLER VOTES»

Mas, no Parlamento, o número dos azuis é superior ao dos vermelhos, e aqueles têm poder para fazer aprovar o projecto de lei, a despeito do que os trabalhistas, em minoria, possam fazer. Todavia, os trabalhistas decidiram dificultar ao máximo a tarefa dos conservadores e imaginaram uma «maldade» a fim de prole-

rem a resolução do problema pelo tempo que lhes for possível.

Os conservadores, contra-atacaram recorrendo à guilhotina, que não é uma coisa tão terrível como à primeira vista parece, assemelhando-se, um pouco, à «lei do encerramento» norte-americana. Trata-se, pura e simplesmente, de um limite do número de cláusulas propostas que podem ser debatidas, além de um corte no período de tempo concedido.

Era agora a vez dos jovens trabalhistas, pelo que eles decidiram forçar a votação de todas as cláusulas, quer tivessem sido discutidas ou não. Deste modo, era-lhes possível mostrar aos seus amigos dos sindicatos que também eles odiavam o projecto de lei — é importante para os trabalhistas estarem em boas relações com os sindicatos — e que estavam a fazer tudo o que podiam para lutar contra ele.

Foi com este propósito que começaram a insistir nos chamados «teller votes», o que está perfeitamente de acordo com os regulamentos e consiste em passar através de uma porta «sim» ou uma porta «não», em longas filas.

Ao todo, forçaram 22 «teller votes», cada um dos quais leva cerca de 10 minutos, tendo chegado à triségima primeira cláusula do projecto de lei, o qual conta 150 cláusulas.

Todavia, de manhã cedo, já ninguém se estava a comportar convenientemente. Muitos dos rapazes desfilavam descalços o que é considerado indelicado, jogando xadrez enquanto aguardavam. Então, inesperadamente, começaram a entoar a sua canção escolar, intitulada «A bandeira vermelha», adaptada à música de «Maryland, my Maryland».

Algumas das palavras são grosseiras, ou, pelo menos, mal-humoradas.

A sr.^a Barbara Castle, que é uma das mais importantes rapariguinhas da facção vermelha, juntou-se aos manifestantes, enquanto que os outros jovens se arvoraram em maestros e dirigiram o coro. A seguir foi entoado o hino «We shall overcome» (Vencermos), o qual foi aumentando de intensidade até que alguém observou acertadamente que faziam lembrar um coro galês. Os azuis, cuja atitude era trocista, começaram a atirar moedas aos cantores.

PRIVILÉGIO OU AGRESSÃO?

Pior ainda, segundo se soube no dia seguinte foi o facto de o juiz, a quem chamam «Mr. Speaker», ter recebido queixa de que alguns dos rapazes tinham empurrado os porteiros durante os «teller votes», quando estes tentavam fechar as portas sempre que o juiz proferia a palavra «time». Assim, todos os jovens concordaram em submeter o assunto à Comissão de Privilegios, a fim de que esta decidisse se empurrar os porteiros constitui um privilégio, ou se, pelo contrário, representa «agressão física».

No dia seguinte, o Parlamento entregou-se a outro género de jogo, no qual muitos jovens não estavam interessados, pelo que foram cedendo para a cama, como convém a crianças bem educadas. Mas, dois dias depois, estavam de volta para se entregarem ao mesmo «ritual», durante a discussão do projecto de lei sobre as relações industriais.

LONDRES

